

do mundo, virando-se para sua Mãe, a quem só chamou com o nome de Mulher, por medo de que o nome de Mãe agravasse mais a sua dor: Mulher, disse elle, exahi o vosso filho: (mostrava-lhe a S. Joã, assim com a lingua, como com os olhos, que erã as unicas partes do seu corpo, das quaes lhe não poderaõ impedir o uso) exaqui quem substituo em meu lugar, para vos fazer daqui por diante todos os officios de hum bom filho. E lançando depois os olhos para o Discipulo: Exahi vossa Mãe (lhe diz elle, mostrando-lhe a Senhora) honrai-a, tende cuidado della depois de minha morte, e servi-a como a vossa Mãe.

Ao meio dia, o Sol de repente se obscureceu, e este milagroso eclipse cobrio toda a terra de espessas trevas, como se todo o Universo, sentindo a morte de seu Creator, quizesse vestir-se de luto. As trevas duraraõ até ás tres horas da tarde, para fazer assim sentir a todos os homens, que a natureza não tinha parte neste successo, e que só succedia isto para annunciar, digamo lo assim, a toda a terra a morte do Creator.

Em fim o Filho de Deos, para nos dar a ultima prova do seu amor pelo excesso de seus tormentos, quiz privar-se até o ultimo momento de toda a consolação, que elle podia alcançar de seu Pai. Para nos fazer comprehender o lamentavel estado, a que queria ser reduzido até o ultimo momento, e para que entendessemos bem, que queria beber o caliz sem consolação, sem doçura alguma, e com toda a sua amargura, clamou com hum tom cheio de ternura: Meu Deos, meu Deos, como pudestes deixar a vosso Filho em tão grandes tormentos, sem a menor consolação, como se o tivesséis desamparado? Vós quizestes todo o meu sangue para a redempção dos

dos homens, recebei ainda estas ultimas gotas, que correm destas Chagas, as quaes saõ outras tantas bocas, que vos estaõ pedindo misericordia para todo o genero humano.

Neste mesmo tempo, querendo completar, até a menor circumstancia, tudo o que d'elle estava prophetizado nas Escripturas, disse: Eu tenho fede. Palavras, que mais significão o seu ardente desejo da nossa felicidade, do que alguma alteraçã da natureza. A estas palavras, hum dos algozes enõpa em hum vaso cheio de vinagre humã esponja, e a poem na ponta de humã cana, e a chega á boca adoravel de Jesu, dizendo por escarneo: Vejamos agora se Elias virá tira-lo da Cruz. As dôres, e os opprobrios acompanhã a Jesu até o ultimo suspiro.

O Salvador, que quèria morrer cheio de desprezo, e cheio de amargura, em satisfaçã das nossas vaidades, e das nossas delicias peccaminosas, naõ recusou tomar esta bebida, ainda que mui amargosa: e logo depois, vendo que já estavaõ executadas as determinaçoens do Ceo, a Justiça Divina plenamente satisfeita, os Oraculos dos Profetas verificados, a obra da Redempçaõ do mundo completa, pagas todas as dividas dos homens, e o seu amor excessivo para com estes mesmos homens satisfeito, disse com huma voz submissa: Está tudo consumado. E ao mesmo tempo inclinando a sua cabeça para assim consummar o seu Sacrificio, poz como em depozi-to a sua Alma entre as maõs de seu Pai, dizendo: Meu Pai, eu entrego a minha Alma nas vossas maõs. E no mesmo momento expirou.

Oh meu doce Jesu! e que naõ possa eu aqui morrer de amor por vós, ou ao menos de arrependimento, e de dôr de meus peccados, que vos custaraõ a vida!

Sentio-se entãõ hum tremor de terra univêrsal ; o véo , que separava as duas partes do Templo , se rasgou pelo meio ; os rochedos se abriãõ ; até se viraõ abrir as sepulturas ; e o que ainda he mais maravilhoso effeito da morte do Salvador , os coraçõens mais endurecidos se deixaraõ mover , e se abrandaraõ ; os Judeos se retiraraõ dando mostras de dôr , e de arrependimento ; e o Centuriaõ , e os seus bradaraõ dizendo : Este homem era verdadeiramente o Filho de Deos : *Vere Filius Dei erat iste.*

Ah Senhor ! que caro vos custei eu ! Por quam grande preço remistes a minha alma , oh meu doce Jesu ! E poderei eu ver-vos pendente nessa Cruz , e não misturar as minhas lagrimas com o vosso sangue ? Poderei lembrar-me que os meus peccados vos pregaraõ nella , e ter ainda dôr taõ pequena das minhas infidelidades ? Os coraçõens mais duros se abrandaraõ em fim com a vossa morte , e só o meu ficará insensivel ? Não , meu Divino Jesu , não : eu sinto em mim o effeito da vossa graça ; o meu coraçãõ já se rende a hum objecto taõ penetrante , e taõ terno : lembrai-vos que promettestes , que quando fosseis exaltado na Cruz , attrahirieis tudo a vós ; exaqui estou eu prompto para seguir-vos , completai em mim o vosso Oraculo : este coraçãõ já não vos rezistirá mais , já não farei aquelle ingrato , e aquelle rebelde. Senhor , vós morrestes por mim : eu só quero viver para vós.

II. PONTO.

*Reflexoens sobre o que se passou na morte de nosso
Senhor Jesu Christo.*

Considéra este homem de dores, farto de bps próbrios, descarnado a golpes de açoutes; como o mais infame ladrao; e como o mais vil escravo: este homem ultrajado, atormentado deshumanamente até á morte; e finalmente encravado sobre huma Cruz, onde expira. Considéra que este homem he o nosso Deos; que elle se poz neste estado só por amor de nós; que elle estende as maos a todos os peccadores; que seus braços abertos querem abraçar todos os homens; e seu sangue, e sua morte saõ o preço da minha alma; e eu mesmo sou o objecto do seu ardente, e insaciavel amor.

Creio, e confesso que este homem crucificado he o meu Deos; e ainda vivo tranquillamente entre delicias? Lançando eu os olhos para esta Cruz, vejo até que excessõ me ama Jesu Christo; e posso eu ainda ama-lo tao pouco?

Vê a Jesu Christo pendente na Cruz, e considéra quanto elle nos amou. Exaqui o que elle padeceu para nos obrigar a ama-lo por obrigação, e por hum respeitozo, e terno agradecimento: e por ventura conseguiu o que intentava?

Fallamos, e ouvimos fallar na Paixaõ de Jesu Christo; meditamos na sua morte com tanta insensibilidade, como se isto fora huma cousa fingida, ou ao menos, como se fora a paixao, e morte de hum homem desconhecido, na qual tivessemos tanta parte, como em outros muitos successos, succedidos nos primeiros seculos. Fizemos acazo já em algum tempo reflexoens sérias nesta insensibilidade, e nesta indifferença, e mon-

truosa frouxidão? He esta huma cousa tão contraria ao nosso juizo, e á Religião; que dá bem materia, e bem causa para nos perguntarem se somos Christãos, e se somos racionaveis.

Ah! se o mais vil escravo soffresse por mim o menor tormento, se tivesse sido toda huma noute o ludibrio de hum montão de malvados, se fosse inhumanamente descarnado a grandes golpes de açoutes por amor de mim, cravado em huma cruz para me salvar a vida; poderia eu deixar de o amar, e de me mostrar agradecido para com elle, de lhe mostrar ao menos alguns signaes de compaixão? E se tivesse o seu retrato na minha presença, e o visse representado neste cruel supplicio expirando por amor de mim, ficaria eu totalmente insensivel, e poderia, ao menos quando o visse, deixar de dizer: Ah! este pobre infeliz me amava muito; e não seria tão infeliz, se me tivesse amado menos!

Pois só, ó meu Deos, as admiraveis mostras de amor, que vós tendes para comigo, não haão de mover o meu coração? Sou racionavel, prudente, sensivel, agradecido aos menores beneficios recebidos das creaturas: e a respeito do sangue de hum Deos, espalhado para expiar todos os meus peccados, a respeito da morte de hum Deos, a que estava unida minha salvação, ferei duro, insensivel, desagradecido?

Não são estes bastantes serviços para nos obrigar a ama-lo? Não he este hum grande beneficio? Ora vejamos se podemos achar algum beneficio mais essencial, de maior importancia, mais desinteressado, concedido por algum Senhor mais poderoso, e que tenha custado mais.

Na verdade podemos-nos ter por homens de juizo? E se assim he, que uzo fazemos nós delle? Ah! vejo com os olhos enxutos a imagem
de

de Jesu crucificado ! Não sinto algum movimento de ternura á vista deste objecto , nenhum affecto de agradecimento ; hum Crucifixo hoje he hum ornamento , e huma alfaia de huma camera ; admira-se nelle o trabalho , e louva-se a habilidade do Artifice , estima-se a riqueza do material : e exaqui todo o effeito , que produz hum Crucifixo diante dos olhos de hum Christão.

Oh meu Divino Salvador ! augmentai a justa indignação , que sinto contra mim mesmo , com a triste lembrança de huma taõ pertinaz , e obstinada insensibilidade. Vossos inimigos foraõ todos movidos , quando vos viraõ expirar sobre a Cruz : eu adoro-vos pendente nesta Cruz como meu Salvador , reconhecendo-vos nella por meu Pai , e com tudo ainda vos vejo nella cravado , com o coração duro , e insensivel !

Que espectáculo ! ver a Jesu Christo encurvar-se , e gemer debaixo da pezada Cruz , que leva em seus hombros ! Elle podia representar aos barbaros , que se o obrigassem a levar a Cruz , não teriaõ o gosto de o ver morrer com infamia , e que certamente acabaria debaixo daquelle peso : mas o prazer , que tem , de obedecer até á morte , lhe dá novas forças ; elle a toma em seus hombros , sem dizer palavra.

Meu Deos , e como confunde este exemplo a nossa cobardia , e condemna claramente as nossas izençoens , e as nossas escuzas ! Ha mil pretextos para nos izentarmos da lei ; o temor de huma imaginada difficuldade faz que nos dispensemos do preceito : sim , queremos ter a Jesu por Salvador , mas não gostamos de o ter por Mestre , ou ao menos , as suas liçoens saõ pouco ouvidas , e os seus exemplos menos seguidos.

Oh ! quem nos poderia descobrir quaes foraõ os movimentos de vosso coração , ó meu Divino

vino Salvador, quando viste a Cruz, objecto dos vossos mais ardentes, e mais vivos desejos? e quaes forão os vossos sentimentos quando vós mesmo levastes aquelle altar, em que havieis de consummar o vosso Sacrificio? E que diferentes, Senhor, são os meus sentimentos dos vossos, á vista das afrontas, que mereço, e das cruces, que se me offerecem, de que eu fujo tão cobardemente!

Mas que multidão de dôres, de tristezas, de tormentos, de ignominias cerca a Jesu Christo expirando no Calvario! Despem-no antes de o extenderem na Cruz, para renovarem neste momento todos os tormentos da sua Paixão, renovando, e abrindo todas as suas Chagas. Este sagrado corpo tinha já perdido todo o seu sangue; mas tinha ainda todos os nervos: para os descarnarem por huma vez, abrem seus pés, e suas mãos com grossos cravos, e o encravaõ sobre esta cama de dôr. Conceivei toda a extensão destas dôres: comprehendei, se he possivel, toda a crueldade deste terrivel supplicio!

Parece que elle quer soffrer a cada instante todas as dôres juntas. Huma Cruz levantada com frequentes empuxoens, hum corpo, que peza, e que está carregando sobre as suas Chagas, suspenso só por tres cravos, esta representação faz horror: e este he o estado, em que Jesu passa as ultimas três horas da sua vida.

Os opprobrios, e as injurias, que lhe fazem, igualão ao excessõ das dôres, que soffre: não morre, senão depois de estar farto dellas. Mas para que he, meu adoravel Salvador, para que he huma morte tão dolorosa, e tão infame? Vosso Pai não pede estes excessos: não he necessario tanto para remedio das miseraveis creaturas: isto he superabundante para confundir a minha soberba, pa-

ra reprimir o amor das delicias mundanas, para abrandar a dureza do coração mais barbaro, e faze-lo menos inimigo da Cruz, e dos trabalhos: mas por ventura he isto bastante para mover o meu coração? E não podemos dizer que os maiores males do Filho de Deos, expirando na Cruz, são os que se conhecem menos? A afflicção do coração de Jesu he hum Oceano de amarguras, onde se ajuntão todas as dôres ainda do corpo, no qual está o seu Divino coração como submergido: quando no meio de todos estes tormentos, no momento, em que estava para expirar, se lhe representa o pequeno numero dos escolhidos, que se hão de aproveitar da sua morte; e por outra parte vê ao mesmo tempo aquella multidão de reprobos, por quem elle tambem morre, e que com tudo hão de fazer para si esta sua morte inutil: aquelles o consolão, mas estes o affligem excessivamente.

Senhor, vos me tivestes naquella hora presente á vossa memoria, e ainda mais no vosso coração: seria então eu para vós hum objecto de consolação, ou hum novo motivo de tristeza? Eu o posso agora saber, a minha sincera conversação me pôde segurar do estado, em que então apparecia a vossos olhos. Certamente eu me consolarei por não ter sido confundido nessa multidão de ingratos, que vos causavaõ naquelle ultimo instante huma tão mortal tristeza: sei que vós detejastes, e quizestes ter todo este meu coração. Ah! vós peeis bem pouco, depois de ter feito tantas liberalidades; exaqui Senhor, eu vo-lo entrego toda sem reserva. Vós quereis hum coração contrito; eu confesso que elle não o está bastante; mas espero que assim como com a vossa morte se abrião as sepulturas, e os rochedos estalaraõ, não será o meu coração mais duro, que

as pedras; e ainda que elle já o fosse mais, vós o ferireis agora com este golpe.

O Salvador fez da sua Cruz huma cadeira: e só basta olharmos para elle neste lugar, para aprendermos as lições, que nos está dando.

Quer inspirar-nos horror á vida frouxa, e delicioza, tão opposta á vida Christã; as suas mesmas Chagas nos estão dando esta lição. E temos atéqui tirado muito proveito destas lições? Temos sido atéqui muito dóceis a ellas?

Quer-nos causar hum total desprezo das honras: quer que a humildade seja a virtude fundamental dos Christãos. Os opprobrios da sua Paixão, e as ignominias da sua morte nos estão dizendo isto mesmo; e entendemos nós esta linguagem? Comprehendemos acaso bem o verdadeiro sentido desta lição?

Elle quer ensinar nos a soffrer com paciencia as maiores adversidades; quer obrigar-nos a perder de boa vontade as mais atrozes injurias: está dando esta lição tão necessaria, e de tanta importancia, padecendo elle mesmo os mais terribes tormentos, sem dizer palavra, e pedindo a seu Pai ternissimamente que perdoe a sua morte aos seus inimigos: e estamos por ventura bem instruidos sobre esta verdade? E esta lição tão sabida, e tão clara, faz grande impressão no espirito, e no coração de todos aquelles, que se chamão Discipulos de Jesu Christo?

Finalmente este amavel Salvador quiz que ficassemos bem persuadidos que elle nos amava; soffreu tormentos com o maior excessõ, morreu com infamia pendente em huma Cruz, para nos dar manifestas provas do seu amor: e que vos parece? Ainda não são bastantes para nos convencer? Certamente ellas convencerão inteiramente a mais de dezoito milhoens de Martyres, que der-

derramaraõ o seu sangue por elle, e a essa numerosa multidãõ de Santos de todos os estados, e de todo o sexo, que o amaraõ com fidelidade, e com ternura. E tem obrado em nos o mesmo effeito estas grandes provas do seu amor? Nõs estamos taõ obrigados a este Senhor, como aquelles Santos: e temos para elle a mesma ternura, o mesmo amor? Mas se nõs naõ lhe formos mais fideis, do que atéqui, de que servirá ter sabido, que os outros o amaraõ, e lhe foraõ agradecidos?

Ainda que todos tivessem muito horror á Cruz, e a olhassem como o mais infame de todos os supplicios; desde que o Filho de Deos se quiz carregar della, e quiz morrer sobre a Cruz; se fez para todos os Christãos a origem das suas esperanças, e singular objecto da sua veneraçãõ. Donde procede que os opprobrios, e trabalhos naõ produzem entre os Christãos o mesmo effeito, tendo-os o Salvador santificado igualmente pela sua escolha? Elle mesmo naõ escolheu a Cruz, fenaõ por causa das grandes afrontas, e tormentos, que hia achar neste cruel supplicio: He porque há huma grande distancia entre honrar, e soffrer. Ah Senhor! de que nos servirá ter honrado a vossa Cruz, se naõ quizermos ter parte nos vossos abatimentos, e nos vossos trabalhos? Seremos reconhecidos por vossos Discipulos, ó meu doce Jesu, vivendo em delicias, e prazeres? Oh como he verdade que aquelle, que naõ leva a sua cruz, naõ he digno de vós!

Oh que agradavel objecto, e que consolaçãõ naõ he a imagem de Jesu crucificado, para quem tem vivido conforme a este Divino modelo! E que grande, e animosa confiança acha neste Divino objecto na sua ultima hora huma pessoa, que tem vivido huma vida crucificada!

Mas

Mas servirá de muita consolação a vista de hum Crucifixo áquelle, a quem a penitencia faz horror; a quem a vida Christã he hum pezado jugo; a quem a mortificação he hum supplicio? Appresentaráõ aos olhos desse moribando hum Crucifixo, mas será para lhe reprehender a sua vida delicada, e licenciosa: para lhe reprehender o desprezo, que fez das suas graças, e o pouco fructo, ou nenhum, que tirou da sua morte.

Appresentar-nos haõ no fim da vida a nossos olhos, Jesu morrendo pelo nosso amor. Isto na verdade he de muita consolação, e capaz de nos assegurar contra os horrores da morte, e contra a severidade do Soberano Juiz. Mas havemos ve-lo sobre huma Cruz, dizendo-nos por tantas bocas, quantas saõ as suas Chagas, o que elle obrou, e padeceu por amor de nós, e o que nós deviamos tambem obrar pelo seu amor. Ah meu doce, meu Divino Jesu! dissei-me hoje com effecacia tudo aquillo, de que naquella hora me accuzaráõ as vossas Chagas sem fructo. Tudo em vós me falla, e me está dando liçoens sobre essa Cruz, meu Divino Mestre: mas tambem ao mesmo tempo tudo me reprehende a minha dureza, e a minha ingraticidão.

Quid ultra debui facere tibi, & non feci? Reprehendei-me continuamente, dizendo-me: Que pude eu fazer para tua salvação, que o não teinha obrado? Que mais era necessario para te persuadir quanto te amo, e para te obrigar a me amares?

Ah Senhor! eu confesso que tendes feito mais, do que eu mesmo me atreveria a esperar, e mais, do que posso comprehender: e por vós, ó meu Deos, que tenho eu feito?

Quid ultra debui facere, & non feci. Que devia eu fazer mais para te dar a conhecer a malicia

licia do peccado, e para te encher de horror del-
le, para te fazer condemnar as maximas do mun-
do, aborrecer os seus prazeres, e delicias, para
te inspirar hum amor sincero á penitencia, hu-
ma invencivel, e inalteravel paciencia nas adver-
sidades, huma humildade sincera, e sem fingi-
mento, hũ amor terno aos inimigos sem dissimula-
ção, e finalmente huma virtude pura, e constan-
te? Que outro caminho mais efficaç podia eu to-
mar, que o da Cruz? Que lição te podia dar
mais clara, e mais intelligivel, que a do meu
exemplo? Que podia, dize-me, fazer para te ga-
nhar o coração, que o não tenha feito? E que
has tu podido fazer para me ultrajar, para me
desagradar, que o não tenhas feito?

A tudo isto, e outras muitas semelhantes
reprehensoens, ó meu divino Redemptor, não
posso responder, senão com arrependimentos, e
com lagrimas.

Peccavi in Cælum, & coram te. Exaqui,
Senhor, tudo o que posso dizer: Sim pequei, eu
o confesso; e com esta sincera confissão busco a
minha salvação. Confesso que sou o mais ingra-
to de todos os homens: pequei, meu doce Jesu;
não me lanceis mais em rosto as desordens da
minha vida: as vossas reprehensões não poderão
nunca exceder ás que eu sinto no meu coração.

Que desordem viver nas delicias adorando a
hum Deos crucificado! Crer tudo o que Jesu Chris-
to padeceo por amor de mim, e não ter tido até-
qui mais, que tibieza para com Jesu Christo!
Ver muitas vezes no dia a Jesu Christo crucifi-
cado, e sempre com os olhos seccos! Saber que
o peccado o poz na Cruz, e commetter todos os
dias novos peccados! Na verdade parece incrível:
e este he o meu modo de viver! E que fructo
tirarei desta confissão? *Peccavi*: sim, Pai meu,

conheço que pequei ; vós me podeis condemnar eternamente , eu o tenho merecido : mas vede que he hum filho o que implora a vossa misericordia , que sou huma obra das vossas mãos , e o preço do vosso sangue , a quem quereis destruir , e perder. Ah ! isto só he capaz de pacificar a vossa colera : quando considero o que eu vos custei , por mui culpado que me veja , não posso deixar de esperar o perdão de todos os meus peccados. Sim , meu amavel Salvador , quando vos vejo nessa Cruz ; o numero , e enormidade de meus peccados , assim he que augmenta a minha dôr , mas não diminue a minha confiança : *Propitiaberis peccato meo , multum est enim.* Por mui grande que seja o numero das minhas iniquidades , vós tendes satisfeito abundantemente as minhas dividas , e atrevo-me eu a dizer , que a vossa misericordia nunca triunfa mais , do que quando perdoa aos maiores peccadores.

Vossa justa colera , Padre Eterno , está prompta a descarregar contra este ingrato , e não podereis olhar-me senão com os olhos cheios de indignação : mas consenti , que vos apresente á vossa vista o vosso amado Filho , em quem tendes todas as vossas complacencias : *Respice in faciem Christi tui.* Podereis deixar de abrandar a vossa colera á vista deste Divino objecto ?

Vedes vós , Senhor , o seu rosto amorticido , a cabeça coroada de espinhos , os seus pés , e suas mãos traspassadas com duros cravos , todo o seu adoravel corpo descarnado , o seu precioso sangue espalhado ? Exaqui , Pai Eterno , o penhor da minha salvação , e o preço da minha alma ; exaqui a victima sacrificada por mim , que eu vos apresento ; exaqui o sacrificio de propiciação , que elle mesmo vos offerece por minhas culpas : podereis não ficar ainda satisfeito ?

Con-

Confesso, ó meu Deos, que as minhas iniquidades são maiores, do que eu mesmo posso dizer, do que sinto, e ainda, do que posso comprehender. Confesso, que o pertinaz desprezo, que tenho feito das vossas graças, e o abuso dos mais proprios meios de me converter, são huns grandes obstaculos contra mim: bem sinto, que não posso racionalmente desculpar-me com a minha propria fraqueza, e miseria, nem allegar em meu favor a violencia das minhas tentações; a minha propria consciencia me está condemnando: por tanto não me fica outro recurso mais, que as Chagas de meu Redemptor: *Respice in faciem Christi tui*: exaqui tudo o que tenho para vos apresentar; vede se os vossos raios podem passar por entre este mediador, vede se a vossa colera contra mim póde perseverar, appresentando-vos eu esta victima: eu me abrigo, e procuro o meu refugio nessa Cruz; nessa mesma Cruz quero viver, e espero que haveis de fazer-me a graça de morrer amando, abraçando, e beijando esta Cruz.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de
Abril.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO

*Da Resurreição de N. Senhor Jesu
Christo.*

I. P O N T O.

*O que se passou na Resurreição de Nosso Senhor
Jesu Christo.*

Considera com que valor, e com que zelo aquellas santas mulheres, que tinham seguido a Jesu Christo até o Calvario, se apressaram para lhe renderem os ultimos obsequios ainda na mesma sepultura. Ellas se resolveram a preparar preciosos perfumes para embalsamar aquelle Divino Corpo segunda vez: mas com tudo, por mui grande, que fosse o seu ancioso cuidado, dilataram este obsequio até depois da Festa, attendendo menos á sua devoção particular, do que á observancia da Lei: tal costuma ser sempre o espirito da verdadeira piedade, e de huma sólida devoção.

Neste tempo os inimigos do Salvador, a quem temiam ainda na sepultura, quizeram tomar todas as precauções possiveis para tirar todo o pretexto a quaesquer rumores, que se espalhassem

fem da sua Ressurreiçãõ: e estas mesmas precauçoens fizeraõ indubitavel a verdade da sua Ressurreiçãõ.

Os Principes dos Sacerdotes, e os Fariseus; ainda naõ contentes com que o corpo do Salvador estivesse enterrado em hum sepulchro formado em huma rocha, e coberto com huma pedra, que muitos homens juntos apenas poderiaõ mover, quizerãõ ainda que se pozesse nesta pedra hum sello, e vigiasse continuamente ao redor do sepulchro huma companhia de soldados, para impedirem que alguem entrasse nelle.

Mas, ó meu Deos, que fraca he a prudencia humana! Como he cega quando pertende oppor-se aos vossos delignios! E que produziraõ todos estes cuidados? Ah! nada podia melhor ensinar a toda a terra a Profecia de Jesu Christo sobre a sua Ressurreiçãõ ao terceiro dia, e cousa nenhuma podia melhor provar, que elle verdadeiramente tinha refuseitado.

Desde a tarde do dia do Sabbado, isto he, hum pouco depois das seis horas, que era conforme os Judeus a primeira hora do dia seguinte, Maria Magdalena, Maria mãi de Santiago, e Salomé foraõ comprar tudo o que era necessario para embalsemar o Corpo do Salvador.

A impaciencia, com que estavaõ de fazer-lhe este seu ultimo obsequio, fez que sabissiem de sua casa antes de ser dia (tanto animo, e fervor inspira o amor de Jesu Christo) só huma cousa as embarça. Quem nos tirará a pedra, diziaõ ellas, que fecha a entrada do sepulchro?

Com tudo, este obstaculo naõ as demorou; para que vejamos claramente, que nada defanima, nada enfastia, nada parece muito difficultoso a quem ama verdadeiramente a Deos.

No momento, em que ellas chegavaõ, quan-

do

do o Sol já se divisava no horizonte, tornando-se a unir a seu Corpo a alma de Jesu Christo, resuscitou este Divino Salvador glorioso, e immortal, penetrando milagrosamente a pedra do sepulchro sem a mover, e sem fazer nella alguma abertura. No mesmo tempo tremeu a terra: e hum Anjo, que veio do Ceo, tendo tirado a pedra, que fechava o sepulchro, se assentou sobre ella.

O resplendor do seu rosto, e a brancura dos seus vestidos faziaõ cegar. Todas estas maravilhas atemorisaõ de tal sorte os guardas, que cahiraõ por terra como mortos; e tornando hum pouco em si, fugiraõ logo.

Na verdade as fies servas de Jesu Christo, ao principio pareceraõ ficar penetradas de algum temor; mas o Anjo as animou logo. Não temais, lhes diz elle. A turbação, e o temor he só para os peccadores; porém a paz, e confiança fazem o caracter das almas justas. Sei que buscais a Jesu, que foi crucificado: elle resuscitou; assim he, não está aqui. Deste modo soccedê, que o mesmo, que turba, e enche de medo aos máos, consola, e enche maravilhosamente de gosto, e alegria as almas santas.

Mas que alegria, que regozijo, quando, tendo ellas mesmas entrado no sepulchro para se convencerem da verdade com seus proprios olhos, não acharaõ alli outra cousa mais, que o lençol, em que o seu Divino Mestre tinha sido sepultado? Com que pressa, com que transporte de alegria correm a Jerusalem a levar aos Discipulos huma nova taõ agradável? Contaõ o que viraõ; e a extraordinaria alegria, que em seus rostos transluzia, he huma prova bem sensível da verdade, que annunciaõ.

Meu Deos, que sentimentos de alegria occu-
pa.

pariaõ entaõ os coraçõens de todos os Discipulos ! O testemunho taõ positivo destas pias mulheres , dá noyo animo á sua fé ; a alegria lhes dá esforço ; a sua esperança se renova ; e sã duvidaõ , porque he maior o seu peso , que a sua fé. Todos se querem certificar por si mesmõs de huma verdade de tanta consolaçaõ : correm logo ao sepulchro ; e voltando d'elle , confirmaõ tudo , o que as santas mulheres tinhaõ referido.

Nã se pôde duvidar , que a Sacratissima Virgem fosse a primeira , a quem o Divino Salvador appareceu depois da sua gloriosa Resurreiçaõ. Quem poderá comprehender a alegria , e jubilo , de que foi toda cheia esta ternissima Mãe , á vista do glorioso triunfo de hum tal Filho ?

Oh , e como he verdade , que Deos tarda bem pouco tempo em consolar aos que o amaõ ; e que o gosto , de que elle os enche ainda nesta vida , suavisa maravilhosamente as suas cruces ! A dôr , que os Discipulos tiveraõ , vendo morrer sobre a Cruz a seu bom Mestre , tinha sido na verdade grande ; mas a alegria , e o gosto de o ver resuscitado he muito superior : a dôr , e a tristeza duraraõ tres dias , mas a sua alegria nunca terá fim : tal he a forte das pessoas virtuosas. Meu Deos , como dariaõ os parabens a si mesmõs nesta occasiaõ os Discipulos de Jesu Christo , por lhe haverem sido fieis ? E ao mesmo tempo , quanto abominariaõ elles a perfidia de Judas , e o seu desgraçado fim ?

Que insultos , que opprobriõs nã lhes tinha sido preciso soffrer em quanto durou a vida , e a Paixaõ do seu Divino Mestre ? Eraõ tidos por homens simplicies , despreziveis , que se tinhaõ deixado enganar loucamente por hum embusteiro , todos andavaõ escondidos , nem se atreviaõ a apparecer : que transportes de alegria pura ,

e completa, vendo o seu Divino Mestre resuscitado! Aquelle, que era tido por hum embusteiro, he o Filho de Deos; este Jesu he o Salvador, e o Messias: que consolação por terem abraçado a sua doutrina! Que alegria por não o ter desamparado como outros muitos! e ao mesmo tempo, que affectos de ternura, e de agradecimento, por terem sido escolhidos para Discipulos deste Divino Redemptor!

A nossa fé, a nossa esperança, podião elles dizer applaudindo-se da sua feliz sorte, não era huma loucura, como o mundo cuidava, mas huma verdadeira sabedoria; o nosso apêgo, e o nosso amor para com a sua adoravel pessoa, não era alguma preocupação ridicula, mas huma obrigação indispensavel. Tratarão-nos com o maior desprezo, como opprobrio da nossa Nação: qual será daqui por diante a veneração, com que todo o mundo nos tratará até o fim dos seculos? Deste modo fallavaõ então os Apostolos; e assim fallão ainda hoje todos os Santos.

O mundo tão inimigo de Jesu Christo, como os Judeos, trata da mesma sorte, que estes perfidos, aquelle bom Senhor, e aos seus servos. Discipulos generosos, e fieis, que duras, e despreziveis murmurações tendes para soffrer dos mundanos! Que desprezos! que afrontas, e calumnias! Compadem-se de vós como de espiritos pequenos, e rusticos, e como indignos do commercio dos homens. Ralhão, e murmurão da vossa exactidão em cumprir as menores obrigações de Christão: a vossa piedade he tida por fraqueza de espirito; sois o ludibrio, e para o dizer assim, a fabula dos mundanos. Ah! tende huma pouca de paciencia: a Paixão, a Morte, a Sepultura do vosso Divino Modelo não durou mais, que quatro dias, nem ainda foraõ in-

teiros;

têiros : e a gloriosa Resurreiçãõ , que a isto se seguiu , não há de ter já mais fim. Quando vos achardes no primeiro momento da Eternidade , podereis ter dôr de ter sido perfeitos Christãos ? Pesar-vos-há da vossa exaetidaõ em encher todas as obrigaçoens do vosso estado ? Affligir-vos-há o não terdes condescendido com as lisonjeiras follicitaçoens dos mundanos ?

Ah meu Deos ; e meu Senhor ! quando comprehenderemos com a mesma facilidade , com que o sentimos , que a verdadeira felicidade he o premio daquelles , que vos servem , e que he louco quem toma outro partido ? Mas necessariamente o comprehenderemos no outro mundo. Porém , que dura cousa he conhecer o nosso erro , depois de nos haver perdido sem remedio !

Em quanto os Discipulos , e as santas mulheres voltaõ a Jerusaleem transportadas de alegria , allegando todas algumas razoens particulares , as quaes servem de nova prova a esta maravilha ; Magdalenã mais abraçada , que as outras no desejo de tornar a ver a Jesu Christo , fica só á entrada do sepulchro. As lagrimas , que está derramando , bem declaraõ o que ella quer. Olha huma , e muitas vezes para o sepulchro ; ella se abaixa para examinar de mais perto , e sempre lhe parece , que se tem enganado. Vê alli assentados sobre o sepulchro dous Anjos vestidos de branco , que lhe dizem : Mulher , porque choras ? Qualquer outra se teria mudado , e se deixaria cegar com o esplendor , que brilhava no rosto , e nos vestidos destes Inviados do Senhor : mas nada lhe pôde occupar o lugar do Deos , que ella buscava. Ai , lhes responde ella , eu choro , estou toda inconsolavel , porque levaraõ daqui o Corpo do meu Mestre , e do meu Senhor , e não sei onde o puzeraõ.

Apenas diz estas palavras, quando voltando-se, vio diante de si o seu Divino Salvador, a quem ella buscava: porém ao principio o não pôde conhecer. Quando se ama a Deos verdadeiramente, e se busca com hum fervor puro, e sincero, não se gasta muito tempo em achalo.

O Salvador lhe pergunta da mesma sorte que os Anjos, qual era a causa das suas lagrimas, e a quem buscava? Ella, que estava só occupada toda do seu Deos, o teve pelo jardineiro: e, semelhante áquelles, que lhes parece, que os de mais cuidaõ naquillo, que elles amaõ, e de que estaõ occupados, lhe diz ella: Se vós o levastes, dizei-me onde o puzestes, pois eu o hirei buscar a qualquer parte, que esteja, e o levarei comigo.

O amor de Deos nada encontra impossivel: huma caridade generosa, e ardente, vence as maiores difficuldades; nem ainda attende aos maiores obstáculos.

Mas, oh meu doce Jesu, e que difficultoso he que vos occulteis por muito tempo a hum coraçãõ, que vos ama com ternura! O Filho de Deos não fez mais, que chama-la pelo seu nome, Maria: e ao mesmo tempo esta fiel serva, reconhecendo a voz do seu Divino Pastor, clama: Ah meu Mestre!

Concebei agora, se he possivel, quaes seriaõ entãõ os transportes de alegria desta Santa amante: foi necessario, que o mesmo Salvador os moderasse. Deste modo, aquelle bom Senhor se apresfa a recompensar tão vantajosamente a generosa perseverança da sua fiel serva.

Ao mesmo tempo, os inimigos de Jesu Christo ficarãõ todos atemorizados, só com a relaçaõ, que os guardas fazem das maravilhas desta Ressurreiçaõ. E não direis vós que estes obstinados

se renderiaõ a esta verdade conhecida? De nenhuma forte. Fazem-se com isto ainda mais obstinados na sua pertinacia: e em lugar de reconhecerem o Messias por hum signal taõ evidente, só cuidaõ em occultar a verdade, que a seu pesar lhes he descoberta. Tanto he verdade, que o espirito he enganado pelo coraçãõ: e que quando as paixoens dominaõ a alma, com difficuldade se recebem luzes da Fé.

Affim he, meu Divino Salvador, pois dede, que o coraçãõ está corrompido, a Fé está vacillante! Movei este coraçãõ, purificai-o, para que a minha fé se augmente. Eu tenho sido até-qui muito infiel; e a minha tibieza no vosso serviço, he huma triste prova da minha fé pouco viva.

Mas, meu doce Jesu, vós no dia do vosso glorioso triunfo, naõ deixastes de derramar as vossas graças com abundancia sobre os vossos Discipulos; ainda que a sua cobardia fosse huma prova sensível da sua pouca fé, os resplandores do vosso glorioso Corpo dissiparaõ as suas trevas. Com este exemplo, Senhor, cresce a minha confiança, e me faz esperar ter a mesma felicidade.

Sim, meu amavel, e meu Divino Redemptor, a vossa Resurreiçãõ naõ sómente he o fundamento da nossa Fé, ella he tambem como a fonte das nossas esperanças: ainda que o vosso Corpo seja todo glorioso, immortal, e impassível, quizestes com tudo conservar os signaes das vossas Chagas para continuamente despertar a minha confiança, e excitar o meu agradecimento, e o meu amor. Creio que estais resuscitado; e espero que me haveis de resuscitar a mim algum dia: fazei, que seja para ir estar na vossa presença eternamente com vosco.

II. PONTO.

Reflexões sobre algumas circumstancias da Resurreição de nosso Senhor Jesu Christo.

Confidéra , que a Resurreição do Salvador não sómente he o fundamento da nossa Fé , e das nossas esperanças ; mas tambem o modelo da resurreição espirital de huma alma , e a imagem de huma verdadeira conversão.

Por mui aspero , e por mui desagradavel , que seja o caminho , por onde Jesu Christo caminhou , o fim , aonde este caminho o conduzio , o recompensa completamente dos seus trabalhos.

Confidéra tudo o que Jesu Christo soffreu na sua vida mortal ; a que lamentavel estado havia reduzido a morte o seu Corpo na sua Paixão. E que mudado se vê agora na sua Resurreição.

Confidéra como aquelle mesmo , que tinha sido humilhado , cheio , e coberto de opprobrios , está agora rodeado de gloria , declarado Rei das Nações , e Senhor de todo o Universo. Já não apparecem das suas Chagas , mais que brilhantes cicatrizes , que elle conserva para animar nossas esperanças , e nossa Fé : para confundir seus inimigos , e para servirem de eternos monumentos da sua victoria. Em lugar de hum Povo , que o regeitou , e não quiz conhecer ; em lugar de hum Apostolo , que o entregou , quantas Nações sujeitas ás suas leis ! Que milhoens de Martyres , que o tem confessado na presença dos Tyrannos , a pesar das suas ameaças , e dos seus tormentos ! Por huma Cruz , que Altares erigidos em sua honra ; e sobre quantos Altares exaltada esta mesma Cruz ! Pois só pelo caminho dos trabalhos , e das afrontas , Jesu Christo chegou a esta gloria : não
fere-

seremos bem dignos de compaixão, se nos lisonjeamos que podemos chegar ali por outros caminhos?

Jesu Christo resuscitado tem o mesmo Corpo, que tinha dantes; mas este mesmo corpo tem qualidades muito differentes.

A impassibilidade poem a Jesu Christo em estado de não poder padecer. Quando experimentaremos nós huma tranquillidade inalteravel de espirito, huma admiravel paz de coração, e huma feliz insensibilidade a todos os accidentes da vida? Pois este he o fructo de huma verdadeira Resurreição.

A agilidade, a claridade, e a subtiliza são as qualidades proprias do corpo de Jesu Christo, depois da sua Resurreição; elle fica totalmente izento da morte. E quando, ó meu Deos, terá a minha resurreição os mesmos privilegios? Com effeito, se for verdadeira, há de ter os mesmos effeitos.

Experimentamos acaço em nós a facilidade, a promptidão, e fervor, com que huma alma, que vive huma vida nova, cuida em executar as ordens de Deos, e em tudo o que crê poder agradar a este Senhor.

Aquella abundancia de luzes sobrenaturaes, que illustra o entendimento, he fructo do Espirito Santo, com o qual somos animados: e tem sido a nossa resurreição acompanhada deste dom?

Sentimos em nós aquelle desapego maravilhoso, que causa a vida nova na alma, fazendo a superior a todos os bens creados, e insensivel ás impressões, que fazem ordinariamente sobre os sentidos os objectos exteriores?

Finalmente estão as paixões apagadas, mortificadas, e menos vivas? Achamos o nosso prazer só nas maximas de Jesu Christo? Está o nos-

so coração occupado todo de Deos? Temo-nos fortalecido contra as recaídas? Tudo isto he necessariamente o fructo de huma resurreição espirital. Por ventura houve jámais resurreição, em que não precedesse huma morte? E quem vive ainda huma vida mundana, póde lisonjear-se, que goza dos fructos da resurreição? E que ardente he no serviço de Deos huma alma, que vive huma vida sobrenatural!

Vede o zelo, e fervor daquellas santas mulheres, para renderem as ultimas honras ao seu Divino Mestre: mas observai, que sómente aquellas, que o tinhaõ seguido até o Calvario, e cuja fidelidade foi provada, e examinada com as ignominias da sua Cruz, se apressaõ a honra lo.

Que animo, que valor, inspira o amor de Deos! E quanto importa o ser fiel nas adversidades! Meu Deos, que liberal sois, que prompto a recompensar, e premiar aquelles, que vos amaõ com ternura! E que damnosa nos he a cobardia, com que vos seguimos!

S. Joã nunca tinha desamparado a seu Divino Mestre, e he o primeiro, que foi ao sepulchro. Que ligeira caminha huma alma pura! Só o amor das creaturas nos cansa, nos faz pesados, e nos demora no serviço do Senhor. Andamos frouxos, andamos de rastos toda a nossa vida no caminho da Perfeição; e devemo-nos admirar, se chegamos a ella muito tarde, e se sentimos nelle todos os dias novos trabalhos?

Continuamente nos queixamos do nosso pouco adiantamento. E que esforços fazemos, meu Deos, para termos este adiantamento? Que fervores saõ os nossos? Que provas damos do nosso animo?

Hum sem numero de imaginadas difficuldades nos demoraõ, mil fantasmas vaõs nos desanimaõ:
sempre

fempre nos parece, digamo-lo affim, que temos hum inimigo terrivel para vencer, hum grande peso para levar, ou algum novo obstaculo para romper. Muitos nem ainda se atrevem por-se a caminho, com temor de algum dia voltarem pelos mefmos passos. Se aquellas fantas mulheres, se aquelles fervorosos Discipulos, não houvessem tido para com Jesu Christo mais fidelidade, nem mais animo, do que nós, teriaõ recebido delle tantos beneficios? Teriaõ sido testemunhas de tantas maravilhas?

Vêde na Magdalena huma verdadeira imagem de huma alma perfeitamente convertida; de huma alma generosa, e ardente; de hum coração abrasado todo de amor de Deos.

Que santa paciencia lhe não inspira, o ardente desejo de tornar a ver a Jesu Christo! Gasta muito tempo em deliberar-se, se se há de pôr a caminho para o buscar? Por ventura cuida ella, como a maior parte das almas cobardes, que sempre o achará, logo, e a toda a hora? Foi necessario toda a auctoridade da lei para moderar o seu ardor: o respeito, que teve ao dia de Sabbado, suspendeu os seus fervores, e o seu zelo; e esta mesma demora não lhe servio mais, do que para fazer crescer o ardor dos seus desejos. Que diligencias, que viveza não inspira o amor de Deos, para cumprirmos as obrigaçõens da Religiaõ! E que pouco se temem os maiores obstaculos, quando se ama muito!

Apenas acaba o dia de Sabbado, poem-se logo a caminho, vai ainda antes de nascer o Sol; o seu zelo lhe serve de guia por entre as trevas da noute. Dá por ventura atençaõ á sua delicadeza? Dá ouvidos áquella natural timidez do seu sexo, e outras muitas falsas razoens, que se representam á sua imaginaçãõ, para a despersuadi-

rem

rem do seu intento? Huma piedade menos sólida, hum amor de Deos menos puro, seria menos generoso, e ter-se-hia deixado persuadir destas falsas razoens: mas quando se seguem efficazmente os attractivos da Graça, pouco se condescende com as razoens, e sentimentos humanos. Deos não quer animos inconstantes, e irresolutos, que estão sempre vacillantes sobre a sua conversão. Deos regeita, e lança fóra de si essas almas tibias; esses coraçãoes tímidos, que parece só confiã nas suas proprias forças: essas meias vontades, que só servem de atordir-nos, e de nos entreterem com seus enganos.

Mas por ventura esta santa amante não previa as difficuldades, e ignorava os obstaculos, que havia? Tudo isto bem previa certamente. Apenas se poem ella a caminho, quando logo cuida em quem lhe levantaria a pedra, que cobria o sepulchro. Este invencivel obstaculo era certamente capaz de fazer voltar a huma mulher ainda moça: hum corpo de soldados, huma pedra de hum excessivo peso, o sello do Principe no mesmo sepulchro, eraõ bem poderosas razoens, para não a deixarem ir mais longe. Sim, para aquelle, que só tem huma fé vacillante, e hum amor de Deos tibio, e frouxo; mas para aquelle, que ama a Deos sem reserva, que não busca mais que a Deos, a confiança neste Senhor lhe inspira hum valor maravilhoso; e nella tem todas as coufas, e acaba tudo quanto deseja.

He bem verdade, que nada obriga mais ao Senhor a fazer milagres, do que hum amor generoso, e huma fé viva. A Magdalena não se demorou com o temor de achar os soldados, que a impedissem chegar-se ao sepulchro, nem com a impossibilidade de poder ella só tirar huma pedra, que muitos homens juntos não a poderiaõ mover.

mover. E apenas está determinada a não fazer caso destes obstáculos, logo os soldados fogem todos, e o sepulchro se abre.

Deste modo se aplinaõ os maiores obstáculos, e desaparecem as difficuldades mais invenciveis; se huma pessoa toma a resolução de as vencer, e assim que Deos vê, que o buscaõ com ardor, animo, e sinceramente.

O Senhor tambem não tarda a fazer-se sentir a huma alma fervorosa. Jesu Christo se apresenta á Magdalena em figura de hum Hortelão. Deos toma prazer em esconder-se: tanto desejo tem elle de ver crescer os nossos fervores, e o nosso zelo.

Senhor, lhe diz ella, se vós o levastes daqui, dissei-me por mercê onde o puzestes, e eu o hirei buscar. Ella não nomea aquelle a quem busca: porque quando temos o coração cheio de alguma cousa, parece-nos, que todos cuidaõ naquillo mesmo, de que estamos occupados.

Huma mulher só, fraca, sem soccorro algum, espera levar hum corpo tão pesado, e tira-lo contra a prohibiçaõ do Governador, e á vista de toda a Cidade. O amor de Deos não sómente inspira animo, mas tambem dá forças: e como se poem toda a confiança na Graça, quanto mais hum he fraco, mais poderoso se faz. Desde que huma alma busca só a Deos, se desvanece o respeito humano: teme-se bem pouco desagradar aos homens, quando só se quer agradar a Deos.

Oh, e que liberal, e promptamente he recompensada huma perseverança no serviço de Deos! Os cuidados fervorosos, o zelo, os desejos, e as lagrimas desta Santa amante, obrigaõ o Salvador a que a venha consolar; ella o reconhece pela voz. Oh meu Deos, quaes seriaõ

os transportes de amor , os sentimentos de respeito , e de agradecimento desta bemdita alma naquelle feliz momento !

Nós não experimentamos favores semelhantes, porque somos tibios , e cobardes no serviço de Deos : porque o amamos pouco , e nem ainda nos atreveremos a affirmar , que o amamos verdadeiramente. Quizeramos ser todos de Deos , se elle se contentasse com hum coração dividido entre elle , e o mundo ; isto he , se quizesse ser servido á nossa vontade , e não confôrme ao que elle nos pede : quizeramos chegar á Perfeição , porém pelo caminho , que nos agradasse. Queremos , que a prudencia humana nos sirva de guia : e como só nos estribamos nas proprias forças , por isso perdemos o animo com a menor difficuldade.

Isto são desejos bem estereis , projectos bem frivolos de conversão , que não servem mais , que de adormecer huma alma na sua tibieza. Que ganha huma pessoa em cegar-se a si mesmo , para não ver o seu perigo ? Deixamo-nos ficar perpetuamente irresolutos , e indeterminados , como se houvera outro partido , que tomar : assim como quando se duvida em materia de Fé , não ha fé alguma ; assim tambem quando se delibêra em materia de penitencia , não ha conversão.

Não permittais , Senhor , que me succeda esta desgraça. A minha cobardia , a minha perguença atéqui no vosso serviço , dá-me motivo para remer muito ; mas ao mesmo tempo a confiança , que sinto na vossa misericordia , me dá grandes esperanças. Com vezes tenho querido pôr-me a caminho para vos buscar , e outras tantas tornei pelos mesmos passos , atemorizado com difficuldades fantasticas , e com vaes obstaculos : a minha cobardia , e a minha pouca fé tem augmentado
a mi-

a minha puzillanidade. Huma maior confiança na vossa Bondade ter-me-hia inspirado mais força, e me teria feito sentir os efeitos dos vossos auxilios. Agora, que me dais esta graça, e que me dais esta confiança, e sinto pela vossa misericordia mais vontade, ao que me parece, eu não me atreverei a duvidar que a minha resolução seja efficaz, e que ao mesmo tempo sejais vós toda a minha força, assim como sois o unico objecto do meu amor: *Diligam te, Domine, fortitudo mea.*

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Abril.

Da felicidade dos Santos no Ceo.

I. PONTO.

No Ceo he huma alma perpetuamente feliz: considera que pudera não o ser; e sabe que o ha de ser eternamente.

Considera que felicidade he a dos Santos no Ceo. He tal, que não temos termos bastantes para a fazer conhecer, nem podemos obrar muito para a merecer.

Nada ha no mundo, que possa fazer-nos conhecer os immensos bens, que elles alli gozão; mas conhecemos muito bem os males, de que estão izentos. Queres comprehender alguma cousa da felicidade da outra vida? Considera quanto está livre de todas as miserias desta presente.

Dóres, tristezas, enfermidades, temores, inquietudes

quietações, afflicções, tudo isto está longe da feliz habitação dos Bemaventurados. Não ha nesta Santa Cidade cousa, que dê afflicção; huma alegria pura, e completa; huma paz inalteravel reina na Jerusalem Celestial. Ah Senhor! quem pôde cá na terra comprehender as ineffaveis doçuras, que gozão os vossos escolhidos no Ceo.

Não sómente ha alli tudo, o que se deseja, mas tambem tudo, o que he necessario, para não haver mais desejo algum. O coração está cheio, a alma farta. He huma torrente, hum Oceano de delicias puras, de que os Bemaventurados estão todos inundados. Não são sómente todos os bens juntos, que fazem esta felicidade, mas he a fonte mesma de todos os bens; he a Omnipotencia de Deos; he a posse do mesmo Deos, que faz o principal, e todo o fundo desta felicidade, que se não pôde imaginar. Não he propriamente a gloria do Senhor, que entra no coração dos Santos; seria este para ella hum espaço muito estreito, estaria ali muito apertada: mas he a alma dos Bemaventurados, que deliciosamente se perde, para o dizer assim, na gloria do Senhor, isto he, na Bemaventurança de Deos.

Se huma só consolação interior, huma graça, faz que experimentemos doçuras ineffaveis neste valle de lagrimas, que nos tira toda a amargura dos nossos trabalhos, e faz leves as mais pesadas cruces; e aos mesmos Martyres lhes faz achar hum verdadeiro prazer no meio dos mais crueis tormentos; que será no Ceo, aonde as consolações, as delicias espirituas não se gozão huma a huma, mas todas juntas! Hum Deos, a quem a creação do Universo não custou nada, emprega a sua Omnipotencia para fazer huma alma perfeitamente feliz.

Consideremos em hum dia eterno, e sempre
novos

novo ; hum dia delicioso , sempre sereno , sem pre tranquillo ; a sociedade mais doce das pessoas mais perfectas : que alegria podia haver mais sensivel , e mais doce , do que gosar na terra por alguns momentos da presenca visivel dos Anjos , da Rainha dos Anjos , e de Jesu Christo ? No Ceo naõ sómente veremos eternamente a Sacratissima Virgem , e Jesu Christo , sem os perder jámais de vista , mas veremos ao mesmo Deos , naõ já entre as trevas da Fé , mas na claridade do dia mais puro , e no mais excellente resplendor da sua Magestade ; naõ já como hum enigma , e em hum longo apartamento , mas de perto , e face a face. Desde a creaçõ do mundo naõ cessaõ os Anjos de o contemplar ; e seria para elles a maior , e mais terrivel desgraça , serem privados hum momento da sua presenca.

Comprehende , se he possivel , que alegria produz esta vista clara , e distincta , esta vista intima de Deos , e de hum Deos amigo , de hum Deos Pai ! Que viva impressã faz sobre huma alma , e que inteiramente fica occupada , arrebatada , e transportada !

A posse dos bens caducos causa fastio ; porque todo o gosto , que nelles ha , he limitado ; e apenas se possuem , logo deixaõ de agradar , e se fazem aborrecidos : porém Deos como he de huma perfeiçã infinita , quanto mais se possui , mais se gosta delle : nenhum fastio ha na morada dos Bemaventurados ; a mesma fartura excita o appetite. *Semper avidi , & semper pleni.*

Finalmente nem os olhos viraõ jámais couza alguma , que iguale ao que Deos tem preparado aos seus escolhidos ; os ouvidos nunca ouviraõ semelhantes maravilhas ; o entendimento naõ póde penetrar , nem subir taõ alto.

Digamos que hum Bemaventurado , submergido

gido na immensidade Divina, nadará em torrentes de delicias : digamos com o Profeta , que estará elle mesmo revestido della , penetrado , e como inebriado ; expressoens bem fracas , idéas bem pouco verosimeis. Temos dito tudo , o que o entendimento pôde discorrer desta incomprehenfivel felicidade ; mas ainda nada dizemos do que ella he.

Exaqui qual ha de ser a minha fórte , se me salvar ; exaqui qual ha de ser a minha herança. E pôde a minha ambição ter outro objecto , e posso gostar de outro prazer , posso cuidar em outra fortuna ?

Imagina cá na terra tudo , o que pôde contribuir a fazer hum homem perfeitamente feliz. Ajunta todos os thesouros do Universo , toda a magnificencia do seculo , todas as honras , e prazeres : une todas as coroas do mundo para fazer hum só Monarca de todo o Universo : separa ainda desta idéa de fecilidade tudo , o que pôde dar pena , ainda que isto seja inseparavel desta vida : nunca lhe poderás separar a certeza de morrer algum dia , e ver acabar com a morte huma vida tão feliz.

No Ceo somos perfeitamente felices , e estamos seguros que nunca havemos de deixar de o ser : o mundo acabará , e depois de milhoens , e milhoens de seculos , não terá ainda corrido hum só momento desta feliz Eternidade. Oh meu Deus , e que doce he possuir-vos sem temor de vos perder jámais ! E que delicioso , e de quanta consolação he este pensamento : Sou feliz , e sempre o serei ! Tenho tudo , o que posso desejar ; nada ha , que possa daqui por diante turbar a minha felicidade ; o meu coração trasborda de huma alegria pura , e perfeita , e esta alegria não tem fim. Finalmente sou Santo , Bemaventurado , e o serei eterna-

eternamente! Ah Senhor! posso ser tudo isto; posso dizer tudo isto, e não faço, em quanto estou no mundo, quanto cabe nas minhas forças, por vir a ter algum dia a felicidade de o poder dizer, e de o poder considerar!

Não he menor prazer para os Bemaventurados no Ceo, considerar, que são perfeitamente felices, e que pudéram não o ser. Que parabens nos não damos a nós mesmos, por ter sido constantes em hum negocio de grande importancia? Bom Deos, quanto nos alegramos quando estamos já no porto, considerando os rochedos, por onde passámos, e as tempestades, que padecemos!

Que alegria maior, e mais sensível, que a de hum victorioso, que depois de ser recebido em triumpho na sua Capital Cidade, e vendo-se no valimento mais elevado junto do Principe, considera tranquillamente nos perigos, em que estava de perder a batalha, se tivesse sido menos vigilante, ou menos valeroso? E se em lugar de vigiar continuamente o inimigo, e velar contra os seus assaltos, e astucias, se entregasse todo a seus gostos, considera elle então: Estes prazeres estariaõ a esta hora passados; os dias de fadiga, que tivesse, teriaõ desaparecido, como outros muitos: e que me restaria agora mais, que huma infamia eterna, á qual todas as afflicções de huma vida triste, e obscura, não poderiaõ remediar?

E no Ceo considera-se com hum prazer indizível, em todos os funestos perigos, a que se esteve exposto na terra, e dos quaes, com o socorro da Divina Graça, escapámos felizmente.

Então se vê, e se sente bem de que consequencia era o negocio da salvação. Perder a alma he perder o Paraizo; he perder a Deos; he perder tudo, e perder tudo sem remedio; he ser

exceffivamente desgraçado. Ah! e quantos eſtaõ reduzidos a eſte infeliz eſtado, por terem deſprezado eſte importante negocio? Que ſeria agora de mim, ſe me tivesse deixado arrebatãr pela torrente dõs goſtos mundanos? Mas em fim, pela miſericordia de meu Deos, fui mais ſabio, trabalhei neste grande negocio, e acertei nelle.

Que rochedos perigoſos, que tempeſtades neste furioſo mar do mundo, aonde os mortaes andaõ todos enredados, e ſubmergidos? Os Santos no Ceo, bem como aquelles, que eſcapãã de hum naufragio, já poſtos em hum porto ſeguro, lembraõ-fe com alegria dos perigos, que correrã na ſua viagem; e vêm com hum novo prazer, e novo goſto, a bondade, com que o Senhor os conduziõ, como pela maõ, até áquelle feliz Porto.

Até os meſmos inimigos da ſalvaçaõ ſervem, e contribuem para a felicidade dos Santos. Quantos combates foi neceſſario dar, e a quantos aſſaltos rezistir, e ſuſtentar? Que vigilancia, que eſtudo contra as aſtucias do tentador? Que violencia para reprimir as paixõens? O veneno ſe moſtrava delicioſo; a peſte, e a corrupçaõ eſtava eſpalhada por toda a parte; huma cobardia, huma pouca de condeſcendencia com os falſos amigos, o reſpeito humano eſtava para lhes roubar a victoria. Oh! ſe elles tivessem ſido immortificados, que preferiſsem os ſeus divertimentos ás ſuas obrigaçoens! ou taõ cobardes, que ſe deixassem vencer! Mas finalmente com a graça do Redemptor rezilliraõ, vencerã, e foraõ recebidos em triumpho no Ceo: os fruços da ſua victoria ſãõ eternos. Deos os fez ſeus validos, toda a terra proſtrada a ſeus pès admira a ſua ſabedoria, honra a ſua memoria, implora o ſeu patrocínio, e tem inveja da ſua felicidade: pois,

naõ he cousa doce, e suave para os Santos, considerar que puderaõ naõ ser Bemaventurados; e que o saõ com effeito?

Quando, oh meu Deos, abraçarã estas reflexoens o meu coração em o fogo do voffo amor? Terei algum dia a felicidade de gostar as ineffaveis doçuras do bem, que ao presente medito? Vós me creastes para elle; destes-me todos os meios de o alcançar; tenho direito a esta felicidade pela morte do Redemptor: pois que, Senhor? Só a minha má vontade me ha de privar della? Naõ, meu Deos, naõ: eu me tenho atéqui arriscado muito, mas a vista desta recompensa anima a minha confiança, e o meu animo: concedei-me a voffa Graça, meu doce; e meu Divino Jesu, para a merecer.

II. P O N T O.

Reflexoens sobre a felicidade dos Bemaventurados no Ceo.

Considera que só estás na terra para alcançar a mesma felicidade, que os Bemaventurados tem no Ceo. A recompensa delles he grande: Deos naõ nos offerece alguma menor: elles saõ Santos, nós tambem naõ estamos aqui, senaõ para o ser: e podemos nós cuidar em outra cousa, oh meu Deos, mais que em o chegar a ser? Andã os homens cheios de ambição, com desejos insaciaveis de adquirir grandes riquezas: e que objecto ha mais digno de huma alma grande, mais capaz de fartar o coração humano que o Ceo? E que outra fortuna póde haver, que mereça mais as nossas diligencias?

Hum emprego, que me eleva alguns grãos affima dos companheiros; huma distincção, que

me ganha mil emulos ; hum valimento tão pouco sólido como huma nuvem , que o menor vento dissipa ; o ter mais riquezas , que os meus iguaes ; são os poderosos motivos de tantos cuidados , e inquietações : exaqui o que se chama fazer fortuna : e ter hum lugar entre os Bemaventurados , ganhar o Ceo , não he huma fortuna muito mais estimavel ?

Ainda quando eu fosse o mais feliz de todos os homens , toda esta felicidade temporal não duraria mais que huma vida mui curta , e mui fragil : mas se sou Santo , sou perfeitamente feliz para toda a Eternidade.

O Ceo he a minha verdadeira Patria : vivo pois sobre a terra como peregrino , ou como hum caminhante. Hum passageiro não faz caso algum do que se faz no caminho , por onde passa : prazeres , costumes , agradaveis campos , edificios soberbos , deliciosos objectos , nada disto o demora , toma unicamente o necessario para o caminho : a lembrança , e o desejo da sua Patria o occupão inteiramente.

He necessario que huma pessoa tenha a alma bem baixa , e o coração bem corrompido , para se alegrar , e divertir no lugar do seu desterro , exercitando muitas vezes hum emprego bem vil , para nelle viver , e alegra-se de tal sorte , que venha a perder o gosto , e a lembrança da sua Patria , ao mesmo tempo , que tem de viver nella com esplendor , e nenhuma cousa haja melhor , que a belleza da sua morada. E não estamos nós nesta disposição ? A terra , sendo hum valle de lagrimas , nos encanta ; e o Ceo , aquella feliz habitação , o Ceo , centro de todos os bens , e de huma felicidade sem limites , he para nós huma cousa sem graça , e sem gosto. Occupa-nos muito a lembrança do Paraizo ? Sendo hum crime

me não suspirar pelo Paraizo ; e estar contente com o que possuímos na terra , estamos por ventura com a consciencia segura ?

Quanto consolava a David , em todos os seus penosos trabalhos , a lembrança de algum dia vir a ser Rey ! Assim nos bosques , como no exercito , ou elle estivesse para se defender dos leons , ou para combater com Goliath : o pensamento de que elle havia de ser Rey adocava , e suavizava todos os seus trabalhos. Padeço muito nestes lugares desertos , passo nelles dias bem tristes ; mas lá virá hum dia , em que hei de ser Rey. Tenho inimigos , e invejosos ; sou perseguido pela justiça ; estou obrigado a viver pobre ; mas hei de ser Rey.

Oh ! e de que afflicções nos livrariamos , e que doce consolação achariamos ao menos em todos os trabalhos , e misérias desta vida , se considerando-nos como futuros Cidadãos da Santa Cidade , como filhos adoptivos de Deos vivo , como herdeiros da Gloria eterna , nos lembrassemos que estamos nesta triste vida para ser algum dia Santos ?

Eu gemo , vivo ha muito tempo huma vida pobre , e obscura ; não acho em toda a parte mais que espinhos , e cruces ; misturo o meu pão com as minhas lagrimas : tenhamos huma pouca de paciencia : lá virá tempo , em que estaremos no Ceo , em que seremos Santos.

Eu sou desprezado , perseguido , e aborrecido , sem ter hum dia quieto , com os caminhos cheios de abrolhos , sempre com as armas nas mãos , encontrando em toda a parte laços estendidos á innocencia. O meu juizo me he suspeito : o meu proprio coração unido com os sentidos se faz rebelde : que vida , Senhor , mais triste , e mais enfadonha ? Huma pouca de paciencia

cia: o Paraizo ha de ser o termo, e fim de tantos estes penosos trabalhos; o mesmo Deos ha de ser a minha recompensa. Gemo, padeço, estou já ha muitos annos a peleijar, ainda me restão alguns dias de peleija: mas huma felicidade completa, e perfeita, huma felicidade eterna, he o meu premio. Sou pobre, he verdade, mas hei de ser santo: sou abatido, maltratado, eu o confesso, mas eu posso ser Santo. Oh! e de quanta consolação he este pensamento, sustentado com huma grande confiança na misericordia de Deos.

A vida Christã parece por ventura muito austera aos Bemaventurados? Acha-se, e sente-se no Ceo por ventura, que o caminho, que conduz para elle, he muito estreito, que o jugo do Salvador he muito pezado, que o Evangelho he muito severo? Haverão então queixas, que custa muito a ser Santo? Que o Ceo se dá por preço muito alto, porque se dá só áquelles, que fazem violencia a si mesmos? Olha-se lá com compaixão para aquelles, que o mundo trata com desprezo, por não quererem achar-se em todos os divertimentos, nem seguir as suas maximas?

Ha hum Paraizo, isto he artigo da nossa Fé; mas por ventura cremo-lo assim? Porque se houvesse huma Fé viva, se se considerasse hum pouco naquella vida feliz, naquella felicidade, que nos espera, naquella coroa, que nos está preparada: meu Deos, que não fariaõ para ir ao Ceo aquelles, que continuamente se queixaõ da avareza, do pouco agradecimento, e da dureza do Senhor, a quem servem? Que não fariaõ para ir ao Ceo aquelles, que tanto temem morrer, aquelles, que, para viver hum pouco mais de tempo, renunciaõ a quasi todas as doçuras da vida?

Meu Senhor, vós nos offerceis huma vida
bema-

Bemaventurada, e eterna: e como se desconfiássemos das vossas promessas, ou que nos esquecéssemos dos vossos desejos os mais naturaes, continuamos a viver, como se não houvesse alguma vida para esperar depois desta.

He certo que ha muitos na terra, que farião pouco caso de ver a Deos, e para quem o Paraizo não teria muito grandes attractivos; se podessem ser eternamente o que são: esta he huma cousa bem palmosa, mas exaqui outra ainda mais estranha. Não sómente preferimos o viver eternamente na terra, á vantajem de viver eternamente no Ceo; mas esta mesma pouca vida, que temos cá no mundo, curta, trabalhosa, e fragil, não deixamos de a preferir á Felicidade Eterna. Dous dias de passatemplos nos fazem esquecer da abundancia dos bens infinitos: huns prazeres inspidos, e vaõs, nos tiraõ o gosto das delicias ineffaveis: preferimos á posse de Deos o menor objecto creado.

Donde procede, meu Deos, e meu Senhor, fermos tão tibios, e tão cobardes? Por ventura os vossos bens infinitos merecem ser desprezados? Que! creio eu naquella ampla, naquella eterna recompensa, naquella preciosa immortalidade, naquella doce, e deliciosa habitaçãõ, na posse de hum Deos, que nunca se perderá, e que nada poupa para fazer huma alma feliz? e suspiro ainda por outra cousa mais que pelo Ceo! posso ainda empregar os meus cuidados nos bens temporaes!

Não, Senhor, não: o Ceo he a minha Patria, eu não olharei jámais a terra, senão como lugar do meu desterro: estou destinado para ser santo, e com effeito o quero ser: riquezas, honras, prazeres desta vida, já não sois objecto digno da grandeza, e nobreza do meu coração:
fui

fui creado para huma cousa mais verdadeira, e mais sólida.

Vós mundanos cegos, apegai-vos a hum fantasma, que se desvanece, e que vos diverte; deixai-vos captivar de huma figura tão vã, como especiosa, e apparente; segui muito embora esse atractivo, que vos appresenta os sentidos: que eu, conduzido pela Fé, me elevo muito mais alto: huma ambição santa me faz aspirar ao Reino de Deos: não sinto gosto, senão para huma Gloria eterna: só a posse de Deos me pôde faciar.

Oh que doce, e feliz momento aquelle, que pondo fim ás miserias desta vida, dá principio á feliz Eternidade! Que impressão faz em huma alma neste primeiro momento a vista clara, e distincta de Deos, e tudo o que então descobre naquella morada Celestial! Bom Deos, que alegria! que transportes! quando reflectindo sobre o que sente em si mesma, ella diz: Eu me salvei. Lagrimas, trabalhos, tristezas, combates, tudo passou: porém a alegria, o repouzo, e a vida feliz, de que estou agora gozando, nunca acabarão. Eu me salvei: que doce he este momento! E todos os mais se parecem a este primeiro.

Oh! como he verdade que todos os trabalhos, todas as afflicções da vida presente, não tem porporção alguma com a futura gloria, que algum dia resplandecerá em nós. (Rom. ó.) Felices as adversidades, preciosas as cruces desta vida, doce, e suave o jugo do Senhor, pois que produz em nós hum pezo eterno de gloria, em hum tão alto grão de excellencia, affirma de todas as medidas! 2. Corint. 4.)

Que alegria mais vã, que complacencia mais frivola, do que a que procede de hum objecto creado! Alegrai-vos, e gozai-vos, diz o Salvador,

dor, porque os vossos nomes estã escriptos no Ceo. *Gaudete, & exultate.* (Luc. 10.) Naõ basta alegrar-nos com huma alegria ordinaria; devemos estar transportados de hum prazer ineffavel, e saltar de contentamento, considerando a grandeza da recompensa, que nos estã preparada na Gloria dos Bemaventurados.

He possivel, Senhor, que desejando todos necessariamente ser felices, e trabalhando todos para isto, nos apeguemos taõ fortemente a tudo, o que nos impede chegar a se-lo? Promettetestes-nos huma felicidade infinita, e eterna; e nós a desprezamos! Que contradicçãõ! E pôde fazer isto hum homem racional, hum homem, que naõ he inimigo de si mesmo!

Eu confesso que assim tenho obrado atéqui, meu amavel Salvador, e disso tenho hum pezar excessivo. He preciso hum ardente desejo de possuir o Ceo, para vos fazer esquecer a minha insensibilidade passada: vós me creastes, e remittes, Senhor, para esta feliz morada; naõ permittais que me faça indigno della: eu naõ suspiro jámais por outra cousa, senã pelo Ceo.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Abril.

Da morte dos Justos.

I. PONTO.

O que sentirão á hora da morte as pessoas, que tiverem vivido a sua vida na pratica da virtude, e com fervor.

Considera que doce cousa he morrer, se temos vivido bem. A morte he a pena do peccado: e não he só propriamente para as almas immundas com o peccado, que ella deve causar afflicção? E pôde deixar de causar grande prazer, e alegria áquelles, que tem vivido no exercicio das virtudes Christãs? Poder-se-ha não morrer contente, quando a morte he santa?

A morte dos justos he preciosa diante de Deos, diz o Profeta, ella he agradável. O que he precioso, estima-se: por pequeno que seja, toma-se muito cuidado d'elle. Assim, ainda que os Justos morraõ destituidos de todo o socorro humano, ainda que morraõ subitamente, a sua morte nunca he improvisa; Deos toma hum singular cuidado della: e como poderia deixar de ser feliz esta morte, sendo taõ preciosa nos seus olhos?

Com effeito tudo contribue a consolar os Justos nesta ultima hora. Que consolação, que alegria não sente na hora da morte hum homem, que tem vivido Christãmente, que tem vivido no exercicio da paciencia? E a consideração do
futu-

futuro, pôde deixar de adoçar as dôres mais crueis do presente estado?

Tudo o que havia mais aspero, e difficiloso no serviço de Deos, passou em fim: jejuns, retiros, exercicios de mortificação, trabalhos, austeridades, abatimentos, penitencias, tudo está acabado, assim o bem, como o mal, igualmente passaõ. Que prazer não causa na hora da morte não ter feito o mal, que se podia fazer? Que alegria ter feito o bem, que havia obrigação de fazer? principalmente quando se considera no cruel arrependimento, se se não tivesse feito.

Por mui longa, que fosse a vida, parece na hora da morte que não mediou mais que hum momento entre o dia do nascimento, e o ultimo da vida: e pôde antaõ deixar de consolar infinitamente, ter prevenido, e evitado com huma santa vida os crueis arrependimentos, e a desesperaçãõ, que os peccadores sentem naquella hora?

De que me serviria agora, diz hum moribundo, ter feito huma grande fortuna, ter grangeado amigos poderosos, e ter possuido os mais honrosos cargos? De que me serviria ter tido parte em todas as assembleas de divertimentos, ter sido hum homem muito cortezaõ, em fim ter em tudo seguido as maximas do mundo? Eu condemno agora, e condemnarei por toda a Eternidade essas maximas: de que me serviria tudo isto, se não tivesse tratado da minha salvaçãõ? Todas as riquezas, tudo a que me poderia apegar no mundo, não poderia prolongar a minha vida hum só momento: exaqui estou agora desterrado para sempre de todas as sociedades de prazeres; e todo o favor do mais poderoso Monarca do mundo não me serviria ao presente de nada. A lembrança das alegrias passadas, e de todos os divertimentos mundanos, poderia dar-me
nesta

nesta hora o menor alívio? De todas as vaidades, e tantos frívolos passatempós, que me restaria ao presente mais, que hum' cruel, e mortal arrependimento de me ter cansado, e ter trabalhado para me perder eternamente? Oh que sabio fui, em ter despresado a bom tempo, o que eternamente hei de condemnar! Ah! ou eu quizesse, ou não, ser-me-hia necessario nesta hora ver-me arrancado de todos os prazeres; seria necessario romper com violencia todas estas prizoens; e então que vos parece? Dará consolação, será cousa doce na hora da morte considerar, que muito tempo há, que estáo já quebradas.

Tratava-se de huma Eternidade; a minha salvação era o meu unico negocio: se tivesse acertado em tudo o mais, e não tivesse adquirido a minha salvação, era o mesmo que não ter feito nada. Estive em perigo de me perder: ah! e se eu não tivesse cuidado da minha salvação? Só este pensamento faz tremer: mas com a graça de nosso Senhor cuidei della, e tratei de a alcançar. Meu Deos, que doce he este pensamento!

Consideremos hum homem, que vem de muito longe para tratar de hum negocio da maior supposição, em que se trata da sua honra, de todos os seus bens, e da sua vida; chegou a tempo de ter audiencia do Principe, de instruir os Juizes da sua causa, de responder ás accusações dos seus adversarios, e em fim de justificar toda a sua vida: hum dia, duas horas mais tarde que chegasse, já não vinha a tempo; julgavao o seu processo, e o condemnavao ao ultimo supplicio. Meu Deos, que alegria por se não haver entretido nos caminhos! É que seria, se esta diligencia, se esta exactidão lhe grangêa hum rico estabelecimento, se o enche de riquezas, de honras, e se o faz finalmente valido do Principe! Que

consolação! que alegria! por ter chegado tanto a tempo!

Certamente não se arrepende entã de se ter privado de algumas pequenas recreações, e de outros prazeres, que podia goftar no seu caminho, principalmente se elle sabe que outros muitos, com quem fazia a mesma jornada, e que tinham o mesmo negocio que elle, perderã a sua causa, e por cume das suas desgraças, perderã juntamente com os seus bens todos, a vida sobre hum patibulo, por terem condescendido muito com os seus falsos amigos, por se terem divertido no caminho, e por terem buscado as suas mais pequenas commodidades. Imaginai agora, se he possível, algum pensamento de maior consolação, alguma alegria mais pura, e mais solida, alguma satisfação mais doce.

Que verdadeiro prazer achamos em considerar nos perigos, em que estivemos, e ainda em fallar nas nossas aventuras, quando nos vemos já em segurança! Que pura consolação, que doce cousa he na hora da morte considerar nos trabalhos, que se padecerã em vida por Deos! E que prazer he para hum navegante lembrar-se dos rochedos, e das tempestades, por onde passou, quando há chegado ao porto.

Veio jámais ao pensamento de algum homem, que está expirando, arrepender-se de se não ter entregado bem ao mundo, não ter vivido com affaz delicadeza, de ter vivido huma vida muito Christã, e ter sido muito mortificado? Chora-se entã sómente o tempo, que se perdeu nos vaõs divertimentos do seculo, só se chora o ter amado muito os prazeres, e de obrar em tudo pelos respeitos humanos. Ah! talvez toda a nossa vida só está cheia de acçoens, de que nos arrependemos na hora da morte.

Huma

Hum pessoa Religioſa arrependeo-fe jámais nesta ultima hora, de ter deixado voluntariamente, e com tanto merecimento os ſeus bens, e os ſeus parentes, deixando o ſeculo, ao qual naquella funeſta hora ſeria obrigado a deixar com tanta violencia, e ſem fructo algum? Encher-ſe ha de deſeſperaçaõ por ter ſido Religioſo imperfeito: mas nunca ſe arrependerá de ter ſido Religioſo.

Só o pensamento da morte horroriza, e enche de turbaçaõ ainda aos mais intrepididos; atemoriza aos impios, mas aos Santos enche de alegria. Homem juſto, ſegundo S. Joã Climaco, he aquelle, que não teme a morte; e o Santo, o que a deſeja. Que couſa taõ boa, e de tanta conſolaçaõ ſerá receber na hora da morte o Viatico, quando ſe há paſſado toda a vida com huma ſingular ternura para com Jeſu Chriſto, e quando ſe lhe pôde dizer com conſiança nesta ultima hora: Vindé, Senhor, o meu coraçãõ eſtá prompto!

E que bem parece na hora da morte hum Crucifixo a huma peſſoa, que toda a vida trouxe a ſua Cruz, e nella têm ſempre vivido pregado! Que conſolaçaõ para huma alma verdadeiramente Chriſtã, ver-ſe convidada a ſahir deſte mundo, a quem taõ pouco eſtimava, para ir para a Jeruſalem Celeftial, pela qual havia muito tempo ella ſuſpirava! *Proſciſcere anima Chriſtiana de hoc mundo*: he como ſe diſſeſſem a hum Principe deſterrado: Voltai á voſſa Patria, já vos chamaõ do voſſo deſterro: ou como hum valeroſo Soldado, que, depois de ſe ter ſignalado na guerra, por hum grande numero de aççoens heroicas, he chamado pelo ſeu Principe, para receber huma recompensa digna dos ſeus trabalhos.

Na verdade a conſideraçãõ dos proprios peccados,

cados, ainda a hum justo, póde ser efficaç motivo para temer; mas a vista de hum Crucifixo assegura maravilhosamente a huma alma pura; e as oraçoens da Igreja, as intercessõens dos Santos, e sobre tudo a protecção da Rainha dos Santos, a mesma presença de Jesu Christo, inspira aos Justos nesta hora huma certa confiança na misericordia de Deos, a qual nem tentaçõens, nem a mesma turbação, nem o horror natural da morte, são capazes de turbar.

A consideração das suas boas obras, não lhes he motivo de vaidade, mas hum motivo de confiança na esperança de que aquelle Deos de bondade, que lhes fez tantas graças, tantos beneficios na sua vida, não os há de desamparar na hora da morte. A devoção á Santissima Virgem, e a lembrança dos favores singulares, que della receberão, serão para elles novo motivo de consolação, e alegria. Estas almas fervorosas tem amado ardentemente a Jesu Christo, estão dezançando ansiosamente unirem-se a elle. Com que santa impaciencia estão esperando aquella felicissima hora! Com que alegria estão vendo chegar aquelle ditoso momento, em que hão de principiar a sua eterna Bemaventurança! Ah! e que doce he morrer pronunciando o dulcissimo Nome de Jesu, quando se tem amado em vida a Jesu Christo com ardor, e com ternura! Que doce he morrer, quando com huma boa vida se tem preparado para a morte! Que doce he morrer com a morte dos Justos! Que consolação não dará a huma alma na hora da morte o ter empregado toda a sua vida em conseguir huma morte santa!

Ah! Senhor, que objecto mais digno dos nossos desejos, e dos nossos cuidados, que huma santa morte! Há muitos, que poem a sua gloria

ria em morrer valorosamente, em acabar os seus dias com honra: quanto a mim, Senhor, toda a minha ambição, toda a minha honra daqui por diante será morrer como santo.

Reflexões sobre estas verdades.

Que differença entre a morte dos Justos; e a morte dos impios! E esta mesma differença não se conhece depois da sua morte? He bem certo, que a morte espalha em todas as cousas terror, e medo. Hum corpo morto faz horror; e ainda que seja o cadaver da pessoa mais respeitada no mundo, ninguém se atreve a entrar na camera aonde elle expirou, ninguém se atreve a chegar ao caixão aonde está o seu corpo: pois que seria, se fosse necessario passar a noite só ao pé do mauzoleo, aonde está este cadaver?

Só a idéa de hum homem morto faz medo; ainda mesmo tudo aquillo, de que elle usou, mette horror: mas se estamos persuadidos, de que aquelle morto era santo, que veneração não temos ao seu corpo! A casa aonde morreu bem longe de causar horror, inspira não sei que ar de alegria, e de confiança; o caixão, em que o puzeram, faz-se precioso; cada hum se julga por feliz em ter alguma cousa de tudo, o que servio a seu uso; todos se apressão para o tocar, e beijar seus pés, e suas mãos. Pois não he isto hum corpo morto? Não importa: a santidade não sómente faz a morte doce, e agradável aos que morrem; mas ella tambem tira tudo, o que a morte tem de horroroso, e desagradavel, faz digna da veneração do publico esta preciosa reliquia. Ainda que fosse a pessoa mais pobre do mundo, e mais vil; todas as pessoas mais distinctas, ou
pelos

pelos empregos, ou pelo seu nascimento, terá por honra, e por obrigação assistir aos seus funeraes: será esse corpo levado como em triumpho por entre os obsequios, e os applausos de todos os povos; ao mesmo tempo, que os Grandes do seculo morrem, e todas as suas honras, que lhes fazem, expiraõ com elles.

Nós ficamos todos movidos, e arrebatados com a morte dos Santos: e não hé bem para admirar que o desejo, que sentimos de ter huma boa morte, não nos persuada, e mova a viver melhor?

Todos clamaõ com o Profeta: Morra eu com a morte dos Justos, e seja õ meu fim semelhante ao seu. Mas de que servirá este desejo esteril, se a minha vida se não parecer com a sua? Ignoramos acaso que aquella doçura, que sentem os Santos na morte, he o ordinario fructo da santidade da vida? He pois necessario termos vivido como os Santos, com huma mortificação continua das paixoens, e dos sentidos; e com hum inteiro desapego, e perfeito desprezo do mundo, e na pratica das virtudes Christians, e boas obras, proprias de cada estado, se queremos morrer como Santos. E que terrivel cousa estar reduzido na hora da morte a não ter mais que inuteis pezares!

Depois de estares morto, ainda que estiveses prezo ao mundo com mil prizoens, ainda que tenhas sido o mais zeloso dos seus servos, elle acabou para ti: e que poderás já agora tirar delle? Que recompensa de todos os teus serviços, ou, para melhor dizer, que indignação, que desesperação sentirás de o teres servido! Porém pelo contrario, se temos empregado a vida no serviço de Deos, que recompensa ainda pelos menores serviços! Trabalhos, fadigas, boas obras,
nada

nada escapa aos olhos de sua misericórdia : recompensa , e paga ainda a boa vontade. E que sábios são aquelles , que sabem deixar o mundo , antes que o mundo os deixe ! que o desprezaõ , antes que sejaõ delle desprezados !

He na verdade hum espectáculo bem triste , ver hum homem , que o levaõ fóra de huma rica casa , que acabava de comprar , ou de edificar , e que o levaõ para não tornar jámais a entrar nella , ficando outro senhor do seu dinheiro , dos seus móveis , e de tudo o que elle tinha no mundo. Que sábios são aquelles , que , olhando a terra como hum lugar do seu desterro , suspirão continuamente pela sua amada Patria ! Oh como são felices em viver sempre com o pensamento de que haõ de morrer ! Onde estaõ agora nossos Pais , nossos amigos ? Onde estaõ agora esses Grandes do mundo , que faziaõ em outro tempo tanto estrondo , que appareciaõ no mundo com tanto lustre , que viviaõ em tantas delicias ? Já não são cousa alguma no mundo , nem se considera nelles , senaõ em quanto elles foraõ uteis ; nem ainda na sepultura são cousa alguma , aonde o seu corpo está reduzido a cinzas.

Elles já não são cousa alguma tambem na memoria dos homens ; assim que deixaõ de ser uteis , estaõ esquecidos. Estamos acaço muito occupados com a lembrança daquelles , que nos precederaõ ? Lembramo-nos dos seus defeitos , reprehendemos os seus procedimentos ; e exaqui a recompensa mais ordinaria , e mais segura , que devemos esperar ainda daquelles , a quem nós obrigarmos mais. Que contentes morreriaõ todos , se tivessem feito por Deos a centesima parte , do que fazem inutilmente pelo mundo ! Que trabalhos , que afflicções não evitariaõ ainda mesmo na vida ! E que alegria seria a sua na morte , á vista da sua

recom-

recompensa ! Donde procede que nos preparemos taõ pouco para a morte , naõ havendo cousa taõ importante , e taõ necessaria , como morrer bem , pois que tudo depende do seu acerto , e que he impossivel reparar a perda , que se faz , se se naõ morre bem ? De que me servirá viver como homem bom , se morro como peccador ;

Que objecto mais digno de huma alma Christã , e da ambição de hum homem de juizo , que huma morte santa ?

Porém , meu Deos , e meu Senhor , qual há de ser o fructo de tantas , e taõ saudaveis reflexoens ? E que sentimentos , que pesar naõ terei na hora da morte , se naõ tiro dellas algum fructo ? Ah Senhor ! estarei eu persuadido tanto como estou , que nada há sólido fóra de vós , e ainda me deixarei apegar daqui por diante á outra alguma cousa ? Taõ convencido como estou da inutilidade dos cuidados do mundo , ainda me applicarei daqui por diante a outra cousa , que naõ seja servir-vos ? Só vós , ó meu Deos , me podereis fazer feliz ; eu mesmo naõ quero mais outra fortuna.

E que sabios foraõ os Santos em terem desprezado aquillo mesmo , que todo o mundo convém que he dignissimo de desprezo ? E que prudentes foraõ em fazerem pouco caso dos respeitos humanos , e das vans maximas do mundo ; em se naõ terem deixado arrebatado pela torrente do máo exemplo , tratando taõ asperamente seus córpos , e poupando-se taõ pouco ao trabalho em sua vida ? E eu mesmo poder-me-hei ter por sabio , se naõ me aproveito do exemplo dos Santos ?

Quantos se daõ a si mesmos agora os parabens , por terem vivido huma vida pura , regular , e exemplar ! huma vida taõ contraria á dos filhos do seculo ! Porém , Deos meu , poder-me-hei

hei alegrar com o ter-me só contentado de ter bons sentimentos de estimação, e veneração para com elles, sem cuidar de imitar a sua vida? Elles mesmos terião sido felices, chegariaõ a ser Santos, se tivessem vivido como eu vivo?

Ah! Senhor, não permittais que o grande numero de reflexoens, q' ao presente faço, me seja motivo de novos pezares. Confesso que na hora da morte me encherei de desesperação, se não me converto neste mesmo instante. Vós quereis me converta, eu tambem o quero, e parece-me, que bem sinceramente: e não está isto na minha mão?

Dou-vos as graças, meu amavel Salvador, por me dares ainda tempo, e o pensamento de me preparar para morrer bem: sei q' o principio deste preparo he viver bem: e he isto mesmo o que daqui por diante hei de fazer com o soccorro da vossa Graça, sem me dilatar hum só momento: defenganado de todos os frivolos passatempos, que me occuparaõ atéqui tão inutilmente; das vans idéas de fortuna, de grandeza, e de prazeres, de que tão miseravelmente se nutrem nesta vida os homens: todos os meus zelos daqui por diante hão de ser em trabalhar por alcançar huma morte santa.

Moriatur anima mea morte Justorum, & fiant novissima mea eorum similia. Morra a minha alma com a morte dos Justos, e seja o meu fim semelhante ao seu.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do Mez
de Maio.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Do pequeno numero dos escolhidos.

I. PONTO.

*He muito pequeno o numero dos que se salvaõ,
segundo o que nos ensina a Fé.*

COnsidéra que naõ sómente a respeito desta multidãõ quasi innumeravel de Infieis, que occupaõ a maior parte da terra, he pequeno o numero dos que se salvaõ; mas tambem he pequeno a respeito da grande multidãõ de Fieis, que se perdem na verdadeira Religiaõ.

Há poucas verdades no Christianismo mais claras, e mais solidamente provadas, do que esta.

Entraí pela porta estreita, nos diz o Filho de Deos, porque a porta, e o caminho, que conduz á perdiçaõ, he largo, e espaçoso, e saõ muitos os que entraõ por elle: mas que estreito he o caminho, que conduz á vida, e que poucos saõ os que entraõ por elle! (*Matth. 7 13. 14.*)

Muitos saõ os chamados, diz elle em outra parte, mas desses mesmos, que saõ chamados, saõ poucos os escolhidos. Repete o mesmo, e com os mesmos termos em outro lugar. Esta terrivel verdade, que o Salvador repetia tantas vezes a

seus Discipulos, moveu, e obrigou a hum d'elles a fazer-lhe esta pergunta: Senhor, taõ pequeno he o numero dos que se salvaõ? O Filho de Deos com medo de horrorizar muito aos que o ouviaõ, parece que quiz desfazer a pergunta, contentando-se com lhe dizer por unica resposta: Meus filhos, a porta do Ceo he estreita: fazei todos os vossos esforços para entrar por ella.

O Apostolo, cheio do espirito de seu Mestre, compara indistinctamente todos os Christaõs aos que correm no estadio. Todos correm, diz elle, mas só hum he que leva o premio: comparando os que se salvaõ, ao que alcança o premio da carreira. E para nos fazer entender bem claramente que falla aqui dos Fieis, traz o exemplo dos Israelitas. Naõ ignorais, meus irmaõs, diz elle, que os nossos Pais estiveraõ todos debaixo da mesma nuvem, e que todos passaraõ o mar vermelho, e que foraõ todos baptizados pelo ministerio de Moysés na nuvem e no mar: todos comeraõ a mesma vianda mysteriosa, e beberaõ todos tambem da mysteriosa bebida. Bebiaõ da pedra mysteriosa, que os seguia, e esta pedra era Jesu Christo. (1. Cor. 10.) Todas estas maravilhas faziãõ-se para os conduzir á Terra da Promissaõ: e quantos julgais vós que chegáraõ a ella? De mais de seiscentos mil homens, que tinhaõ sahido do Egypto, só Caleb, e Josué tiveraõ a felicidade de entrar nesta Regiaõ afortunada.

Isaias compara o numero dos escolhidos ao pequeno numero de azeitonas, que ficaõ nas oliveiras depois de varejadas, e aos poucos cachos, que escapaõ á diligencia dos vendimadores.

Além destes formaes Oraculos, e das frequentes comparaçoens, de que se serve a Escripura para nos convencer desta terrivel verdade; ella ainda nos poem diante dos olhos certos exemplos,

plos, que nos dão a conhecer isto melhor.

De todos os habitantes do Universo, huma só familia escapou ás aguas do Diluvio; de cinco Cidades, que se consumirão com o fogo do Ceo, não houverão mais que quatro pessoas, que se salvarão do seu incendio: de tantos paralyticos, que esperavaõ ao redor da Piscina para se curarem, hum só de cada vez sahia saõ. Havia muitas Viúvas em Israel no tempo de Elias, dizia o Salvador do mundo, e com tudo este Profeta não foi enviado mais, que a huma Viuva de Sarepta. No tempo do Profeta Elizeu, havia muitos leprosos em Israel, e sómente Naaman foi curado.

De todas as verdades da nossa Religiaõ nenhuma há mais horrorosa: e por ventura somos nós muito movidos, e estamos muito penetrados della? Ainda quando fosse verdade que de dez mil pessoas huma só se condemnaria, devia eu tremer, e temer de ser este desgraçado. Ah! e talvez que de dez mil apenas se ache hum só, que se salve; e vivo ainda mui desçaçado! E não temo nada! E não he certo que quanto menos temo, mais razã tenho para temer? A minha segurança sobre isto não póde ser outra cousa mais, que hum effeito do meu erro, e da minha cegueira, que escondendo-me o perigo, em que estou, me poem em estado, ou de não me poder tirar do perigo, ou de não o poder evitar, e prevenir.

Quando se ouve dizer que hum navio foi a pique, quantos se affligem, e se affustaõ? E ainda que hajaõ mais de dez mil navios em o mar, a nova do naufragio de hum só, faz tremer a todos os negociantes. Ah! nós sabemos que de todos, os que vivem ao presente na terra, muito poucos chegarão ao porto da Salvaçaõ Eterna; que

a maior parte padecerá hum triste naufragio : quem me diz que não ferei eu do numero destes infelices ? Se o Filho de Deos tivesse dito tão claramente que todos os Christãos se havião de salvar , assim como disse que o numero dos escolhidos era pequeno , não poderíamos viver com maior segurança doque vivemos , sobre a materia da nossa salvação. Todos convimos em que o mundo todo está cheio de precipicios , e que estamos em grande perigo de nos perder ; e com tudo vivemos muy tranquillamente : e quem he o que nos poem nesta segurança ? Temos por ventura menos motivos de temer , por nos acautelarmos menos ? Seremos menos infelices , por sermos menos sensiveis á nossa perda ?

Ah ! quando não tivessemos outra razão para temer , mais que esta segurança fatal , que esta palmoza insensibilidade , em que vivemos , não era isto bastante para nos fazer tremer a respeito da nossa salvação ?

Certamente não cuidamos , nem meditamos nesta verdade. E em que occupamos o nosso juizo , se não cuidamos na Eternidade ? He acaso porque não a cremos ? E poderemos cre-la sem a temer ? E pode-la-hemos temer sem considerar nella ?

Donde procede esta nossa pretendida intrepidez , e esta segurança tão grande , em hum tão evidente perigo ? Os maiores Santos temerão a sua salvação , o mesmo S. Paulo tremeu : e nós nada tememos ! Poderíamos nós temer verdadeiramente a nossa salvação , e não mudar logo de vida ? Temo ser condemnado , vivendo tão mal como vivo ; e não cuido de viver melhor ?

Quando no mar se teme algum naufragio , tudo se sacrifica para salvar a vida ; lança-se no mar , e quasi sem dôr , nem sentimento , tudo o que
há

há mais precioso. Não se duvida hum só momento perder todos os fructos de mui dilatados trabalhos: mas quando se trata da salvação eterna, mais facilmente se arrisca tudo, do que carecer da menor cousa.

Ah! se huma peste, huma enfermidade contagiosa, se espalha em huma Cidade, já a todos lhes parece que os assalta. Que remedios! Que preservativos! Todos se privão dos mais honestos divertimentos. Os jogos, as conversações, já não são proprias do tempo, acaba-se: privão-se os homens de todo o commercio entre si; condemna-se a huma horrorosa solidão. Meu Deos! e para que são tantas precauções? He porque se teme a morte. E não tememos nós ser condemnados, sabendo que a maior parte do mundo se condemna? Por ventura não he para temer huma infelicidade eterna? A maior parte da gente corre á perdição; talvez que em toda a minha familia hum só se salve: e ainda eu não tomo todos os meios possiveis para ser este feliz predestinado? E ainda me não resolvo a ter hum dia de Retiro para segurar a minha salvação, evitar certos perigos, tomar algumas prevenções contra a occasião do peccado, a tomar em fim as medidas certas, e justas para acertar neste ponto? Que loucura! Confiamos acaso na excellencia da nossa vocação, na santidade no nosso estado, nos talentos, que Deos nos tem dado, e nos meios, que continuamente nos está dando?

Ah! quem jámais foi melhor chamado do que Saul para a Coroa Real, e do que Judas para o Apostolado? E com tudo Saul foi reprovado: Judas perdeu-se na mesma companhia de Jesu Christo, e á vista de seus milagres.

Salomão, o mais sabio dos homens, nos deixou grandes motivos para duvidarmos da sua salvação.

vaçãõ. Hum grande numero de heroes Christãõs, depois de ter chegado a huma virtude quasi consummada, por estar com huma demasiada segurança na sua salvaçãõ; se perderãõ em fim desgraçadamente, e forãõ condemnados com todos os seus imaginados merecimentos: e não terei eu nada para temer a respeito da minha salvaçãõ?

Ah! só a falta deste saudavel temor me deve fazer temer tudo: em materia de salvaçãõ eterna, está já como perdido, quem não teme condemnar-se. Há cousa alguma no mundo, que eu deva ter mais na imaginaçãõ, que o perigo de pecar eternamente?

Meu Divino Redemptor, meu Divino Senhor, que destes todo o vosso sangue para me salvar, e que vos dignais de me fazer ver o perigo em que estou, não permittais que eu assim me perca. Ah, meu Deos! serei eu do numero dos reprobos? Este pensamento me faz tremer; e com tudo sei que muitos se condemnarãõ, depois de ter este mesmo pensamento.

He verdade, Senhor, que até o presente tenho seguido essa multidaõ, que caminha para o Inferno; tenho caminhado pelo caminho largo; mas, meu Deos, agora estou resolute a caminhar daqui por diante pelo caminho estreito, e a fazer todos os meus esforços para entrar pela porta estreita. Ainda que as almas se precipitem a montes nos infernos, ainda que não haja mais que hum só, que se salve nesta Cidade, eu quero ser esse unico; e espero que o hei de ser, ó meu doce Jesu, com o soccorro da vossa graça, pois sei certamente que só por minha culpa, posso ser tão infeliz, que me condemne; ainda que as graças, que me tendes feito atéqui, não tenhaõ produzido algum effeito, tenho com tudo todas as razoens para esperar que esta, que me fazeis ao
presen-

presente, há de ser efficaz. Sim, meu Deos, por mui pequeno que seja o numero dos que se salvaõ, quero, custe o que custar, ser deste pequeno numero: e os bons movimentos, que me dais, me certificaõ com bem confiança, que vós mesmo quereis, que eu entre nesse pequeno numero.

II. PONTO.

O numero dos que se salvaõ he muito pequeno, segundo a mesma razão nos está persuadindo.

Confidéra, que ainda quando a Fé naõ nos ensinasse expressamente esta terrivel verdade, fundada em certos principios do Evangelho, em que todos os Christaõs crem; bastaria só a mesma razão para nos convencer, que o numero dos que se salvaõ he muito pequeno. Naõ he necessario mais para isto, do que considerar por huma parte o que estamos obrigados a fazer; e por outra o que com effeito fazemos.

Para alcançar a salvaçaõ he necessario viver segundo as maximas do Evangelho: e he por ventura muito grande o numero dos que vivem hoje confôrme estas maximas?

Para alcançar a salvaçaõ he necessario declarar-se huma pessoa descobertamente por discipulo de Jesu Christo. Ah! quantos há ao presente, que tem vergonha de o parecerem! He necessario renunciar com effeito, ou ao menos com o affecto, a tudo o que se possue, e tomar todos os dias cada hum a sua Cruz aos seus hombros: e conheceis por este signal muitos discipulos de Jesu Christo? O mundo he hum inimigo declarado, e sempre irreconciliavel de Jesu Christo; seguir as maximas do mundo he declarar-se contra Jesu Christo; he impossivel servir ao mesmo tempo estes dous Senhores:

res: Ora julgai a qual destes dous Senhores serve o maior numero dos homens.

Os Farizeos eraõ peões , que tinhaõ hum exterior muito regulado ; eraõ extremamente mortificados ; a sua vida parecia irreprehensivel : e com tudo, se nós naõ formos mais exactos observantes da Lei, se naõ tivermos huma virtude mais sólida, e mais perfeita, nunca entraremos no Reino dos Ceos.

Muito he na verdade naõ querer hum vingar-se ; e ainda he mais perdoar as injurias : porẽm com tudo, ainda naõ he o que basta para a salvaçãõ : he necessario alguma cousa ainda mais perfeita, e mais heroica : para nos salvar-mos he necessario amar aquelles mesmos, que nos perseguem, aquelles mesmos, que nos tem mais maltratado.

Naõ basta reprovar, e condemnar as acçoens más ; he necessario tambem ter horror aos mais leves pensamentos peccaminosos. Naõ sómente he prohibido reter a fazenda alheia, he necessario tambem assistir aos pobres com os proprios bens. A humildade Christã ; que deve formar em parte o caracter dos Christãos, de nenhuma sorte consente nem a ambiçãõ, nem o luxo. A modestia deve ser o mais excellente ornato exterior de huma pessoa Christã : e conheceis por esta imagem do Christianismo muitos Christãos ?

Ainda que trabalhemos quanto quizermos, e quanto couber nas nossas forças, se o naõ fizermos pura, e verdadeiramente por Deos, ninguem por toda a Eternidade nos recompensará os nossos trabalhos. Guardemos muito embora todas as politicas, e todos os decóros, e civilidades mundanas : Deos naõ se paga de exteriores ; quer o nosso coraçãõ, quer ser adorado em espirito, e em verdade ; isto he, quer ser servido com sinceridade, e rectidão. E he por ventura esta a regra dos costumes da maior parte dos mundanos ? A mesma piedade
de

De todas as pessoas devotas, he por ventura toda segundo esta regra de costumes?

Para ficarmos ainda mais convencidos desta verdade tão terrivel, naõ he necessario mais, que reflectir sobre o primeiro Preceito da Lei de Deos: Amareis ao Senhor vosso Deos, de todo o vosso coração, de toda a vossa aima, com todas as vossas forças, e com todo o vosso espirito: e ao vosso proximo como a vós mesmos. Este he o primeiro Preceito, a baze, e o fundamento de todos os outros; quem naõ observa este, he como se violasse os mais todos. E achaõ-se muitos Christaõs, ainda entre os que fazem profissã de virtude, e perfeiçã, que guardem verdadeiramente este Preceito? E poderei eu mesmo dizer, que o tenho observado? E será o numero dos escolhidos muito grande? E tenho maior razaõ, que os mais, para esperar ser do pequeno numero?

Hum só peccado mortal arrebatã em hum momento todo o merecimento da mais dilatada, e mais santa vida. Por ventura vive-se ordinariamente hoje em huma grande innocencia? Quantos peccados occultos? Quantos peccados da mocidade, que escapã á advertencia? Quantos peccados graves, que se olhaõ como leves? Nenhum há, que esteja bem seguro da sua verdadeira penitencia. Ora conclui, se seráõ muitos os que se salvaõ.

He hum artigo de Fé, que nem os enganadores, nem os murmuradores, os orgulhosos, os vingativos, nem os impudicos, entrarã jámais no Reino dos Ceos: e que para entrar no Ceo, he necessario, ou naõ ter perdido a Graça, ou te-la recuperado por huma sincera penitencia. E he muito grande o numero destes justos, ou destes penitentes? Achaõ-se muitos, que façã a si aquella perpetua violencia, sem a qual ninguem poderá entrar no Ceo? Achaõ-se muitos, que tenhaõ aquella pu-
reza

reza de costumes, e que vivaõ no exercicio da penitencia? Onde está aquelle horror do vicio, aquella ardente Caridade, que fórma em huma parte o caracter dos escolhidos?

Que he feito da simplicidade dos primeiros Christãos, daquella sinceridade, daquella vida exemplar? O interesse tem tomado hoje o lugar de tudo; a mesma Religião se faz servir aos designios particulares de cada hum; todos se deixão arrebatados por onde vai a maior parte; e dizem, he deste modo que se vive hoje no mundo, he necessario ser homem entre os homens, e accomodar ao seu modo de viver: mas ao mesmo tempo he absolutamente necessario ser Christão para alcançar o Ceo; he necessario viver como Christão entre aquelles mesmos, que não tem de Christão mais que o nome.

Huma verdade, que não he menos constante, nem menos certa que esta, he saber que a salvação he a nossa maior, e unica empreza: que toda a vida nos foi dada para trabalhar em a alcançar: que devemos pôr-lhe todos os nossos cuidados, toda a nossa diligencia, sem que possamos, ainda depois de tudo isto, estar seguros do seu bom successo. E achão-se muitos destes Christãos zelosos, que olhem a sua salvação como o seu importante, e o seu unico negocio?

Sem a Graça final ninguem pôde esperar a salvação: e he huma verdade indubitavel, que ninguem pôde merecer esta ultima Graça, e que Deos pôde, sem alguma injustiça, nega-la aos maiores Santos. E nós, que somos tão pouco fieis, e tão tibios no serviço de Deos, com que fundamento poderemos esperar esta tão singular Graça?

O fundamento, e a regra da nossa salvação, não são huns meros conselhos, mas são as leis, e as maximas de Jesu Christo. Não nos salvaremos só com haver sabido estas leis, e estas maximas;

mas

mas fim com have-las praticado. Basta dispensar-nos de huma só destas cousas, para nos condemnarmos eternamente. Consideremos agora, nós, que sabemos como se vive hoje no mundo, se será muito grande o numero dos predestinados: e vejamos sinceramente, se nós mesmos teremos grande razão para esperar ser deste numero.

Na verdade cumprem-se certas obrigaçoens da Religiaõ, frequentã-se os Sacramentos, as nossas Igrejas estaõ cheias de povo: mas quem pôde seguramente fiar-se muito destes exercicios exteriores de piedade? Que fructo vemos tirar do uso dos Sacramentos? Que regularidade, e que pureza de costumes se vê no modo de viver entre esse povo?

Quantos cuidais vós, que se salvarãõ nesta grande Cidade? dizia S. Joã Chrystostomo aos moradores de Antioquia. Talvez, diz elle, vos encherá de horror o que vou a dizer; e com tudo não poderei deixar de o declarar. De tantas mil almas, de que ao presente se compoem esta grande Cidade, huma das mais vastas, e mais populosas do Universo, apenas haverá cem, que se salvem; e ainda duvido da salvaçaõ destas.

A Cidade de Antioquia não era entãõ menos pollida, do que são hoje as Cidades da Christianidade: estava entãõ cheia de pessoas virtuosas, o povo passava por devoto, frequentavaõ-se os Sacramentos, vivia-se nella como hoje se vive ordinariamente no mundo: julgemos pelo juizo de hum Santo, que jámais fallaria taõ affirmativamente sem huma luz particular, julgemos, digo, do numero dos predestinados.

Que fructo tiramos em nos enganar a nós mesmos, e cegar-nos de tal sorte, que cheguemos a não ver, que indubitavelmente nos perdemos sem remedio algum? E por ventura não vemos, que se
viver-

vivermos como a maior parte dos homens vivem ; a nossa Religião nos obriga a crer , que nos condemnamos ?

Com effeito se com taes leis , e com taes máximas , fazendo nós tudo o contrario , do que ellas determinão , ainda a nossa Religião nos deixasse esperança de alcançar a salvação ; poderíamos crer , que a nossa Religião fosse boa , e não pareceria , que ella queria enganar ao Genero humano ? Mas , graças a Deos , a nossa Religião he a primeira , que clama sobre isto ; condemna totalmente huma tal contradicção de costumes ; ella reprova huma conducta tão pouco Christã : e o grande numero de Christãos frouxos , cobardes , e dissolutos , nunca poderá justificar a sua relaxação.

He hum artigo de Fé , que ninguém se salvará sem se assimilhar a Jesu Christo ; isto he , se não tiver os mesmos sentimentos , e affectos , que elle ; se não tiver horror a tudo , o que elle aborrece ; se não estimar tudo , o que elle ama. E há muitos , que se assimilhem a este mode-lo ? Nós mesmos poderemos dizer , que lhe somos semelhantes ? E que será de nós ? Qual será a nossa sorte , se o não imitarmos ?

Com tanto que se guardem certas apparencias de Religião , e hum certo exterior de virtude , e alguns decóros , logo fórma cada hum para si seu sistema de consciencia , a cujo abrigo se vive tranquillamente sobre o negocio da salvação. Porém acaso ignoramos , que tambem os Heresges formão para si seu sistema de consciencia , e que são ainda mais observantes de certas ceremonias , do que nós ? Nós cremos firmemente que elles com todos os seus decóros , e com todas as suas pertendidas qualidades de homens de bem , se perdem ; e na verdade temos razão para assim o crer : e sobre que revelação , sobre que novo

Evange.

Evangelho, fundamos nós esta segurança, a que estamos apegados, de alcançar a nossa salvação vivendo tão mal?

Nós vivemos, dirão alguns, dentro da boa, e da verdadeira Religião: e elles tem a desgraça de estar separados della. Certamente, se não fazemos gosto de nos deixar enganar em materia de salvação, vejamos qual vale mais: Não crer quasi nada do que se deve obrar, ou não obrar quasi nada do que cremos?

Se para a salvação não fosse necessario mais que crer, não seria pequeno o numero dos predestinados. Deixem-nos viver como quizermos, dirião muitos, e nós daremos credito facilmente a quanto quizerem. Mas a Fé sem obras certamente he morta. Lisongeemo-nos muito embora, quanto quizermos, de crer no Evangelho: se não vivermos conformes aquillo, que cremos, nunca poderemos esperar a salvação. Os demonios tambem crem, e melhor, do que nós: mas tem huma fé só especulativa. Ai de nós, se a nossa fé for só como a delles!

Será possível que toda a sublime santidade do Christianismo, todos os fructos dos exemplos de hum homem Deos, todo o preço do seu Sangue, todo o effeito dos seus Sacramentos, e da sua Graça, se reduza a fazer-nos guardar, quando muito, huns certos exteriores, que não servem mais, que a fazer-nos condemnar com menos temor, encobrimdo-nos defeitos, que nos são communs com os Gentios?

Ah! os Santos eraõ por ventura de outra condição, do que nós? Tinhaõ sido exceptuados na universal Redempção do Genero humano? Ainda se não tinhaõ achado os caminhos do Ceo? Esperavaõ outra recompensa dos seus trabalhos? E donde procede o sermos tão pouco semelhantes a elles? Elles

queriaõ ser santos: e nós, que queremos ser? Devemos esperar ser Santos, imitando-os tão pouco?

Dizem: Deos terá misericordia de nós. E que fundamento pôde ter esta confiança a respeito daquelles, que se servem da mesma misericordia de Deos, para o offenderem com mais insolencia? Jeshu Christo condemna em expressos termos as almas tibias: e aonde não reina esta tibieza?

Ah Senhor! ficarei eu bem persuadido que o numero dos que se haõ de salvar he pequeno, e não farei quasi nada para ser deste pequeno numero? Sim, meu Deos, perca-se quem quizer; quanto a mim, quando não houvesse em todo o Universo mais, que hum só, q se salvasse, sabendo que posso eu ser esse, quero, com o soccorro da vossa graça, se-lo eu.

Eu bem vejo, meu Divino Salvador, que até o presente não tenho feito cousa alguma por vós, que seja capaz de me inspirar esta confiança: mas permitti-me que vos diga, que de nenhuma sorte poderei ter menos confiança, vendo o que vós mesmo fazeis agora por mim.

Será possível que não me desseis este tempo, e a graça para fazer estas reflexoens, senão para me fazer mais culpavel aos vossos olhos? Devo esperar ainda, que me deis outros signaes do sincero desejo, que tendes, de me pôr no pequeno rebanho dos escolhidos? O grande temor, que tenho ao presente, se ferei deste pequeno numero, o qual eu olho como huma grande graça, não he para mim huma sólida prova do desejo, que tenho de o ser?

Tenho feito inuteis todos os bons affectos? e movimentos interiores, que atéqui me tendes dado: mas, meu Senhor, parece-me que tenho alguma razaõ de crer, que a resoluçaõ, que ao presente tomo de trabalhar sériamente na minha salvaçaõ, há de ser efficaz. Sei que todos os bons sentimentos passaõ, que as luzes se desvanecem: mas
como

como eu não pertendo differir hum momento o converter-me, e entregar-me totalmente ao vosso serviço, espero, fiado na vossa bondade, que a minha conversão há de ser duravel, e constante.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Maio.

Do peccado mortal.

I. P O N T O.

O peccado mortal he o maior de todos os males, e fallando propriamente, he o unico mal.

Considéra, que todas as desgraças, que succederão depois do principio do mundo, esse diluvio de males, que inunda toda a terra, as guerras, a peste, os incendios, as enfermidades, e outras mil incômodidades, a condemnação eterna de tantas almas, o mesmo Inferno, são funestas consequencias de hum só peccado mortal.

Não se poderão jámais ver creaturas mais perfectas, nem mais nobres, que os Anjos: e hum só peccado mortal, que era hum pensamento de soberba, e que não durou mais, que hum momento, precipita nos Infernos, e condemna a tormentos eternos hum tão grande numero de creaturas tão nobres, e tão perfectas, que podião dar a Deos tanta gloria por toda a Eternidade; as quaes elle mesmo tinha creado singularmente para a sua gloria. Concebamos depois dillo (se he possível) o que he hum peccado mortal.

Hum só peccado de desobediência, priva o

primeiro homem da justiça original, priva-o de todos os dons naturaes, e sobrenaturaes, e ainda do mesmo privilegio da immortalidade; e grangêa para elle, e para toda a sua descendencia, essa multidão quasi infinita de males, que nos farão gemer até o fim dos seculos. Há já seis mil annos, que Deos se vinga, e a sua vingança ainda não está satisfeita: durará até o fim do mundo; e o fogo do Inferno, que esta colera tem accezo, durará huma Eternidade. Compreendamos por tão terriveis effeitos a malicia da fatal causa, que os produzio.

Quantas pessoas de huma virtude singular accumuladas de merecimentos, depois de ter chegado a hum gráo sublime de santidade, se condemnarão desgraçadamente, por hum só peccado mortal?

Ainda que hum tenha vivido sessenta, ou oitenta annos no exercicio da penitencia, ainda que tenha praticado os actos das mais heroicas virtudes, ainda mesmo que tenha feito milagres, hum só peccado mortal destroe, anniquilla em hum momento tudo isto, em hum momento cahe na desgraça de Deos, em hum momento se faz objecto da sua colera, e da sua vingança.

Na verdade o que Deos faz, para se vingar do peccador, pôde muito bem dar-nos alguma idéa da enormidade do peccado: mas com tudo, nada faz melhor conhecer até que excesso o aborrece, como o que elle tem feito para o destruir.

A sua Incarnação, o seu Nascimento, a sua vida, a sua Paixão, e sua morte, são huns taes prodigios, que excedem toda a nossa comprehensão. E com tudo, forão necessários todos estes prodigios para destruir o peccado: foi necessario o Sangue de hum Deos, para resgatar huma alma. E que depois de tantas fadigas, de tantos trabalhos, este mesmo Deos condemne ainda huma alma, por hum só peccado mortal! E que todos os males, todos

dos os tormentos, todas as adversidades desta vida, todos os fogos do Inferno, e fogos eternos, não possam jámais apagar a raiva, contra hum só peccado mortal! Certamente sempre deve ser isto huma cousa bem horrivel!

Seria necessario comprehender a Magestade infinita de Deos, a infinita desproporção, que há entre a creatura, e o Deos, a quem ella offende, para termos huma justa idéa da enormidade do peccado. A offensa de huma Magestade infinita, commettida por huma creatura vil, e desprezivel, que a aparta do seu ultimo fim, extinguindo em si todo o principio da vida, isto he, a Graça, devia ser por ventura castigada com menor pena? Na outra vida, não há alguma redempção, nem algum remedio: he preciso pois que a arvore fique eternamente naquella mesma parte, aonde cahio. E por ventura podemos conceber o rigor, e a necessidade de todas estas consequencias?

Só o peccado nos pôde apartar do nosso fim, fazendo que abuzemos das creaturas, que nos dá Deos para chegarmos a elle. Não há propriamente mal algum no mundo, senão o peccado; porque só aquillo, que nos aparta, e priva do soberano bem, he que se pôde chamar verdadeiramente mal. Peccar mortalmente, he perder a amizade de Deos, perder todo o merecimento do Sangue do Redemptor, e todo o direito, que elle nos tinha adquirido á gloria pela sua morte, he finalmente perder o mesmo Deos. Comprehende, e considera bem esta perda, e prevê bem, e esquadrinha todas as suas consequencias, e certamente conceborás no teu coração a enormidade do peccado mortal.

Almas réprobas, desgraçadas victimas da colleira, e da justiça de Deos, depois que não quizestes ser o objecto da sua bondade, e das suas ineffaveis misericordias; heu conheceis, ou ao menos sentis

em vós mesmas esta incomprehensivel enormidade : e quaes são os vossos pesares , e remorsos interiores ? A vossa dor he extrema ; a vossa raiva , e a vossa desesperaçãõ não terãõ jámais fim .

Enfermidades , perdas da fazenda , adversidades , tristezas , e todos os molestos , e incommodos accidentes desta vida , que pouco mereceis o nome de males ! Por mui amargoso , que tudo isto seja ao espirito , e ao coraçãõ , se o peccado está longe , e como desterrado deste mesmo coraçãõ , posso achar entre tudo isto hum verdadeiro bem , e hum sólido prazer ; tudo isto me pôde ser saudavel . Os perfectos Christãõs , estas pessoas verdadeiramente sabias , olhãõ estes chamados males como beneficios do Senhor ; e certamente o são , e eu mesmo os olharei como taes no fim da minha vida : e pelo contrario , honras , fortunas , opulencia , grandezas mundanas , alegrias , prazeres desta vida , se sois acompanhados com hum só peccado grave , sois verdadeiras desgraças , e hum castigo bem terrivel de hum Deos justamente irritado . Deste modo discorrerãõ todos os Santos , e os mesmos réprobos no Inferno ao presente tambem assim discorrem , e eu mesmo tambem assim discorrerei por toda a Eternidade .

Na verdade : o peccado não sómente he o unico mal , fallando propriamente ; mas nem pôde haver outro algum mal : e por ventura olha-se o peccado como tal ? Ah ! vemos que o peccado deleita , o peccado tem todos os attractivos para os homens : e poderiamos dizer que muitas pessoas não achãõ gosto nos prazeres , se não vão misturados com algum peccado . E não sou eu mesmo deste numero ? Que horror tenho tido atéqui do peccado ?

Ah , Senhor ! se examino a minha facilidade em commetter o peccado , e a pouca dôr , que tenho tido de o haver commettido , que devo julgar ? Que posso eu dizer ?

Eu

Eu devo, meu Deos, desterrar a minha cegueira, ter horror aos meus erros, admirar, e adorar a vossa bondade, e a vossa paciencia. Eu faço agora, meu Divino Salvador, huma, e outra couza; e vos dou muitas graças pela que me fazeis; de me dar ainda tempo de chorar as minhas desordens. Estou persuadido, que o peccado he o maior de todos os males, e que he o unico mal, que devo aborrecer, e temer, e nem quero temer outro algum mal: e os meios, que vou tomar para o evitar, farãõ ver claramente a minha penitencia, e conversaõ.

II. P O N T O.

Reflexoens sobre a enormidade, e os efeitos do peccado mortal.

EXaqui pois o que he hum peccado mortal: offensa de huma Magestade infinita, infinitamente respeitavel, e que merece ser infinitamente amada. He huma afronta voluntariamente feita a hum Deos, por huma creatura vil, e desprezivel, a quem este mesmo Deos tem enriquecido com os seus beneficios. He este o maior de todos os males, e propriamente he o unico mal, que há no mundo, fonte, e principio de todos os males, que não se poderia expiar por todas as satisfacoens, e ainda pelo sacrificio de todos os mortaes; digno sómente de huma pena eterna; exaqui o que he o peccado mortal: e faz-se no mundo este conceito delle? E por ventura, por se não fazer delle este conceito, fica sendo menor mal? Fica o peccador menos culpado? Será acaso menos desgraçado? Será menos digno de compaixãõ?

Certamente sempre deve ser o peccado hum muito grande, e mui terrivel mal, pois que Deos, q̃ he a mesma bondade, e cujas misericordias excedem

dem todos os prodigios , que elle tem feito; castiga hum só peccado mortal de hum modo tão espantoso.

Que conceito , e que juizo se faz hoje do peccado no mundo ? Esses homens dissolutos , e de consciencia livre , que se honraõ com as suas desordens , reputaõ-no por hum grande mal ? Esses mundanos , que se nutrem com a iniquidade , por ventura olhaõ o peccado como o unico mal da vida ? Ah ! o vicio naõ tem nada para elles de horroroso , familiarizaõ-se com o peccado , estudaõ , e applicaõ-se todos a despejar-se de tudo o que poderia inspirar-lhes hum justo horror delle; até o mesme nome do peccado se encobre , e se disfarça : chama-se ao desprezo , que se faz do Deos vivo , viveza do espirito , industria , habilidade em fazer fortuna , genio engraçado , hum divertimento , belos modos , galantarias. Exaqui com que nomes os Christaõs do nosso tempo chamaõ hoje a vida licenciosa , e peccadora : e por ventura o peccado mortal , por ser menos temido , ou estar mais encuberto , ou disfarçado , fica sendo menor mal ?

Como concorda sobre isto a nossa Fé com o nosso modo de viver ? Como concorda ainda este com a nossa razaõ ? Que se naõ faz no mundo todos os dias para naõ detragrar a hum amigo ? Esses mesmos , que saõ tão delicados nas menores obrigaçoens da vida civil , passaõ cegamente pelas principaes obrigaçoens de Christaõ.

Todos convêm que a maior parte dos males , que soffremos , naõ nos succedem , senaõ em castigo de algum peccado. Estamos bem convencidos de que o Inferno he huma cousa muito terrivel , naõ há ninguem , que lhe naõ tenha hum summo horror: e naõ temos horror ao peccado , que he só quem nos abre o Inferno ?

O menor mal nos faz tristes , inquietos , molestos , e algumas vezes inconsolaveis. Quando peccamos ,

amos, fazemos huma perda, que todos os bens do Universo multiplicados infinitamente não poderião reparar: e por ventura ficamos muito afflicto por isto? Aonde estão os arrependimentos, e as lagrimas?

Consideremos, que ainda quando não tivéssemos commettido mais, que hum só peccado mortal em toda a vida, sempre teríamos huma bem justa razão de chorar, e de temer até á morte: nós temos peccado tanto; ficamos cheios de horror considerando o numero dos nossos peccados; podemos ainda peccar; não sabemos se os nossos peccados estão perdoados: e como poderemos deixar de temer? Quem he que nos dá esta segurança?

Quem de nós, na presente hora está certo de estar em estado de graça? Assim he que nos temos confessado muitas vezes: mas quem nos disse que a nossa contrição era sincera, que o motivo da nossa dôr era sobrenatural? E poderemos por ventura estar muito contentes, e satisfeitos dos propositos, que tínhamos feito, de não peccar mais, depois de tão frequentes recahidas?

Se Deos não perdoou aos mesmos Anjos, que não devemos nós temer? E que conceito não devemos fazer da sua justiça, depois de ver os Anjos castigados tão severamente, depois de ver hum Deos morto em huma Cruz, para destruir este mesmo peccado? Cremos que o peccado em nós he menor objecto do odio, e da colera de hum Deos, do que nos Anjos?

Que injuria nos farião, se vendo como nos expomos sem alguns preservativos, e sem temor, ás occasiões tão perigosas do peccado, se vendo o pouco cuidado, que temos em conservar a innocencia, nos perguntassem, se verdadeiramente cremos que perder a Graça he o maior, e mais terrivel mal?

Por mui dissoluto, e relaxado que hum seja, nunca quererá morrer em peccado: e ao mesmo tem-

po toma hum especial prazer em viver no peccado, ainda que de nenhuma fórte se possa prometter seguramente huma hora de vida. Temos acafo feito algum pacto, ou ajuste com morte? Fizemos algum concerto com o Auctor, e Senhor da vida, para que a morte nos não assalte, estando em peccado?

Que inquietações, meu Deos, que horrores, que tormentos não sente hum homem, que teme ter offendido ao seu Principe? A nossa consciencia não nos reprehende em cousa alguma? Por ventura quando chegamos a ser tão infelizes, que offendemos ao nosso Deos, ficamos muito penetrados de dôr, e de afflicção? ou ao menos temos ficado com menos tranquillidade? Consideramos qualquer desgraça como hum grande mal; e não se faz caso de perder a graça, e a amizade de Deos!

Certamente he cousa bem para admirar, que seja necessario aos Fiéis, fazer-lhes grandes discursos, para lhes inspirar horror ao peccado. Foi acafo nunca necessario tanto, para inspirar a pessoas racionaveis horror de hum naufragio? Porém, dizem, he muito facil pela miseria humana, deixar-nos enganar pelos sentidos, mas quem tomará o veneno, por mui delizioso que seja, sabendo que certamente lhe dá a morte?

Somos todos muito attentos a evitar tudo, o que póde fazer-nos perder hum emprego, e tudo o que póde arruinar a nossa fortuna: e quando teremos, Senhor, a mesma attenção, e o mesmo zelo para não perder a nossa alma, para não perder o nosso Deos?

Meu Senhor, vós concedestes-me huma graça, que nem ainda aos mesmos Anjos a quizesdes conceder, que he a de morrer por mim; concedei-me tambem, pelos merecimentos da vossa Morte, aquella graça, que elles tambem não tiveram,

verão, isto he, huma dôr perfeita de todos os meus peccados: e já que me dais ainda tempo de fazer penitencia, o que certamente não tendes concedido a outros muitos, dai-me huma vontade efficaz de começar neste mesmo instante.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Maio.

Da certeza da morte.

I. PONTO.

He certo que havemos de morrer.

Confidéra, que he certo, e indubitavel o morrer: multiplicaí quanto quizerdes, e quanto vos agradar, os vossos dias: necessariamente entre elles hum há de ser o termo de todos os mais; e neste mesmo dia há huma hora, que há de ser a ultima para vós.

Naõ há verdade alguma tão clara, e tão sensivel, que naõ possa alguém duvidar della; mas ainda atéqui naõ se achou pessoa alguma, com tanto, que naõ tenha perdido o juizo, que pretendesse duvidar da sua morte. A licença, e a liberdade dos costumes, as paixoens desordenadas da vida, bem podem impedir que se confidére na morte; mas cousa nenhuma certamente poderá impedir, que se creia por certa.

A primeira idade do mundo vio homens, que viviaõ muitos seculos; e esta mesma idade, que os vio viver tanto tempo, os vio tambem morrer a todos. Todos os possos dias estaõ contados,

tados, ou seja o seu numero grande, ou pequeno, sempre tem limite: os homens succedem successivamente huns aos outros; nossos Avós já existião, e agora já não são neste mundo couza alguma: e tambem virá tempo, em que aquelles, que viverem, dirão o mesmo de nós.

Há duzentos annos, que as Cidades estavaõ cheias de povo, como hoje estão: e que he feito de todo esse povo?

De todos os homens do decimo sexto seculo, não resta mais, que huma pouca de podridão confundida com a terra. Buscai agora nesses ossos, ou nessa podridão, algum signal de grandeza, de distincção, ou de nobreza. Oh soberba dos homens, exaqui tens bem materia para te confundir. Mas exaqui tambem, ó meu Deos, bem grandes motivos para me desenganar.

Monarcas, que reinais no Universo, e para cuja felicidade tantos conspirão, vós haveis de morrer; o vosso Trono não está muito longe da sepultura; o nascimento vos fez distinctos dos demais homens; porém a morte vos fará algum dia iguaes ao menor dos vossos Vassallos. Essa serie continuada de prosperidades, essa delicadeza, e abundancia de prazeres, honras, riquezas, magnificencias, e victorias, tudo finalmente será algum dia enterrado com vosco.

Grandes do mundo, vós certamente morreis: buscai nas sepulturas o que resta hoje dos vossos antepassados: daqui a cem annos não restará mais de vós, do que agora resta delles. A vossa inscripção posta na sepultura, só conservará os vossos titulos, para ensinar á posteridade, que ja não sois cousa alguma do que ereis no mundo; e que não resta de vós mais, que huma pouca de cinza, muito inferior a essa urna, em que vos encerraõ.

Oh que boa escola he a morte! E que bem faria

fará a vista da sepultura a nossa alma, e o nosso coração de muitas enfermidades, se não fizéssemos tantos esforços, para apartarmos longe della o nosso pensamento!

Ainda que fosses o homem mais instruido, e mais douto, que jámais tem havido, e possuísses muito embora todos os thesouros do Universo, e fosses o homem mais feliz do mundo; has de morrer certamente. Quarenta, ou cincoenta annos de prosperidade, he tudo o que pôde durar a tua fortuna: porém toda esta soberba maquina, huma febre de alguns dias, hum accidente, huma pequena pedra, basta para a destruir em hum instante. Todos os desejos, todos os projectos, todos os immensos, e molestos cuidados do coração mais ambicioso, se terminaráo com huma convulsão, com o ultimo suspiro, com huma respiração, com que se acaba a vida. Huma vida delicada e deliciosa, opulencia, fortuna, tudo isto quando muito se termina em alguns funeraes hum pouco lustrosos; e depois, tudo acaba na sepultura.

Que gastos, que cuidados, para se edificar huma magnifica casa! Mas ah! nada disto, que edificas, he para ti: essa soberba casa he propriamente para os outros; quanto a ti, a tua morada há de ser a sepultura.

Nós mesmos, que fazemos ao presente tão laudaveis reflexoens, sobre a sorte de todos os homens, não ignoramos qual há de ser a nossa, estamos bem certos que havemos de morrer: daqui a menos de oitenta annos, já não estaremos vivos; todos os annos nos vamos chegando ao mez, ao dia, á hora, e ao ultimo momento da hora, em que havemos de expirar.

O som funebre dos sinos, que todos os dias nos estão noticiando a morte dos outros, nos traz á memoria, que também algum dia avizará da nossa morte aos outros. Por

Por bem pouca reflexão, que façamos sobre as cousas, que succedem, tudo contribue a fazer-nos lembrar que havemos de morrer. Nós habitamos as mesmas cazas, aonde habitavaõ antigamente aquelles, que já não existem hoje no mundo. Quantos tem falecido talvez no mesmo leito, ou ao menos na mesma caza, em que vivemos! Estamos entrando todos os dias na mesma Igreja, em que algum dia havemos de ser enterados.

As arvores, que mandamos plantar, subsistirão ainda depois da nossa morte; e nós mesmos as plantamos com esse designio de durar, e permanecer ainda depois de nós. Os mesmos meninos, que vemos todos os dias crescer aos nossos olhos, parece que nos estão dizendo, que ainda haõ de viver, depois que ja não estivermos nesta vida: muitas pessoas, com quem nós vivemos, verão levar-nos á sepultura. E tambem he certo que ás madeiras, que haõ de formar o nosso féretro, já existem, e talvez estejaõ já promptas para se lavrarem; e a mesma mortalha, e toda a cera, que há de servir em o nosso funeral, esteja já preparada.

Não há alguõ de nós, que não veja pouco mais, ou menos, até onde há de viver ordinariamente: são dez, quinze, vinte e cinco, quarenta annos, e accrescentai ainda alguns mais; depois do que, infallivelmente havemos de morrer. E quantos dos que fazem estas mesmas reflexoens, não chegarão nem ainda a esta idade? Exaqui pois a que se há de reduzir tudo o que me resta de vida: honras, prazeres, riquezas, já vos não hei de possuir mais, que por hum par de annos; isto he, deste dia, em que estou, até a minha morte, não me restaõ mais que dez, vinte, ou trinta annos. E quantos daquelles, que fizeraõ esta

mesma meditação, se enganárao em a sua conta? E depois deste pequeno numero de dias, que ainda tenho para viver, que sorte será a minha?

De todas as loucuras, Senhor, de que o juizo humano he capaz, não há alguma mais incomprehensivel, que esta: sei, que hei de morrer, que há huma Eternidade feliz, ou infeliz, depois da morte: e ainda não cuido em viver bem, ainda não faço todos os meus esforços, para me assegurar huma sorte feliz depois desta vida!

Sei certamente, que hei de morrer, e muito provavelmente, não tenho muito tempo para viver: e todos os meus cuidados só são em amontoar riquezas para os herdeiros, para pessoas que haõ de viver depois de mim, pessoas, que se servirão do fructo dos meus suores, do fructo talvez das minhas injustiças, e do que tiver causado a minha condemnação, para que vivaõ huma vida mais sumptuosa, e mais deliciosa, do que a minha! Egasto a minha saude, abrevio os meus dias, esqueço-me da minha salvação, desprezo e preparar-me para morrer bem, para deixar aos que me haõ de succeder depois da minha morte, com que viverem á sua satisfação! Sei que hei de morrer, não posso lembrar-me de todas as consequencias desta ultima hora sem tremer; sei quanto he difficultosa huma boa morte: e ainda me atrevo a cuidar em outra cousa mais, que em alcançar esta boa morte!

Vejo claramente, e conheço a desordem desta conducta, e tremo só com o pensamento da minha cegueira. Mas o que me consola, ó meu Deus, he, que sinto agora bsm efficazmente, que o horror, e o arrependimento da minha vida passada, sem duvida he hum effeito da vossa misericordia;

ricordia; e tudo isto me parece que prognosticá a minha perfeita conversão: estou resoluta a aproveitar-me do pouco tempo, que me resta de vida, e a entrar a preparar-me neste momento para morrer bem.

II. PONTO.

Reflexões sobre a certeza da morte.

Confidéra que cegueira, que loucura he a nossa: sabemos que certamente havemos de morrer, e nos portamos como se houvessemos de viver sempre.

Quem visse o horror, e as lagrimas, que nos causa só o pensamento da morte, assim que cahimos enfermos, diria que a morte dali por diante será a materia ordinaria das nossas meditações: porém, apenas nos julgamos fóra de perigo, logo apartamos de nós o pensamento da morte, como se ella já não fosse para temer.

Na verdade seria huma loucura bem pasmosa, e bem digna de compaixão, se houvesse alguem, que se lisonjeasse de que havia de viver sempre; e he por ventura menos digno de compaixão aquelle, que vive, como se nunca houvesse de morrer?

Não se cuida na morte, porque este triste pensamento nos horrorisa: porém se só o pensamento da morte espanta tanto, que será a mesma morte? Se o não cuidar na morte a fizesse menos certa, ou menos horrorosa, seria este esquecimento menos irracional: mas por ventura podemos nós ignorar, que o momento decisivo da nossa sorte eterna está já determinado, e que a morte nunca he tão espantosa, como quando não se tem cuidado nella?

Por

Por mais que os mundanos se ceguem, e não queiram considerar nesta verdade; nunca os seus divertimentos, e a sua ociosidade impedirá, de se avizinhar todos os dias este fatal termo. Este he o caminho de todos os homens, diz o Profeta, todos passam por elle; todos aquelles, que já não vemos no mundo, tem passado por elle; e todos vão continuamente caminhando por este caminho.

Há alguns annos, que essas mesmas assembleas, essas cazas de jogo, essas praças publicas, que hoje vemos cheias de gente, estavaõ tambem cheias daquelles, a quem nós temos succedido; e tambem daqui a poucos annos já teremos dado lugar a outros, que vierem depois de nós. Os que desapparecerãõ já, obrariaõ sabiamente, em não viver mais Christãmente, do que nós? E obraremos nós mesmos com prudencia, e sabiamente, se não cuidarmos mais na morte, do que elles?

Com muita razãõ se diz, que o pensamento da morte he hum grandê remedio, e huma grande correccãõ para todas as vãs alegrias do mundo; facilmente nos desgostamos com esta consideraçãõ, de todos os prazeres desta vida: quando consideramos com algum vagar, que dentro de poucos dias havemos certamente morrer; o luxo, o esplendor, a pompa do seculo, todas as grandes fortunas, já não cegaõ o nosso entendimento: quando me vir pálido, desfalecido, sem movimento algum, sem forças, deitado em huma cama, donde serei levado á sepultura, com que olhos verei entãõ todas as ricas alfaias, que não tornei jámais a ver? Ou tenhamos sido mais, ou menos respeitãõs, mais ou menos ricos, sempre entãõ teremos em bem pouco todos esses frivolos passatempos da vida. Porém se não tiver-

mos feito obras boas para ganhar o Ceo, se não tivermos feito bastante para segurar a salvação propria, se a consciencia nos reprehender de hum numero infinito de peccados occultos, de infidelidades, de injustiças, morreremos contentes? Causará muita alegria o não ter querido cuidar na morte? E he então ainda tempo de cuidar nella? Vós, ó homens livres, e dissolutos mundanos, vós ó Christãos imperfeitos, achareis naquella hora que tivestes razão, em ter considerado a morte unicamente como hum sonho?

Dies formabuntur, dizia o Profeta, & *nemo in eis*: os astros ainda farão o seu curso sobre as nossas cabeças: as estações do anno succederão humas ás outras: a terra produzirá suas plantas, e seus fructos: virão novos dias, e nenhum dos que vivem hoje sobre a terra terá já vida. Nós mesmos feremos então a materia de todas as reflexoens, que se farão sobre a inconstancia, e o nada de todas as cousas. Há cem annos, dirão, fallando de nós, que estas mesmas cazas erão habitadas, as ruas erão frequentadas, as Igrejas cheas de gente: e que he feito de todas estas innumeraveis pessoas? Todos os bens, e todos os males da vida, acabaráõ juntamente com elles; sómente alguns retratos velhos nos fazem ainda lembrar do seu luxo: os seus nomes já não se achão, senão nos livros dos mortos: grandes, e pequenos, soberanos, e subditos, pobres, e ricos, tudo morreo. Nenhuma pessoa das que viverão há hum seculo, existe hoje: as noites, e os dias, ainda vão succedendo alternadamente, e nenhum destes homens vive: *Et nemo in eis*.

Estamos bem certos, que havemos de morrer: devemos por tanto considerar-nos sobre a terra, como huns estrangeiros, que andaõ viajando. A tua caza, fallando propriamente, he huma hos-

pe-

pedaria, ou huma estalagem, que achas no teu caminho; e os retratos dos nossos Avós, não servem mais, do que para conservar a memoria, dos que passarão por elle antes de nós.

Que cuidados mais inuteis, e que imprudencia mais louca, que a de hum viajante, que só cuida em fazer fortuna, e em estabelecer-se vantajosamente em hum Paiz, por onde passa, o qual elle no outro dia há de deixar, para não tornar jámais alli? Ah! que mais sabiamente obraõ aquelles, que trabalhaõ sem cessar em fazer huma fortuna mais estavel, e em procurar huma feliz habitação na outra vida, aonde haõ de permanecer por toda a Eternidade!

Poderíamos nós, fallando sinceramente, tomar outro modo de viver, se estivessemos tão seguros de nunca morrer, como o estamos de não viver sempre? Poderíamos formar mais dilatados, e mais vastos desígnios? Poderíamos amar com maior affecto esta triste habitação do seculo, e poderíamos cuidar menos na outra vida?

Mas por ventura será necessario deixar tudo, enterrar-nos vivos em hum claustro, desprezar todo o cuidado dos negocios temporaes, para cuidar só na morte? De nehuma sorte: seria hum erro bem grosseiro, imaginar que o pensamento da morte, que serve tanto a pôr boa ordem em tudo, perturbasse a vida civil. O pensamento da morte não nos obriga a deixar aquelle estado, a que Deos nos chama; mas sim obriga a viver nesse mesmo estado, como pessoas que haõ de morrer.

Applique-se hum muito embora com cuidado aos negocios da sua familia, encha com exactidão todas as obrigaçoens do seu estado, viva no esplendor, e na abundancia, se a sua condição assim o pede, e obriga a isso: mas lembrese, que há de morrer.

Poucos negocios de consideração se fazem no mundo, em que se não ache sempre alguma confiança, que nos faça lembrar da morte. Em a maior parte dos contratos, que se fazem, se está fazendo especial menção della; chamaõ a isto tomar suas seguranças: e por amor destas, ainda que não queiraõ, necessariamente o pensamento da morte se encontra na maior festa da vida. Em hum casamento, nunca se esquecem as seguintes clausulas; *na morte, depois da morte, e o que dos dois morrer primeiro*: como se não se podesse formar huma sociedade, sem cuidar no fatal dia, que a há de romper. Sois feliz, sois rico, mas haveis certamente de morrer.

Pois se necessariamente havemos de morrer, he por ventura hum tão grande mal, como se cuida, ser menos estimado, menos poderoso, menos rico, com tanto que sejamos santos?

Certamente neste mundo não devemos procurar felicidades; esta vida he muito breve, para nos merecer tantos trabalhos; nós temos outra, que há de ser eterna: por tanto importa-nos muito, trabalhar seriamente para sermos eternamente felices nella.

Se a hum mancebo, que acha tantos prazeres, e tantos deleites no baile, no jogo, nos espectaculos, lhe dissemos que se lembre ao menos nestes lugares de delicias, que há de morrer; elle lançaria muito depressa de si hum pensamento tão triste: mas por ventura dar lhe-há muita consolação, quando se lembrar na hora da morte que assistio aos bailes, aos espectaculos, e que gozou de todos os prazeres?

Vós alcançastes em fim esse Emprêgo, essa Dignidade, esse lugar, que vos distingue tanto no mundo. Sois feliz; mas certamente morrereis.

Exaqui vos vejo convalescido de huma perigosa

gostissima enfermidade; cargos, riquezas, dignidades, tudo estava perdido por huma morte tão precipitada, que vos ameaçava. Que alegria, vendo tudo recuperado com a saúde! Ah! isto he quando muito, huma dilação de alguns annos muito incertos; porque infallivelmente morrereis.

Tendes tido huma grande fortuna na terra, exaqui vos vejo já superior a todos os vossos competidores, e a todos os vossos invejosos; está espalhada huma summa allegria em toda a vossa familia; mas haveis de morrer.

Ah meu Deos, quando seremos nós algum dia racionaveis! Estou bem certo que hei de morrer, que não estou no mundo, senão de passagem, que a minha sorte há de ser eternamente feliz, ou desgraçada, ella depende desta vida; e ainda posso cuidar em outra cousa mais, que em viver Christãmente, e preparar-me para morrer bem?

Naõ, Senhor, eu estou muito indignado contra mim mesmo, e por isso, com o soccorro da vossa graça, quero aproveitar-me dos meus erros. Há vinte, trinta, quarenta annos, que estou em caminho, sem cuidar, nem me lembrar para onde vou. Exaqui me vejo quasi chegado ao termo da minha jornada, já quasi para apparecer diante de vós, para ser julgado: e posso esperar racionavelmente huma sentença favoravel? Sei que hei de morrer, isto certamente he bastante para me obrigar a viver bem. Estou resolute, meu Deos, a viver o resto dos meus dias, como hum homem, que está bem certo de morrer brevemente, ou ao menos de morrer antes, do que o imagina. Sustentai-me, e dai-me perseverança nesta santa resolução, para que, depois de ter vivido Christãmente, possa ter a felicidade de morrer com a morte dos Justos.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez
de Junho.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

Do Santissimo Sacramento da Eucharistia.

I. PONTO.

*Do amor incomprehenfivel, que Jefu Christo nos
mostra na Eucharistia.*

Confidera tudo, o que Deos tem feito mais maravilhoso, e mais grande, para nós mostrar o excesso do seu amor: o adoravel Sacramento da Eucharistia he como hum compendio de todas estas maravilhas, e testemunho perpetuo de hum amor ainda maior.

Que Deos se haja dignado tomar hum singular cuidado do seu povo, que tenha obrado em seu favor tantos prodigios, que suspendesse as ondas do mar, para lhe abrir hum caminho plano, que fizesse cahir do Ceo hum Manná todo milagroso, para o sustentar no deserto; que finalmente o accumulasse de mil beneficios, até que- rer elle mesmo ser o seu defensor, e o seu guia: são na verdade effeitos de hum amor bem excessivo. Mas que sem ter respeito ao que elle mesmo he, e ao que nós somos, queira Jefu Christo fazer, para nos mostrar o seu amor, todos os mi-

Ingres, que faz na adoravel Eucaristia; que se digne com huma bondade tão singular, encerrar-se em hum tão pequeno espaço, multiplicar-se infinitamente, despojar-se da sua Magestade, para estar continuamente com os homens, e esconder-se debaixo das apparencias de pão, unicamente para nos servir de nutrimento: que vos parece? Não he isto amar-nos com ternura? Não he tudo isto a prova mais manifesta de hum grande, e generoso amor.

Por mui grande ternura, que hum Soberano tenha para com o seu valido, nunca se esquece de que he senhor; sempre guarda humas certas medidas a respeito dos seus vassallos, ainda nas maiores mostras de amizade: só o amor excessivo, que Jesu Christo nos tem, he que não guarda medidas na Eucharistia. Este amavel Salvador entrega-se, e da-se prodigamente a seus filhos: quasi se pôde dizer, que elle se esquece de si mesmo neste adoravel Mysterio, e parece que só se lembra de nós.

Temos jámais considerado bem o extremo amor, que este Divino Salvador nos mostra na Sagrada Eucharistia? E se o temos considerado, temo-lo comprehendido bem? Podê-lo-hemos jámais comprehender?

Ah! no tempo, em que aquelles, que elle tem accumulado de mil beneficios, estão conspirando para a sua morte; no tempo, em que hum dos seus Apostolos lhe está armando a traição mais feia, e que os homens estão deliberando sobre o meio de lhe tirar a vida, este amavel Salvador está todo occupado, em buscar meios de mostrar aos homens o incomprehensivel amor, com que os ama.

Jesu Christo não ignorava o que estava maquinando contra elle; previa perfeitamente to-los

os ultrajes, a que este Augusto Sacramento hia expor sua Divina Pessoa: mas o seu amor he ainda maior, que a nossa malicia: e nestas circumstancias faz esta maravilha: e quantos prodigios juntos se não vem nesta tão admiravel obra!

A substancia do pão aniquilada, sem destruir os accidentes; o Corpo de Jesu Christo ao mesmo tempo reproduzido em mil lugares differentes; sempre todo inteiro em hum espaço quasi indivizivel; sujeito á palavra de hum simples Sacerdote; distribuido indistinctamente a todos os Fieis, que se apresentão para recebe-lo; realmente presente sem esplendor, e sem Magestade: estas são as maravilhas, que elle faz para nos provar o excesso, com que nos ama. Tem elle conseguido o seu intento com tudo isto? E estamos nós convencidos de huma verdade tão admiravel?

Eu a confesso, ó meu Deos, fico absorto, e como privado de todo o uzo da razão, quando considéro nesta maravilha; e não posso sahir do meu espanto, quando considéro tudo, o que fazeis por amor de nós neste Mysterio: porém ainda fico mais absorto, e mais fóra de mim, quando considéro que tudo isto ainda não he capaz, de nos fazer amar ardentemente a Jesu Christo.

Que admiravel amor nos não mostrou elle no momento da sua Conceição! Que ternura, no dia do seu Nascimento! Que bondade, em todo o decurso da sua vida mortal! E que excesso de amor, sacrificando-se por nós na Cruz! Porém não se achão todas estas admiraveis provas do seu amor renovadas, e como unidas na Eucharistia?

Jesu Christo neste adoravel Mysterio, se disfarça debaixo das apparencias de pão, torna a nascer, para o dizer assim; vive na obscuridade,
he

he sacrificado, e offerecido muitas vezes no dia em sacrificio. E isto já não he para resgatar os homens: o Mysterio da Redempção está plenamente completo; o Redemptor possui huma grandeza, e huma gloria perfeita, incapaz de algum augmento: mas só para satisfazer ao amor immenso, com que nos ama, vive aqui de huma maneira tão ineffavel. E que outro fructo pôde elle tirar desta morte sacramental, mais que o prazer de se sacrificar continuamente a seu Pai, por amor de nós?

Se ao menos, elle tivesse apparecido clara, e vizivelmente sobre os nossos Altares com aquelle ar de Magestade, e esplendor, tão proprio á sua adoravel pessoa, se elle se tivesse disfarçado menos, seria mais respeitado: affim he, mas tambem seria mais temido; e o seu terno amor não pôde estar junto, com hum temor, que horrorize. Tudo o que pôde diminuir, ou enfraquecer o fervor, e a confiança, he contrario a hum amor grande: este Divino Salvador faz as suas delicias em estar com os homens, esconde tudo o que lhes pôde servir de motivo, ou de pretexto para se apartarem d'elle.

Os Princeses da terra fazem as suas liberalidades só em certos tempos, e a certas pessoas; Jesu Christo no Santissimo Sacramento dá tudo em todo o tempo, e a todos.

Vinde a mim vós todos, que trabalhais, e que estais opprimidos de afflicções; e eu vos aliviarei. Podia elle propor-nos outro motivo para nos attrahir a si, que nos interessasse mais? Basta ser pobre, estar afflicto, para ter direito a beber nesta fonte de todos os bens. A mesma miseria, e todas as adversidades da vida, servem de hum novo motivo para a nossa confiança; e se lhe não puzermos algum obstaculo, sempre havemos de ser

ser bem recebidos daquelle Senhor.

Jesu Christo feito o nosso manjar neste adoravel Mysterio, não nos deve occupar todo o nosso coração? Este he o pão Celestial, que tanta força nos dá nesta jornada, que vamos fazendo. (3. Reg. 19.) Esta he a fonte de agua viva, que corre perpetuamente. (Joan. 4.) Esta he a mesa mysteriosa, que nos consola. (Psal. 12.) Na verdade, que podia Jesu Christo dar-nos, ou que podia fazer, que não tenha feito dando-se-nos a si mesmo? *Quomodo non etiam cum illo omnia nobis donavit.* (Rom 8.)

Meu amavel Salvador, que achastes em nós, que vos podesse mover a amar-nos com hum amor tão excessivo, e tão incomprehensivel? Mas em vós, que achamos nós, que não seja capaz de abraçar o nosso coração, com o fogo do vosso amor? Quando não fizesseis mais, que permittir-me que eu vos amasse, só esta honra, esta singular, e immensa bondade, seria hum motivo bem forte, para todo aquelle, que conhecesse o grande bem, que há em amar a hum Deos. Mas ó meu Divino Salvador, que vos dignais amar-me até ao excessivo, que fazeis neste adoravel Mysterio; e que ainda se ache hum coração sobre a terra, que conhecendo este prodigio, não se digne, nem queira amar a este Deos! Exaqui huma cousa que parece ainda mais incomprehensivel, para o dizer assim, que este mesmo Mysterio.

II. P O N T O.

Reflexoens sobre o amor incomprehenſivel, que Jeſu Chriſto nos mostra na adoravel Eucharistia.

C Onfidéra, quanto he para admirar, que hum Deos nos ame com tal excesso, que se chegue a occultar nas especies sacramentaes na Eucharistia! He hum Deos quem nos ama, e ama-nos como Deos. E he possivel, que não tenhamos mais que indifferença, e insensibilidade a respeito deste Deos, naquelle mesmo Myſterio, em que nos prova tão efficaçmente o excesso, com que nos ama? He este hum myſterio não facil de comprehender. Que barbaro, instruido do que cremos neste Myſterio, poderia crer, que amassemos tão pouco a Jeſu Chriſto?

Este Divino Salvador não necessita dos homens; e com tudo ama de tal forte os homens, e sente hum tão grande prazer em estar com elles, que não repara em se encerrar em huma hostia por seu amor até o fim dos seculos. Os homens pelo contrario não podem passar sem elle, e com tudo estimaõ em nada a graça, que lhes tem feito em ficar com elles: tão pouco o amaõ, tão pouco caso fazem da felicidade de estar com este Senhor!

Essas pessoas ociosas, e enfadadas da sua propria ociosidade, que apparecem tão raras vezes, e com tão pouca vontade em os nossos templos; esses mundanos, que passaõ muitas horas nos espectaculos profanos, e a maior parte da sua vida no jogo, e nos divertimentos, e assembleas de prazer; estimaõ em muito a grande vantagem, e a grande honra, que temos em dar nossas homenajens a Jeſu Chriſto, realmente presente em nossos Altares, elles, que olhaõ esta obrigaçãõ da
nossa

nossa Religião como hum supplicio?

Cremos que Jesu Christo está verdadeiramente em nossos Altares, sabemos que alli está, conhecemos a necessidade, que delle temos, e o que elle pede, e o que espera de nós: sabemos muyto bem o que lhe devemos, e o que merece: ora na verdade, o nosso procedimento neste ponto, he a prova da nossa Fé? Quem vir o desgosto, a indifferença, o apartamento, e ainda o despreso, que há de Jesu Christo na Eucharistia, poderá racionalmente julgar, que cremos o que confessamos deste adoravel Sacramento?

Jesu Christo não se arrepende de ter feito este milagre, nem de ter tomado hum meio tão extraordinario, para satisfazer ao extremo amor, que nos tem: e que dirá este Senhor do pouco amor, que nós lhe temos? E nós mesmos que devemos julgar desta nossa monstruosa frouxidão a seu respeito?

Somos todos agradecidos, e todos sensiveis, ainda aos menores beneficios; hum final de amizade mal recebido, irrita justamente as pessoas, ainda as mais insensiveis; todas as leis, todos os povos condemnaõ fortemente toda a ingratição: e para Jesu Christo na Eucharistia, seremos dispensados destas leis? Só para com elle seremos, ao que parece, ingratos sem castigo?

Eu confesso, que se estivesse na minha escolha, pedir a Jesu Christo huma prova bem manifesta do amor, q̄ elle me tem, não sómente não me atreveria a pedir-lhe o milagre, que elle faz; mas nem ainda poderia jámais imaginar, que hum Deus pudesse amar-me de tal sorte, que fizesse por mim este milagre: e com tudo este milagre se há feito, eu o medito, e eu mesmo admiro huma tal maravilha: e por ventura amo por isto mais a Jesu Christo? Certamente nós cousa ne-

nhu-

nhuma merecemos menos, que ser amados de hum Deos, que conhece taõ perfeitamente o que somos. Porém, que conhecendo nós mesmos quem he Jesu Christo, nos custe ainda ama-lo ! Exaqui huma cousa, que mette horror.

Parece isto huma cousa bem incrível, e com tudo, he bem verdadeira : se Jesu Christo nos tivesse amado menos, se naõ tivesse feito este prodigio, e este milagre por amor dos homens, naõ seria taõ maltratado.

He possivel, Senhor, que a prova mais forte do vosso amor para nós, se faça por nossa malicia a causa da mais feia ingratitude, e do mais sacrilego desprezo !

Se hum estrangeiro, hum barbaro, tivesse dado ametade dos seus bens para remediar a nossa necessidade, como lhe naõ seriamos nós agradecidos ! E se succedesse, que este bemfeitor estranho passasse pela Cidade aonde moramos ; que obsequios seriaõ os nossos, e que continua assistencia lhe fariamos em quãto elle alli se detivesse ? Jesu Christo tem dado tudo, o que tem, e tudo, o que he ; da-se a si mesmo para ser o nosso sustento ; está continuamente sobre os nossos Altares ; e fomos nós muito cuidadosos em o visitar aqui ?

Que affectos, que sentimentos foraõ os de Jesu Christo, quando se vio desamparado de todo hum povo, a quem tinha accumulado com innumeraveis beneficios, desamparado ainda dos seus mesmos Discipulos, que eraõ os mais ardentes, e fervorosos no seu serviço ! E que sentimentos seraõ os seus no adoravel Sacramento da Eucharistia, aonde está desamparado de quasi todo o mundo a maior parte do tempo, e aonde he taõ pouco visitado, ainda das mesmas pessoas Religiosas, que o tem continuamente em sua casa ?

Os Gentios, e os povos barbaros do Ori-
en-

ente, só com a relação deste Myſterio, clama-
vaõ altamente: Oh como he bom o Deos dos
Chriſtaõs! Como he liberal! Que amavel he! Po-
rêm, que diriaõ elles, ſe lhes diſſeſſem, que quaſi
a maior parte dos Chriſtaõs não amaõ a eſte Deos
taõ amavel! e que não ſõmente não excita eſte
Manjar taõ exquiſito, e taõ Celeſtial o ſeu appe-
tite; mas ainda, que até tem ſaſtio delle; e que
até ſe ſervem deſte eſtado humilde, e obſcuro,
a que o excesso do ſeu amor o reduzio, para com-
metterem as maiorer impiedades?

Se o Salvador, fazendo-ſe menos prodigo dos
ſeus theſouros, tiueſſe querido ſõmente achar-ſe
raras vezes em os noſſos Altares; e que ſó ſe
podeſſe dizer huma Miſſa em huma ſó Cidade
do Univerſo, huma vez ſó em hum ſeculo: que
concurſo ſeria, e que fervor de todos os Chriſ-
taõs, para aſſillir a eſte adoravel Sacrificio? Fe-
lices aquelles, diriaõ elles, que virem eſte dia
privilegiado, e puderem adorar antes da ſua mor-
te a Jeſu Chriſto na Euchariftia!

E por ventura por eſtar eſte beneficio mais
commun, e mais univerſal, he menor? Será tam-
bem menor favor, o ter a Jeſu Chriſto em to-
dos os Altares todos os dias, e a toda a hora?
Seremos menos felices, que aquelles, que tiueſſem
a felicidade de o ter huma vez na ſua vida? E
eſtimamos nós muito eſta felicidade?

Que innumeraveis peſſoas ſe nutrem com o
Corpo, e com o Sangue adoravel de Jeſu Chriſ-
to! Houve jámais algum nutrimento mais ſauda-
vel, ou algum remedio mais efficaz para toda a
ſorte de males? Porêm aonde eſtaõ aquellas al-
mas generoſas, tetrores dos inimigos da ſua ſalva-
ção? Aonde eſtaõ as almas abraſadas dos Divinos
ardores, que deve produzir eſte Manjar, com que
ſe nutrem? Trazemos o fogo em o noſſo ſeio, e
nãõ

naõ sentimos os seus ardores ; andamos frios como hum gelo.

Jesu Christo toca com a sua maõ hum enfermo , e logo o fara ; a mulher , que tinha tocado fõmente a fimbria da sua tunica , alcança logo saude : naõ me admiro certamente disto ; o que me enche de pasmo , e de admiraçaõ he , que chegando nós tantas vezes aos nossos sagrados Mystérios , sejamos sempre os mesmos. Naõ he só a fimbria da tunica do Salvador , que temos a felicidade de tocar agora : he o mesmo Corpo , e Sangue adoravel de Jesu Christo , que temos entre as nossas maõs , o qual recebemos , e comemos ; e ficamos com tudo taõ tibios , e taõ enfermos , como se nunca o tivessemos tocado. Depois de hum taõ grande numero de Communhoens , que paixãõ temos vencida ? Que vicio corrigido ? Que virtude adquirida ? Huma só Communhaõ basta para fazer hum santo ; eu posso já contar duzentas , e mais ; e estou taõ imperfeito , e ainda talvez mais vicioso , do que estava antes de ter a felicidade de receber este Divino Manjar.

Esta reflexãõ deve encher de horror a todo o homem , que tem Religiãõ ; e por nossa desgraça , ella he mui bem fundada. Na verdade , que cousa pôde haver para mim saudavel , se o Corpo , e o Sangue precioso do Salvador , já me naõ servem de nada ? E que remedio será efficaç , se este se faz inutil ?

Naõ se considera em huma verdade taõ formidavel : e em que cuidamos , se naõ cuidamos nisto ? O fastio , que temos deste Manna Celestial , bem mostra a nossa pouca saude.

A frouxidaõ , a fraqueza , e as enfermidades espirituaes , que experimentamos depois de tantas Communhoens , naõ nos estaõ prognosticando huma morte proxima ? E estamos mui tranquillos !

E não cuidamos nisto! Quem he que nos dá esta segurança, em que vivemos?

Quid ultra debui facere? Que cousa podia eu fazer maior, e mais capaz para attrahir os vossos coraçoes, do que o que tenho feito? Póde-nos dizer este amavel, e Divino Salvador; eu não tenho cousa alguma melhor para dar, do que a mim mesmo, e comigo dou tudo: e que agradecimento, que recompensa recebo eu, por hum tão grande beneficio?

Ego te pavi Manna: & tu me occidisti lapidis, & flagellis. Eu te hei dado o meu Corpo, e o meu Sangue por nutrimento: e tu te serviste desta mesma maravilha, para me maltratar.

O intento deste Divino Salvador, dando-se a si todo, he dar huma vida abundante á alma: e esta mesma alma converte este Manná Divino em veneno. Este he o pão dos fortes: e os Sacerdotes, que o comem todos os dias, e os Fieis, que o recebem tantas vezes, vivem em huma palmosa frouxidão, e tibieza, e morrem muitas vezes de fraqueza espiritual!

O seu deliquio he unir-se intimamente á alma fiel; entra verdadeiramente no seio de todos os que o commungão; mas nem todos o recebem no coração.

Jesu Christo pertendeo que seus filhos achassem na Eucharistia huma fonte inexaurivel de consolação em o seu desterro; e huma recreação, e alivio nos males da vida presente: e recorre-se a elle nas adversidades? Por ventura este Divino Salvador sobre os nossos Altares, he objecto da nossa confiança? Elle o deve ser, esta he propriamente a arvore da vida; e qual he a causa de sentirmos tão pouco os seus effectos?

Em fim, eu institui este Mysterio, póde dizer este Divino Salvador, com o desígnio, de me-
re-

reçarcir sobre os Altares dos ultrajes, com que me maltratarão por todo o tempo, em que appareci visivelmente sobre a terra, isto he, para que seja aqui visitado, adorado, e amado ardentemente de todos os Fieis. Ah! tudo succede pelo contrario, pela pura malicia dos homens: renovaõ-se ainda aos pés destes mesmos Altares, os mais horrorosos ultrajes, pelas profanaçoens escandalosas.

Vemos muitos cuidadosos, e diligentes em visitar a Jesu Christo? quantos dissolutos, o vem ultrajar até aos pés dos seus mesmos Altares? Quantos traidores á sua Mesa?

Honraõ-no muito os seus Ministros? Por ventura a sua modestia, a sua piedade, a sua Religião, são huma prova clara da sua Fé, e excitaõ a devoçaõ dos Fieis? Ah! que tibieza se poderá ver mais fastidiosa! Que desprezo mais universal!

Amavel, e Divino Jesu, que vedes quam indignamente vos tenho tratado neste Augusto Sacramento, que julgais, Senhor, de mim? E que devo eu mesmo julgar?

Devieis vós esperar huma ingratiãõ tão feia, da parte de hum servo, que se não tivesse esquecido dos vossos beneficios? E devo eu ainda prometter-me alguma misericordia da parte de hum Deos, a quem tenho tratado com a maior insensibilidade?

Sim, meu doce Jesu, eu mesmo me prometto esta misericordia de hum Salvador, que nenhuma cousa tem tanto no seu coração, como a conversãõ dos peccadores, e que me faz sentir já esta misericordia, pelos sentimentos de arrependimento, e dôr dos peccados, que já me dá. Se hum coração contrito, e humilhado pôde fazer-vos alguma homenagem; espero, Senhor, re-

parar o meu pouco amor para com vosco, e as minhas irreverencias passadas, pelas homenagens, que daqui por diante eu vos hei de fazer. Toda a minha ambição será agradar-vos, e adorar-vos em os nossos Altares, em espirito, e em verdade. O fervor, que daqui por diante hei de ter, em fazer-vos Corte neste adoravel Mysterio, será huma prova bem clara do meu terno, e respeitoso agradecimento; a minha modestia, e a minha devoção na vossa presença, darão testemunho certo da minha Fé: e quanto tenho sido atéqui insensível a hum tão grande beneficio, tanto entro agora a estudar, e a applicarme verdadeiramente, com o soccorro da vossa graça, a dar-vos signaes bem claros do meu amor, do meu respeito, e do meu eterno agradecimento.

He possível, oh meu doce Jesu, que tenha eu sido atéqui insensível ao vosso amor, e que este fogo Divino, que abraza o coração de todos os Bemaventurados, não tenha vencido a minha tibieza? Eia pois, Senhor, eu quero sahir deste estado de insensibilidade tão feio aos vossos olhos; e já me parece, que o meu coração está inteiramente mudado: na verdade ainda me não atrevo a dizer que vos amo, mas parece-me, que quero amarvos ardentemente.

Meu amavel Salvador, cujo coração está sempre abrasado de ternura para o amigo, sempre aberto para me receber, sempre prompto para ter misericordia de mim, perdoai-me todas as minhas irreverencias passadas. Ah, meu Deus, e meu tudo, acabe-se a minha vida, se ainda hei de continuar a amar-vos tão pouco: consuma-se o meu coração, se elle ainda há de afeiçoar-se a outra cousa, e se se há de occupar de outra cousa mais que de vós.

Eu vos amarei, meu amavel Redemptor, o
resto

resto da minha vida : e vos consagro o resto dos meus dias. A vossa Casa , meu doce Jesu , será o lugar da minha habitação ; aos pés dos vossos Altares virei aliviar-me das minhas fadigas , acharei ahi o sustento da minha alma , e o meu repouso ; as minhas delicias serão daqui por diante estar na vossa presença , amar-vos continuamente , e adorar-vos sem cessar.

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Junho.

Do pouco respeito ; que se tem a Jesu Christo no Santissimo Sacramento.

I. PONTO.

Quanto merece Jesu Christo ser honrado dos homens no Santissimo Sacramento.

Confidéra , que quanto mais Jesu Christo se humilha pelo amor dos homens , tanto mais o devemos nós honrar , e amar. Assim como não há Mysterio ; em que este Divino Salvador nos mostre maior ternura , que na Eucharistia ; assim também não há algum , em que elle se humilhe mais para nos mostrar o seu amor.

Despojado ainda daquelle ar de Magestade , que apparece nas suas mais profundas humilhações , disfarçado debaixo das fracas apparencias de pão , escondido nas especies sacramentaes , não sómente Jesu Christo não parece Deos , mas nem ainda homem : e em hum tal disfarce , a que despresos não está exposto ?

Com tudo este homem, assim disfarçado, he o Creador de todas as cousas, o soberano Senhor do Universo, o Rey, o Juiz de todos os homens: e se ainda quizermos hum titulo mais terço, e que mais nos attraha, elle he o nosso Pai, e o nosso Redemptor.

Este he aquelle, que faz a perfeita felicidade de todos os Bemaventurados; e sendo arbitro da nossa sorte eterna, só elle nos pôde fazer felices.

Este he aquelle Divino Salvador taõ formidavel a todo o Inferno, diante de quem todos os poderes do Ceo, e da terra tremem, e a cujo Nome tudo deve dobrar o joelho com respeito.

E cremo-lo nós assim? Respeitamo-lo como tal? As honras, que lhe fazemos neste adoravel Sacramento, correspondem á nossa Fé? Vendo-nos nós mesmos na sua presença, podemos racionalmente julgar que o cremos? Quem nos vir na sua presença, poderá julgar racionalmente, que nós cremos o que se encerra neste Sacramento?

Moyfés não pôde chegar á çarfa, que ardia, senão com os pés descalços, respeitando a terra, aonde se estava fazendo esta maravilha. Huma só vista pouco respeitosa para a Arca do Senhor, custa a vida a mais de cincoenta mil Bethzamis. Huma nuvem milagrosa espalhada no Templo de Salomão, inspira a todo o povo huma veneração prodigiosa, e obriga ao Rey em agradecimento de hum taõ grande beneficio, a sacrificar ao Senhor mais de cem mil victimas: e isto com tudo não eraõ mais do que humas debéis figuras daquelle, que temos todos os dias em os nossos Altares, no adoravel Sacramento da Eucharistia. Que honras, que veneração, que respeitos não merece a real presença do Senhor, neste Augusto Sacramento?

Os Anjos estão em multidão ao redor dos Altares para adorar, e amar este adoravel Jesu, ainda que este Senhor se não tenha posto por seu respeito no Santissimo Sacramento: e os homens, para quem sómente se fez este milagre, são as unicas creaturas, que o tratão indignamente.

Se não conhecemos a Jesu Christo, estamos perdidos sem remedio; pois que a vida eterna consiste em o conhecer. Porém, que não devemos nós temer, se, fazendo profissão de o conhecer, e crer realmente presente na adoravel Eucharistia, o honramos tão pouco, e o amamos ainda menos?

Jesu Christo está disfarçado, e encoberto de baixo das apparencias de pão; não ignoramos certamente o motivo deste Mysterio. É porventura hum Rey disfarçado, e reconhecido por tal, faz-se menos respeitavel? Pois deve ser menos honrado o nosso Divino Salvador, por se fazer tão accessivel por este milagre?

Nenhuma cousa seria mais propria para o recompensar das ignominias da sua Paixão, e de todas as injurias, que soffreo por toda a sua vida mortal, do que a sua assistencia em os nossos Altares.

Já não habita no meio de hum povo rebelde, e inimigo, nem no meio de huma Nação depravada, e perversa; mas nos Templos dos Christãos, entre seus proprios filhos, no meio de hum povo, que o reconhece por seu Redemptor, que faz profissão de o amar, e de o servir; no meio de hum povo fiel. Que homenagem lhe não devem tributar todos os corações? Que culto mais respeitoso, que o que se lhe deve dar nestes Altares? E que honras não deve elle esperar aqui de todos? Exaqui o que estás meditando; confidéra agora bem o que fazes.

Se os Judeos conhecessem a Jesu Christo tanto como nós, trata-lo-hião tão indignamente? Não o tratarião ao menos com mais respeito, do que nós mesmos o tratamos? Meu Deos, que reprehendoens nos não está dando sobre isto a nossa razaõ, e a nossa consciencia? E que horroroso he comparar a nossa conducta, com a nossa Fé sobre este ponto?

Quantas vezes temos nós invejado a felicidade daquelles homens privilegiados, que illustrados com as luzes da Fé, reconhecerão a Divindade do Salvador na sua vida mortal? E por ventura, este mesmo Senhor merece agora menos as nossas adoraçoens em os nossos Altares? Mostra-se elle aqui menos bemfeitor, menos poderoso, menos amavel? Elle aqui está realmente presente; o véo, que o esconde, não tira aos olhos da Fé o conhecimento do que elle he, do que póde, do que precisamente nos está pedindo. Os Principes, os Póvos, e os Sacerdotes, que apparecem nos Templos, crêm certamente, que estão aos pés de Jesu Christo; e condemnarião ao maior, e ultimo supplicio, a hum sacrilego profanador dos vasos sagrados: e por ventura o seu zelo, a sua devoçãõ, a sua modestia, os seus respeitos correspondem á sua Fé? Oh que horrivel cousa he crer, que estamos na presença de Jesu Christo, e estarmos ahí como se não o creffemos!

Senhor, depois de tantos milagres do vosso poder, e da vossa sabedoria, ainda pertence á vossa gloria fazer hum novo milagre, tolo da vossa misericordia; que he vencer a insensibilidade do meu coração, e dignar-vos de vencer todos os obstaculos, que ponho aos effeitos da mesma misericordia. Que horrorosa contradicçãõ entre a minha Fé, e os meus costumes! Creio, e bem sinceramente, ao que me parece, que estais

tis realmente presente no adoravel Sacramento da Eucharistia ; e estou com taõ pouco respeito na vossa presença , e vos tenho visto nelle atéqui com a maior insensibilidade ! E quantas vezes , até com desprezo ! Vêde agora , Senhor , a dor sincera , que tenho de tudo isto , e o ardente desejo , que vós me dais de reparar daqui por diante o meu pouco amor para vós , e as minhas irreverencias passadas , por hum culto verdadeiramente respeitoso. Augmentai a minha Fé , abrazaí-me com o fogo do vosso amor , e nunca jámais tereis razãõ de vos queixar do meu esquecimento , nem do meu pouco respeito na vossa presença.

P O N T O II.

Reflexoens sobre o pouco respeito , que se tem a Jesu Christo no Santissimo Sacramento.

C Onfidéra , que desgraça he não conhecer a Jesu Christo : ah ! não há cousa nenhuma , que se deva temer mais : e por ventura he menos para temer conhece-lo , estarmos certos da sua Real presença , e faltar-lhe ao respeito ?

Na verdade , que homem por pouco racional que seja , instruido dos Mysterios da nossa Religiaõ , não tendo experiencia do nosso modo de viver , poderia jámais crer , que Jesu Christo fosse taõ pouco amado , taõ esquecido , e taõ pouco honrado pelos Christãos ? Nós estamos mui bem instruidos da indifferença , que há para com este Divino Salvador , e dos ultrajes , com que o trataõ neste tremendo Mysterio ; e por ventura causa-nos pena comprehende-lo ? Ou ao menos sentimos dôr , em augmentar o numero destes ingratos , e destes profanadores ?

Na verdade , parece huma cousa bem incrível ,
mas

mas com tudo he verdadeira: Jesu Christo he tratado em os nossos Altares por hum grande numero de Fieis, como se elle ahi estivesse só figurativamente, e muitas vezes teriamos bem justa causa para nos indignarmos, e encher-nos de hum justo furor, se vissemos tratar a imagem do Redemptor, do modo, que vemos tratar o seu Corpo sacramentado.

Não he necessario trazer aqui á memoria a triste lembrança daquelles tempos infelices, em que a Heresia levou a abominação da desolação até ao lugar santo; as sacrilegas ruínas de tantos Templos destruidos, as cinzas de tantos Sacerdotes, misturadas com as de tantos Altares queimados; e outros muitos monumentos ainda vivos da impiedade dos Hereses nos pintaõ, e poem claramente diante dos olhos a horrorosa imagem das mais enormes profanações, que se tem feito do Corpo, e Sangue adoravel de Jesu Christo: para que nunca nos possamos esquecer, do que deve ser hum eterno motivo para as nossas lagrimas. A Sagrada Hostia trespassada, feita em pedaços, pizada aos pés, lançada aos brutos, e outros muitos abominaveis sacrilegios, de que os mesmos demonios teriaõ horror; podem deixar de mover, e penetrar de dôr a hum coração apegado ao Christianismo?

E não temos bem razão para nos enchermos de indignação, e de lagrimas, á vista das nossas proprias desordens? Que irreverencias, até nos mesmos Altares? Que horriveis profanações não vemos nas Igrejas todos os dias? Com que horror estará Jesu Christo entre as mãos de hum Sacerdote malvado? Com que impiedade he e he recebido no impuro seio de hum impio?

Quantos homens dissolutos, mulheres mundanas, parece não assistem aos nossos tremendos Mystérios mais, que para insultar a humildade de

de hum Deos , que se poem em hum estado taõ baixo , taõ humilde , e desprezivel , por amor delles ? Quantos ajoelhaõ diante delle com hum joelho só , por irrisaõ , e escarneo ?

Naõ saõ estas algumas lamentaçoes vãs , que como por herança nos deixassem nossos Pais ; ha bem razaõ para nos queixarmos , e para gemer muito , vendo a nossa pouca Religiãõ : e que nos parece a nós isto ? Nós mesmos somos os que havemos de responder. Ah ! os picantes remórros da nossa consciencia muito bem a tempo respondem : e se nós nos vemos , como podemos estar taõ socegados ?

Os Ministros de Deos vivo , os Sacerdotes do Senhor , que só o parecem no Altar pelos ornamentos sagrados , com que estaõ revestidos ; aos quaes vemos offerecer o mais santo , e mais augusto de todos os Sacrificios , com taõ pouca devoçaõ , e ainda muitas vezes com taõ pouca decencia Christã : estes Sacerdotes , taõ pouco difsimilhanes do povo em os seus costumes , e muitas vezes ainda menos penetrados dos nossos sagrados Mystérios , que o mesmo povo ; estes Sacerdotes , digo , sabem de que preço he a victima , que offerecem , estando obrigados a crer que esta preciosa victima he real , e verdadeiramente Jesu Christo ?

Certamente he necessario que haja bem fastio , e bem desgosto da presença de Jesu Christo , para se dizer Missa com huma precipitaçaõ , que escandaliza. Ordinariamente nos desembaraçamos , quanto mais sedo podemos , daquillo , que naõ fazemos com gosto ; e huma tal victima pôde ser-nos huma carga pesada ? Bem sentimos que estas reflexoens horrorizaõ , e fazem perder o juizo ; porém de que nos serve inlignar-nos contra a nossa pouca Religiãõ , se nos naõ fazemos melhores Christãõs ?

Dizer

Dizer que o não vemos; este pensamento faz horror: dizer que cremos, sendo a nossa vida toda opposta á nossa Fé; he esta huma malicia, e huma impiedade, que espanta, e faz tremer: a nossa razão julga que o partido mais racional, que ha para tomar, he julgar, e dizer que não temos Fé: porém que condição, e que sorte será a nossa neste estado!

A Eucharistia he o mais precioso penhor do amor de Jesu Christo, para com a sua Igreja, e huma abundante fonte de graças, e de bençãos. Estando nós tão necessitados, tão famintos, e tão sequiosos, como estamos, somos muito cuidadosos; e sollicitos em hir beber a esta fonte de todos os bens?

Quem he o que vai á Missa, com hum alto conceito deste adoravel Sacrificio? Quem cuida em render as graças a Jesu Christo, porque, extinguindo todos os outros sacrificios, nos deixou neste huma Hostia, que não pôde deixar de agradar ao mesmo Deos? Huma Hostia proporcionada aos beneficios, que d'elle temos recedido, e a todos os mais, que lhe podemos pedir: huma Hostia capaz de apagar todos os peccados dos homens. Em nada se considera menos: e por ventura não he isto huma cousa digna de se considerar bem? Que tenha Jesu Christo feito tão grandes excessos para nos fazer tamanhos bens, e que aquelles, por quem os obrou, desprezem aproveitar-se delles, e olhem tudo isto com a maior indifferença? Será isto hum desprezo pouco sensivel para hum bom, e generoso coração?

Que chegue hum Sacerdote a ter nas suas proprias mãos o Cordeiro de Deos, que apaga os peccados do mundo, e que não fiquem os seus apagalos! Que hum Christão chegue a ver o seu Salvador exposto nos nossos Altares, e que

ainda

ninda a sua confiança esteja tão vacillante ! Que seja convidado á sua meza , e que ache ainda razões , ou pretextos para se apartar della ! Oh ! que terrivel he esperar a hora da morte , para conhecer estes Mysterios !

Já muitas vezes temos ouvido a reprehensão , que Jesu Christo nos faz pelo seu Profeta : Se hum inimigo me tivesse maltratado , não me admiraria disso : porém hum Discipulo , hum filho , a quem sustento com a minha propria carne , e com o meu proprio sangue ! Naturalmente he huma cousa bem sensivel ver-se huma pessoa maltratada por aquelles , a quem nunca offendeu : e que dura cousa será , ver que se servem dos nossos propios beneficios , para nos maltratar ?

Não poderemos dizer , que por ter ouvido ha muito tempo esta reprehensão , estamos já acostumados a ella ? Isto he , que á força de ver maltratar a Jesu Christo em os nossos Altares , e augmentar nós mesmos o numero dos que o maltrataõ , nos temos feito insensiveis a huma reprehensão , e a huma queixa tão bem fundada , e tão terna. O mesmo Judas , este malvado homem , não foi movido com ella : esta comparaçã he horrorosa ; mas em fim hum tão grande numero de Communhoens , que temos feito , tem produzido em nós fructos , que nos possã consolar ?

Certamente , quando huma pessoa tem vivido cheia de indifferença , e de desprezo para com este Divino Salvador em nossos Altares , pode-lo-ha receber com muita confiança no fim da vida ? Jesu Christo trazido em Viatico , servirá de grande consolaçã , a quem o não tem tratado mais , que com insensibilidade , e desprezo ?

Filios enutivi , & exaltavi ; ipsi autem spreverunt me. (Isaias i.) Criei , e nutri filhos , e os distingui , e accumulei de gloria : e todo o seu agrade-

agradecimento, todo o seu amor se reduz a desprezar-me. Não bastava o ter eu soffrido tantos opprobrios, e afrontas daquelles, que me não tinhaõ conhecido? Ainda he necessario, que seja tratado tão ignominiosamente por estes mesmos, que me conhecem? Eu lhes tenho dado tudo: o meu amor para com elles, me obrigou ainda a dar-lhes a mim mesmo: e elles, Altares pobres, e desprezados, essas Igrejas sem adoradores, esse Sacrificio offerecido com tão pouca devoção, essas irreverencias ainda nos Altares, esse grande numero de Communhoens sacrilegas, mostraõ muito bem quam pouco sou amado, e respeitado delles.

Já não posso, Senhor, rezistir a huma reprehensão, e a huma queixa tão penetrante, que me fere até a alma, e tão justa, que não tenho que lhe responder; vingai-vos com hum novo beneficio. Sinto que o meu coração se abrande, e que a minha dôr junta com a confusão, que me causa a triste lembrança das minhas ingraticidoens, não me permite dizer outra cousa mais que estas palavras: *Pater, peccavi in Cœlum, & coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus.*

Sim, Pai de misericordia, pequei contra o Ceo, que manda tão expressamente o respeito para com todos os Pais, e muito particularmente para com vosco, o melhor de todos; e tambem pequei contra vós, pois me servi até dos vossos maiores, e mais singulares beneficios, para vos offender. Sim, Pai cheio de bondade, eu confesso que pequei; vós podeis condemnar-me, e certamente o tenho merecido; mas vede, e attendei, Senhor, que he hum filho, o que implora a vossa misericordia. Eu mesmo me atrevo ainda a apresentar-vos, e offerecer-vos este mesmo Corpo adoravel, este Sangue precioso, que tenho profanado; para socegar, e abrandar a vossa jus-

tã colera : já naõ mereço ser chamado voffo filho ; porém espero que me fareis a graça de feto ao menos hum fervo respeitoso , e fiel : e a minha continua assistencia em fazer-vos Corte nos vossos Templos , a minha modestia , o meu respeito , e as minhas adoraçoens repararáo , como espero ; as minhas desordens passadas.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Junho.

Da incerteza da morte.

I. PONTO.

Todos estão certos que baõ de morrer ; porém naõ sabem nem o dia , nem a bora da morte.

Considera , que he certo que todos morremos : nenhum homem racional pôde atéqui duvidar disto ; porém naõ sabemos se morreremos cedo , ou tarde : o que sabemos de certo , he , que sempre viremos a morrer primeiro , do que cuidamos ; e que he artigo de Fé , que naõ sabemos nem a hora , nem o dia ultimo da nossa vida , e que o Filho do homem virá certamente naquella hora , em que se naõ esperar.

Ainda que toméis grande precauçaõ , e estejais prevenido , nunca deixareis de ficar sobrestado com ella : e que será , se naõ estiveres acutelado ?

Naõ ha idade alguma , temperamento , ou boa disposiçaõ , que nos possa prometter huma hora de vida. Quantos estão morrendo a nossos olhos

olhos em huma florescente idade, na força dos seus annos? O curso ordinario da natureza he tantas vezes interrompido, quantas observado; ha poucos dias, em que não vejamos algum exemplo desta verdade.

A nossa vida, segundo a fraze da Escriptura, he comparada a huma folha da arvore, que cahe com o menor pé de vento; comparaf-e a este mesmo pé do vento, que só se sente de passagem; a huma flor, que se abre toda fresca de manhã, e que poucas horas depois se murcha.

Ha não poucas mortes, que não sejam imprevis-tas; e nenhuma ha, que não seja precipitada, e subita a respeito do que morre. Que homem tendes visto, que se não prometteffe viver ainda, ao menos até o dia seguinte?

Sabe-se que a morte he certa; porém só se considera nella no fim de huma longa carreira: olha-se para ella como em hum lugar muito apartado, em huma idade muito adiantada, e nem ainda esta adiantada idade he bastante, para nos tirar a esperança de viver ainda, ao menos hum anno.

O corpo humano he hum edificio, que está prompto a cahir quando parece, que está mais bem fundado, e melhor firmado. Ordinariamente bem se prevê a queda dos edificios por algum signal exterior; porém quem he, que vê os diferentes orgãos da maquina do nosso corpo? Basta saber a construcão do corpo humano, e de que depende a nossa vida, para huma pessoa ficar horrorizada, e admirada de que ainda vivamos tanto tempo.

Não nos lisongeemos pois: ponhamos em ordem os nossos negocios: porque, por muito robusta que esteja a nossa saúde, não ha mais que hum passo entre a vida, e a morte. Basta termos
hum

hum corpo mortal , para termos mil razoes de temer a cada momento. Qual seria o homem sabio , e prudente , que quizesse alegurar-nos hum anno de vida , com perigo da sua ? E com tudo ainda dilato a minha conversao , para o fim deste anno !

O homem , diz o Ecclesiastico , ignora o fim de seus dias , e assim como o peixe brincando na agua , e o passaro no ar , de repente são apanhados , hum com o anzol , outro no laço ; assim os homens , quando cuidao que gozao do momento mais agradavel da sua vida , se deixao surprender infelizmente pela morte.

Hum morre no jogo , outro na meza : quantos se tem achado na sua mesma cama mortos ? E de todos estes , de que sabemos a morte , ha hum anno para cá , haveria algum , que esperasse morrer neste anno ? E de todos , os que morrerem neste anno , ha hum só , que nao espere viver mais de hum anno ? E a hora da nossa morte he acaso menos incerta ? Ha algum dia na nossa vida , que possamos dizer seguramente , que nao he o ultimo ? Estamos certos , que se este dia fosse o ultimo , seriamos condemnados ; e com tudo estamos tranquillos ? Quem he , que nos dá esta seguranca ?

Estai certos , nos diz o Filho de Deos , que haveis de ser assaltados de repente pela morte. Vede de que comparaçoes se serve elle , para nos fazer esta verdade mais sensivel. Eu virei , nos diz elle , como hum ladrao , que poem toda a sua industria em assaltar sem ser esperado : ou como hum senhor , que querendo experimentar a fidelidade dos seus servos , singe huma grande jornada , e chega inopinadamente a casa , quando o julgaõ mais longe della : ou finalmente como hum esposo , que tenho sido esperado por muito tempo ,

tempo, chega quando menos se cuida nelle.

Muitos exemplos confirmão todos os dias estes Oraculos. A precipitada morte de tantos nos penetra logo muito fortemente a imaginação; mas brevemente nos livramos do susto, examinando a causa desta morte precipitada, lisongeando-nos de que esta causa não se acha em nós. Era hum homem, dizemos nós, de fraca saúde; a sua muito grande applicação de espirito lhe diminuiu seus dias; fazia excessos; era ameaçado de hum semelhante accidente: e assim eu não acho em mim o que julgo ter sido a causa da sua morte; não tenho pois nada que temer. E devendo antes pelo contrario dizer: Este homem parecia que andava tão bom como eu, e com tudo morreu hoje; quem ha, que me possa assegurar hoje, que estarei á manhã com vida?

Quantas clausulas se põem em hum contrato, para prevenir a incerteza dos successos contingentes? Não sabemos, dizem; o que póde succeder. He necessario que estejamos bem certos, e bem seguros da nossa sorte eterna; pois que estando tão seguros da incerteza da nossa morte, e confessando mesmo, que podemos morrer a toda a hora, cuidamos tão pouco na morte, trabalhamos tão negligentemente na nossa salvação, e dalle-nos tão pouco de regular os negocios da nossa consciencia. He necessario estar bem preparados; e se o não estamos, não nos pomos em hum grande perigo? E quem põem a risco este negocio, he sabio? He prudente?

Se tivesses estado nos thesouros dos Príncipes administrando dinheiros publicos, dizia hum grande, e celebre Ministro do Evangelho, e que houvessem tido nisto negocios muito embaraçados, e estivessem sempre para te fazer dar contas; certificando-te os teus Senhores, que tas tomariaõ quan-

quando não cuidasses nellas , sendo necessario hum tempo consideravel , junto com huma grande tranquillidade da alma , e presença de memoria , para pôr as cousas em ordem , e com clareza ; tendo ao mesmo tempo mil exemplos de pessoas , que forão assaltadas de repente : sem dúvida perderias o repouso para te apparelliar , e pôr em bom estado ; e se alguem então te representasse que não devias atormentar-te tanto ; que bastavá trabalhar nisso alguns annos , como receberias hum tal conselho ? Não dirias : Esta he huma cousa , que pede grande averiguação : vós não conheceis o Senhor , a quem sirvo , vem quando menos se espera ; e além disto , he este hum negocio , em que se interessa a minha vida , se não dou conta de tudo ; arrisco muito , por não estar prompto a toda a hora.

E devemos discorrer de outra sorte sobre a certeza da morte , e sobre a incerteza da hora ? O Filho de Deos uza dós termos de conducção , de talento , de dinheiros , para no-lô mostrar. Elle nos adverte , que nos tomará conta na hora , em que não julgamos. Não diz , preparai-vos então : mas , estai preparados : *Esote parati* : e com tudo não fazemos reflexão sobre isto.

Temos humas grandes contas para dar. Quantos preceitos teimos para guardar , que obrigações para cumprir , de quantas graças , e de quantos talentos temos para responder ? Não havemos sómente dar conta do mal , que fizemos , mas tambem do bem , que deviamos , e deixámos de fazer , e do bem , que fizemos com negligencia , e mal feitô ; dos nossos propios peccados , e dos peccados , que tivermos dado occasião aos outros de commetter ; de tudo isto daremos huma conta exactissima. E não vos parece que he isto huma cousa , que pede huma grande averiguação ? Será

este negocio de alguma consequencia? Trata-se aqui da perda da nossa alma, e de huma perda irreparavel, de huma infelicidade eterna; e com tudo differimos tranquilamente huma cousa tão consideravel, para hum tempo, em que os mundanos não quereriaõ fiar de nós a mais pequena cousa; no qual somos obrigados a annullar diante de hum Juiz, tudo o que fizemos nos negocios da nossa industria, nos quaes com tudo obramos com mais intelligencia; para hum tempo, digo, que sempre virá quando o não esperamos: e somos nós prudentes, somos sabios nesta nossa vida?

Quantos dos que fizerem estas reflexoens, morrerãõ antes de se acabar este anno? E ha por ventura hum só, que as faça com este pensamento, de que esta reflexãõ lhe pertence, e que ha de morrer antes de hum anno? Porém com tudo he certo, que as faremos algum dia a ultima vez, e quem nos disse que não he esta a ultima vez, e o ultimo dia que as fazemos?

Eu não sei, Senhor, se tenho mais razão para esperar, do que para temer; e se olhando eu mesmo como miseraveis, e dignos de compaixãõ aquelles, que poem tão imprudentemente as suas esperanças nesta vida, ferei eu mesmo tambem algum dia hum objecto de compaixãõ. Não o permittais meu amavel Salvador: vejo, e sinto a indignaçãõ de hum tão desgraçado, e miseravel procedimento; tenho tido talvez nisto, menos providencia, que os outros. Que dôr, e que pezar será o meu, que desesperaçãõ! E que devo esperar, se fazendo as reflexoens, que ao presente faço, e conhecendo o perigo, a que estou exposto, não me aproveito da singular graça, que me fazeis? Ainda que eu soubesse, que ainda tinha muito tempo para viver, não quero dilatar mais a minha conversãõ; e vou principiar já a viver, como

mo se me faltassem só alguns momentos de vida;

II. P O N T O.

Reflexoens sobre a incerteza da morte.

Considera , que nada ha mais proprio para nos apartar efficazmente dos prazeres da vida , e dos cuidados de alcançar huma grande fortuna , como esta incerteza da morte bem considerada.

Séi certamente que hei de morrer : qualquer hora do dia pôde ser a ultima da minha vida : a mais forte saude está fugeita a huma grande apoplexia , e a outros muitos accidentes mortaes. Quantos temos visto em toda a idade , e em todos os estados , arrebatados desta vida dentro de cinco ; ou seis dias , por hum pleuriz , ou por huma febre maligna ? Atrever-me-hia eu a segurar com juramento , que ainda tenho hum mez para viver ? E com tudo obro como se soubesse por revelação Divina , que ainda hei de viver muitos annos.

Hum homem condemnado á morte por huma irrevogavel sentença , pôde , sem ter perdido o juizo , entregar-se á alegria , e não cuidar em mais ; que em viver , ao mesmo tempo que se vê a todo o momento no porto de perder a vida ? E somos nós mais prudentes ? A sentença irrevogavel da nossa morte nos ha sido declarada ; a sua execucao pôde-se fazer a todas as horas : e donde nos vem este louco furor para o prazer , esta violenta paixao para os lucros , e para hum estabelecimento temporal , que contra a Ley de Deos , nos faz renunciar a todas as obrigaçoens da consciencia ? Donde nos vem essa multidao de negocios , que nos opprime , este esquecimento do

Ceo, este apego ao mundo, esta insensibilidade; esta segurança?

Ser rico, diz Santo Agostinho, e estar sempre na incerteza, se isto durará muito tempo, he não o ser; e ser poderoso, ser grande, ser feliz no mundo, gozar de todos os prazeres da vida, e estar continuamente exposto a qualquer hora, a ser privado de tudo isto para sempre, he não ter cousa alguma: tanto que nos convençemos deste principio, diz o mesmo Santo Padre, adquiere-se brevemente huma inteira indifferença, e insensibilidade para todas as cousas da terra: não he necessario exhortar muito a huma pessoa, para a desfapegar de huma cousa, que possui como emprestada; antes he necessario algum trabalho, para a persuadir a tomar algum cuidado delia.

Se hum moço, hum mancebo, que se entrega a todos os seus desejos, que se nutre, e cêva nos prazeres mundanos, que não ouve mais que a sua paixão, e não tem outras regras de ordenar as suas acçoens, mais que as maximas do mundo, considerasse quando entra nas assembleas mundanas, que póde ser nellas assaltado da morte; acharia aqui muitos gostos, muitos divertimentos?

Se hum homem em quanto gasta as dilatadas noites no jogo, ou está assistindo aos espectaculos, considerasse que talvez não sahiria dalli, senão para ser levado á sepultura, acharia gosto nesses divertimentos profanos?

Ninguem jámais se divertiria, dizem, se se considerasse em toda a parte ño perigo, em que estamos de achar alli o fim da vida. E por ventura por não se considerar, he menor o perigo?

Tem-se visto espirar jogadores com as cartas nas mãos; tem-se visto morrer comediantes

em

em o theatro : por ventura nós mesmos temos feito concerto com o Senhor da nossa vida, que podemos com toda a segurança achar-nos em todos estes prazeres? Tem-nos acaso certificado este Senhor, que não terminará a vossa vida, senão depois de hum tal numero de annos, e que sempre seremos advertidos do dia da nossa morte?

Fazem-se grandes esforços para alcançar riquezas, para o adiantamento nas honras, e para tudo, o que se chama fortuna no mundo; mas sobre que se fundão estes vastos, e ambiciosos designios? Ah! fortuna, ambição, esperanças lisonjeiras, grandes empresas, excellentes projectos, tudo he fundado só sobre a vida: mas acaso ignoramos que temos esta vida por emprestimo, com a condição de a dar a toda a hora, isto he, que a toda a hora estamos em perigo de a perder? E naquelle momento, em que nos for tirada, em que vem a parar essas bellas esperanças, essa fortuna, esses grandes projectos?

Nós estamos em casa de nossos Pais: e se quizermos subir até ao seu primeiro possuidor, veremos huma dilatada serie de pessoas, que della sahirão, huns mais cedo, outros mais tarde, e todos no tempo, em que não esperavaõ. Ainda muitos sahirão della sem haver tido o vagar, de cuidar no que haviaõ de ser para o diante. Somos testemunhas de tudo isto; choramos, e lamentamos a sua sorte; e obramos nós acaso com mais providencia, que elles? E não se poderá algum dia dizer de nós, que fomos tirados desta casa, sem nos termos provido para o futuro?

Que horrivel cousa he morrer sem estar preparado! E quanto tempo julgamos que nos he necessario para o estar? Bastaria hum mez, para estar em estado de apparecer diante do Soberano Juiz? Os negocios da consciencia, huma vida de
trinta,

trinta, ou quarenta annos, este cáos de iniquidades, póde-se desembrulhar em poucas semanas? E por ventura aemos seguro ao menos hum dia só?

Sabemos, temos noticia de huma morte precipitada de hum mancebo, o qual pouco antes viamos com perfeita saude: ficamos pasmados, e nós sorprendemos todos: bem se mostra por isto, que estamos pouco penetrados de huma verdade tão constante. Que he o que nos admira? Por ventura, que morra hum homem sem o esperar? E ha hum só, que não morra assim? Causa admiração o não ter estado muito tempo enfermo; e he esta huma cousa muito rara? He como se nos admirassemos de ver quebrar hum cópo, que caher, ou desfazer-se em hum momento aquellas pequenas empólas, que andaõ na superficie da agua.

Que, meu Deos! he certo que aquelles, que tiverem cuidado mais na morte, ainda serãõ afaltados de repente della: e que será dos que não cuidaõ nella, e que mesmo de proposito não querem que se cuide nella!

Parece huma cousa incrível, mas com tudo he verdadeira: só a respeito da salvaçaõ he que se não cuida na incerteza da morte, porque a respeito dos interesses temporaes, ninguem ha que não cuide nella. Em todas as convençoens, e contratos, tudo está cheio de precauçoens contra essa fatal incerteza. Não sabemos, dizem, o que póde succeder; podemos morrer: he de homem prudente, e sabio prever certos accidentes. Até se escrevem certos pontos para supprir a nossa falta, e servir de clareza sobre certos negocios, no caso que venha a morte antes de haverem sido terminados. E para a salvaçaõ, a respeito dos negocios da consciencia, para assegurar huma feliz Eternidade, que providencia tomamos?

A morte he por ventura menos incerta a respeito da Eternidade, que a respeito do temporal? Os negocios temporaes são de maior importancia? He de homem prudente, não estar preparado, sabendo que ha de ser surpreendido pela morte, quando menos o imaginar? Quando se dirá a respeito do nosso maior, e unico negocio, como se diz quando se trata dos alheios? Sabe-se acafo o que póde succeder? He pois necessario fazer logo aquella restituicao, converter-me logo sem demora, e attender já desde este momento effeazmente á salvaçao da minha alma: eu posso á manhã já não estar com vida, a morte póde afaltar-me de repente: e he por ventura de homem de juizo, e de quem sabe mui bem quam incerta he a morte, deixar-se accommetter inopinamente della?

Oh! e que claramente mostra a incerteza da morte o nada, e o fraco deste momento de prazer, de que queremos gozar! Póde-se considerar nesta horrorosa incerteza, sem que se perturbe toda a doçura, de que se goza? Quem poderia fazer esta reflexao socegadamente? Os prazeres, de que gósto hoje, talvez serão os ultimos!

Oh! e que saudavel he este pensamento, e capaz de fazer grandes fructos.

Se hum Sacerdote offerecesse sempre o Divino Sacrificio, considerando que talvez seria aquelle o ultimo, que offerece, offerece-lo-hia com precipitaçao, e com fastio? Estaria pouco recolhido, e pouco movido, tendo entre suas maos esta preciosa Victimã, e sahiria do Altar sem fervor, e sem devoçao?

Se todos chegassem á sagrada Mesa com este pensamento, de que aquella Communhao talvez lhes servirã de Viatico, seriam as Communhoens tão tibias, e tão infructuosas? E se nos
con-

confessassemos sempre, como se fosse a ultima vez, confessar-nos-hiamos sem dôr, ou ainda muitas vezes por costume?

A ambição, o interesse, a paixão, não terião parte em todas as nossas emprezas, se sempre fizessemos todas as cousas, considerando que podemos morrer dentro de poucas horas. Na verdade tudo isto pôde succeder: alguma Missa, alguma confissão, algum negocio, algum anno ha de ser o ultimo da nossa vida: e quem nos certifica que não será este?

Que farei eu, dizia aquelle homem rico, de que falla o Evangelho, que farei, porque não tenho aonde recolher os meus fructos? Deitarei abaixo os meus celeiros, e os farei maiores, aonde metterei tudo, o que tiver recolhido, e todos os meus bens, e direi a mim mesmo: Tu tens cabedades em abundancia para muitos annos: agora descança, repousa, come, diverte-te, faze grandes banquetes. Porém Deos lhe diz: Louco, esta mesma noite te vão pedir a tua alma; e isso que has guardado, para quem será? *Stulte, hac nocte animam tuam repetent à te; que autem parasti, cujus erunt?* (Luc. 12.)

Louco em crer, que ha de ter por muito tempo huma cousa, que a todo o momento lhe pôde ser tirada. Louco em fundar toda a sua felicidade sobre huma arêa, que se move, e se muda a toda a hora, sobre huma sombra, que passa, sobre hum fumo, que se dissipa, e se desvanece, sobre huma flor, que se murcha em hum instante.

E ferei eu mais prudente, Senhor, se depois de todas estas reflexoens, que acabo de fazer sobre a incerteza da morte, continuo a obrar como se estivesse seguro de viver ainda muitos annos?

Exaqui

Exaqui talvez a ultima Meditação, e o ultimo Retiro, que eu faço: e quem me diz que não seja o ultimo anno, o ultimo mez, e talvez ainda o ultimo dia da minha vida? Ah! se eu tivesse de apparecer diante do meu Juiz antes da noite, se a minha sorte eterna se houvesse de decidir neste dia, se a minha eternidade houvesse de começar dentro de poucas horas; teria muita razão para crer que me salvaria, que a minha sorte seria feliz, que o Ceo seria a minha herança? Da-me a minha consciencia hum testemunho de muita consolação? E se ella me diz o contrario, se eu conheço que sem duvida seria condemnado, se morresse nesta hora, (só este pensamento me faz tremer) como posso ainda dilatar a minha conversação para a manhã?

Eu não a dilato já mais, Senhor; he huma cousa esta de mui grande importancia, para a querer pôr em huma tal incerteza. Vós me dais ainda este dia pela vossa misericordia; espero que me dareis graça para ordenar tambem a minha consciencia neste dia, que possa dizer antes da noite: Meu coração está preparado, ó meu Deos, o meu coração está preparado: *Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum.*

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez de
Julho.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO

Da demora da conversão.

I. PONTO.

*Quem dilata a conversão ; poem-se em perigo
evidente de nunca se converter.*

Confidéra que ninguem há , que não tenha tido algumas vezes na sua vida o pensamento , e ainda o dezejo de se converter perfeitamente a Deos.

Há certos momentos felices , em que , por meio não sei de que luz interior , se descobrem de repente tantos defeitos em todas as creaturas ; acha-se tão pouca solidez em tudo , o que há no mundo ; sente-se tanto fastio para tudo , o que dantes tinha mais attractivos , que não podemos deixar de confessar , que he ser louco não servir a Deos.

Todos tem bastante capacidade para se renderem ás razoes fortes , que há para mudar de vida ; mas ao mesmo tempo não somos affaz generosos para resistir ás paixoes , a que estamos entregues. O amor proprio acha hum caminho além destes dois partidos : satisfaz á razão , fazendo-nos consentir na nossa conversão ; e accommoda-se com
a nossa

a nossa frouxidão, e cobardia, persuadindo-nos que a dilatemos, deixando-nos em os mesmos hábitos: mas he bem claro que elle nos engana, pois que esta dilacão nos poem em hum perigo evidente de nunca nos convertermos.

Para se fazer huma conversão, he necessario haver tempo, vontade, e graça. Ainda quando não se differisse a conversão mais que hum dia, quem nos diz que teremos esse dia para nos converter? E quando tivessemos certo esse dia, quem nos diz que teremos então melhor vontade, que ao presente? E que revelacão nos assegura, que teremos então huma graça mais efficaz, que aquellas, a que temos resistido atéqui?

Que cousa mais incerta que o tempo? Huma infinidade de pessoas foraõ accommettidas de repente da morte, na vespera da sua conversão. Oh! e que triste cousa he morrer só com o projecto de huma futura conversão!

Ainda não he tempo, dizem, de romper por estes gostos, de deixar estas occasioens do peccado, de reformar os costumes, de viver huma vida retirada, e mais Christã. Ah! e quando será tempo? Quando o fogo da mocidade estiver passado, quando a idade, e a propria experiencia nos tiverem apartado das vaidades, que nos occupã, e quando tudo conspirar a nos converter para Deos.

Deste modo discorrem quasi todos os homens, sobre o projecto da sua conversão; porque ninguém quer morrer sem estar convertido. Porém discorrem elles bem, discorrendo assim? Temos por ventura alguma segurança de chegar a essa idade, em que o juizo assente, e as paixoens fogueadas deixem toda a liberdade de conhecer a vaidade, e o nada de tudo, o que mais nos encanta? Quando poderemos nós dispor-dos tempos, e dos

mo-

momentos, de que só he Senhor o nosso Pai Celestial?

E quem nos disse, que as paixões se enfraqueciam com a velhice? Ah! tudo succede pelo contrario. As forças do corpo se diminuem, e o mesmo espirito participa da sua fraqueza; porém os habitos viciosos se fortificam, e se aproveitam, digamo-lo assim, desta mesma fraqueza do espirito. He moi raro que hum velho dissoluto se converta perfeitamente.

Por ventura, cremos que a ultima enfermidade he hum seguro refugio para remediar todas estas demoras, e dilacões? Por pouco juizo que haja, quem o poderá assim crer? Huma conversão verdadeira não he negocio de hum dia; he pois precisamente necessario, que a enfermidade seja dilatada. He preciso huma grande liberdade de espirito; e havela-ha naquella hora? Aquelle abatimento, e oppressão de espirito, que traz consigo a enfermidade, as cruéis dôres, hum grande temor deixaõ a huma alma bem pouca tranquillidade. Quem nos disse, que a nossa ultima enfermidade será izenta de tudo isto? E que enfermo há, que julque que a sua enfermidade he a ultima? E exaqui com tudo sobre que se fundam esses grandes projectos de conversão.

Quantos temos achado desses, que dilataõ a conversão até á morte, que se tenham convertido verdadeiramente quando morrem? He verdade, diz Santo Agostinho, que recebe a Igreja a penitencia daquelles, que entãõ mostraõ que se convertem: mas o mesmo Santo não julga que nos devemos fiar muito nella: Não, accrescenta elle, eu não vos hei de enganar, eu não creio nella.

Não temos atéqui querido converter-nos verdadeiramente: e que razão há para julgar, que
have

havemos entãõ de querer efficaçmente ? Temos atequi tido obstaculos ; ignoramos acazo que estes obstaculos crescem com as paixoens , e com a idade ?

Os passatempos da mocidade vos tem atequi demorado , e o embaraço dos negocios vos demorará ainda mais , em huma idade adiantada.

Posso-me converter , dizem , em todo o tempo. E quem vos disse que em todo o tempo estareis em estado de vos converter? Recufastes fazelo quando Deos vos sollicitava , quando os obstaculos eraõ menores , as ligaduras , e as prizoens do mundo menos fortes , e quando os habitos estavaõ mais fracos : e podeis esperar racionavelmente , que o fareis quando os obstaculos se tiverem multiplicado , e os habitos se tiverem já envelhecido ? Deos cansado com a vossa resistencia á sua graça , já vos naõ sollicitará taõ fortemente. He muy provavel , e ainda he certo , e bem sensivelmente o vemos , que arriscamos tudo , dilatando desta forte este negocio : e nada tememos arrisca-lo ?

Vio-se jámais algum criminoso , que no mesmo tempo , no mesmo instante , em que está para receber a graça , e a amizade do seu Principe , perdusse a este mesmo Principe , que a dilatasse para outro tempo ?

Deos nos offerece a sua amizade , apresenta aos nossos olhos a sua Graça ; e naõ nos agrada recebe-la ao presente. Pedimos-lhe que espere que tenhamos vontade de corresponder a ella : elle naõ cessa pela sua bondade de nos sollicitar ; porém nós queremos que elle nos guarde a sua amizade para outro tempo. Quizeramos nós nzar deste modo com o homem mais vil do mundo ? E de que maneira nos portariamos com aquelle , que affirmasse a nosso respeito ?

Todos confiãõ , e tem para si , que haõ de

ter muito tempo para fazerem a sua conversão. Se Jesu Christo nos tivesse promettido com juramento, que havíamos de ser avizados do dia, em que elle ha de vir; não podíamos viver em maior segurança; do que vivemos; sabendo que elle jurou o contrario.

Vimos jámais algum mercador, que achando-se em estado de recuperar as suas perdas, não quizesse aproveitar-se da occasião presente, e demorasse por sua vontade hum dia só a sua fortuna?

Que homem há, que estando perigosamente enfermo, se lembrasse de pedir ao seu medico, que viesse vê-lo só em alguns dias, ou quando estivesse na ultima extremidade?

Nós, que queremos passar por sabios, poderemos chamar-nos nem ainda racionaveis, querendo dilatar ainda por hum só dia a nossa perfeita conversão? Estamos talvez actualmente na desgraça de Deos, sentimos que os remedios mais saudaveis não tem algum effeito, que o mal se augmenta: Deos nos insta, e nos sollicita: não quer mais que o nosso consentimento, para dar saude á nossa alma; porém a nós não nos agrada, nem queremos receber esta saude.

O Filho de Deos prevenio mui bem todas as nossas desculpas, e todos os falsos pretextos das nossas dilações, segurando-nos em termos expressos, que elle ha de vir quando não for esperado: isto não he simplesmente hum aviso de hum amigo prudente, e illustrado; o que falla, he o Senhor da vida, e da morte; elle não póde ignorar quando tem determinado tirar-nos do mundo. A causa porque foraõ loucas as Virgens, de que falla o Evangelho, foi por fazerem tarde o seu provimento; e ainda que vinhaõ bater á porta, he já muito tarde: a resposta que lhes daõ, he: *Eu não sei quem vós sois.* Faça-

Façamos muito embora os mais excellentes projectos, tomemos as mais bem concertadas medidas, toda a nossa industria, todos os nossos discursos não prevalecerão contra a sua palavra: he hum artigo de Fé, que morreremos naquella hora, em que menos o cuidarmos.

Ainda não vimos morrer pessoa alguma, nunca chegámos a estar perigosamente enfermos, que não chegassem a formar o delignio de nos converter; e com tudo esta conversão está ainda por fazer. E se nos acharmos com este mesmo delignio na ultima enfermidade, que motivo temos para crer, que Deos aceitará então esta imaginada resolução?

Todo o mundo treme, quando há perigo de perder ou os bens, ou a vida: e conta-se por nada, e não fazem caso de perder a alma eternamente, não se fazendo huma verdadeira conversão! Porém se he pouca cousa o perder a alma, porque razão, meu Divino Salvador, a resgatastes vós por tão grande preço?

Meu Deos, vós não quereis a morte do peccador, quereis que se converta: de quem será pois a culpa, se me não converto já? E não quero converter-me? E como poderei dizer que quero, em quanto diffiro de hum dia para outro esta conversão?

Quem não poderá dizer que temos por hum grande mal entregar-se huma pessoa a Deos inteiramente, vendo que só nos começamos a dar a elle o mais tarde que podemos? Ah! eu tremo á vista do menor perigo; e houve jámais algum maior, que o de perder a minha alma?

Senhor, eu não me atreverei a demorar mais este negocio: porém, por mui boa vontade que eu tenha, nada se fará, se a vossa poderosa graça não vem em meu soccorro. He necessario que

VÓS,

vós, meu Deus, me convertais, para que eu fique verdadeiramente convertido: *Converte nos, & convertemur.*

II. PONTO.

Differir huma pessoa a sua conversão, he pôr-se quasi em huma necessidade de nunca se converter.

Considéra, que a demora da conversão não sómente nos põem em perigo de nos não converter, mas também nos põem ainda em huma especie de necessidade de nunca o fazermos.

A Escriptura nos exhorta a buscar a Deus no tempo, em que o podemos achar: logo segue-se daqui que há algum tempo, no qual o buscamos inutilmente. E que não deve temer hum homem, a quem Deus tem sollicitado tão vivamente por muitos annos, e elle tem sempre resistido?

Ainda somos muito moços, dizem, para tomarmos o partido da devoção: he necessário esperar huma idade mais adiantada para nos converter. Isto quer dizer: Nós ainda não temos offendido a Deus bastantemente; deixemos multiplicar os seus beneficios com os nossos dias, levemos ainda mais longe a nossa ingratição pelas nossas infidelidades; e depois disto nós cuidaremos muito bem em o servir. Porém aceitará então Deus os nossos serviços? He verdade que todas as vezes que o peccador se converter, achará a Deus disposto para o receber; mas a difficuldade consiste em fazer esta conversão: e não a querendo o peccador fazer agora, quando Deus quer, quererá por ventura sinceramente em hum tempo, em que parece que Deus não a deve querer?

Se os Apostolos differissem hum só dia, deixar tudo para seguir a Jesu Christo quando elle os chamou, poderiaõ racionavelmente esperar, que elle os tornasse a chamar segũa vez, e que teriaõ entãõ mais valor para deixar tudo?

O Pai de Familias convidou só huma vez os seus servos para a festa, que elle lhes tinha preparado; desculparaõ-se tambem só huma vez; e as suas desculpas pareciaõ legitimas; e com tudo, bastou isto para não serem mais convidados, e ainda para serem reprovados.

Parece-nos que temos ao presente obstaculos invenciveis; e he bem certo que cada vez os iremos tendo maiores. Dizemos que não podemos agora converter-nos: è em qualquer tempo daqui por diante ainda menos poderemos. As liçoens de piedade, as meditaçoens das vordades mais terriveis, as advertencias de hum sabio, e zeloso Director, o uso mesmõ dos Sacramentos, não fizeraõ atéqui em nós algum effeito: e entãõ em que fundamos a esperança dessa nossa imaginada conversão? Não nós rendemos ao principio, quando estas grandes verdades nos ferião, e penetravaõ o coraçãõ: e render-nos-hemos depois quando estivermos mais insensiveis?

Passado hum certõ tempo, acostumamo-nos a tudo. Os conselhos mais saudaveis, as mais terriveis verdades já não fazem impressãõ alguma no coraçãõ, nem no espirito, depois de lhe havermos resistido muito tempo. Da mesma sorte, q̃ succede aos que assistem aos moribundos, os quaes, depois de hum certo tempo, já não os move a vista destes horrorosos objectos.

Ao principio, só a lembrança do Inferno nos horrorizava; mas a força de nos acostumarinos a esta consideraçãõ, já o não tememos. No fim da vida, dizem, nos apartaremos, e despegaremos

do que mais nos encanta, e attrahe ao presente. Ah! nós estamos bem convencidos assim da vaidade de tudo, a que nos apegamos no mundo, como do perigo, a que nos expõem o nosso peccaminoso apego: porque, se estivessemos verdadeiramente satisfeitos do estado, em que nos achamos, teríamos presentemente o desígnio de nos converter algum dia?

Porém em fim, supponhamos que huma longa experiencia do mundo, nos venha a desenganar algum dia perfeitamente das suas vaidades; então não nos apegaremos já aos falsos prazeres, e a essa falsa liberdade por estimação, que tenhamos della; mas por interesse, por habito, por pertinacia, e por inclinação. Teremos grangeado a desgraçada reputação de ser pouco regulares, pouco devotos, e de viver dissolutamente segundo as maximas do mundo: e huma pessoa, quando não tem já vergonha do mal, está mui longe de se converter. Ora na verdade, se não fazemos especial gosto de nos enganar a nós mesmos, poderemos nós ter affaz valor para vencer por huma vez tantos obstaculos? Nós, que com menos peccados, e mais graça, não sentimos em nós agora força para vencer hum só? Ao menos, dizem, na hora da morte a vista do perigo, infallivelmente nos obrigará a converter-nos. Para aqui he que todos se guardaõ. E quem se atreverá a confiar em huma conversão, que fazendo-se á vista do perigo, só se faz por puro temor? Huma prova bem clara da pouca sinceridade deste genero de conversoens, he que de todos esses imaginados convertidos, que escapaõ, e convalescem da sua enfermidade, quasi nenhum vemos, que mude de vida. De mais, não he hum artigo de Fé, que o Filho do homem há de vir quando for menos esperado? Pois ainda que hu-

ma pessoa não morra subitamente, a morte da maior parte dos homens não deixa de ser imprevisita.

Jesu Christo não nos tem protestado com juramento, que será inflexivel aos clamores de hum homem, que esperar para o ultimo momento o chamar por elle? Se o Filho de Deos não teve designio de nos enganar, ou se elle não se enganou a si mesmo, o que he impossivel, devo crer que o peccador, que dilata até á morte o fazer penitencia, deve certamente esperar morrer em peccado, se o Senhor não fizer hum milagre em seu soccorro. E que não se deve temer de hum peccador, que necessita de hum milagre extraordinario para se converter?

Que significação estes Oraculos? (*Joan. 7.*) Vós me buscareis, e não me haveis de achar. (*Jerem. 1.*) Clamarão, e darão vozes ao Ceo, e não serão ouvidos. (*Matth. 25.*) Senhor, Senhor, abri-nos a porta, clamao as Virgens, que chegam muito tarde, e responde-se-lhes: Na verdade vos digo, não sei quem vós sois. Finalmente vós me buscareis (porque o Salvador só falla aqui dos que dilatao a sua conversão até a ultima hora) Vós me buscareis, e morrereis no vosso peccado. (*Joan. 7.*)

Sempre deve haver, dizem, boa esperança. Sem duvida assim deve ser: porém póde ser boa huma esperança, que contra a palavra de Jesu Christo persuade, e faz crer ao peccador, que há de morrer santamente, ainda que passe a sua vida no peccado? E que ainda que viva obstinadamente no peccado, há de morrer convertido? Por ventura huma esperança contraria á Fé, foi jámais boa?

Os merecimentos de Jesu Christo certamente haõ de salvar os peccadores: mas por ventu-

ra salvará a esses peccadores obstinados, que se se lembraõ dos merecimentos de Jesu Christo, para mais o ultrajar, e offender? Salvará a esses peccadores endurecidos, a quem o mesmo Senhor assegura, que haõ de morrer como tiverem vivido?

Na verdade, como nos poderemos persuadir, que poderemos concluir felizmente em algumas horas o grande, e importante negocio da salvaçaõ, que fallando propriamente, he huma empreza de toda a vida, e para a qual o mesmo Jesu Christo naõ julgou necessario menos tempo, que toda a vida para se acertar nelle? E nós esperamos conclui-lo em alguns momentos?

Julguemos agora depois disto, se dilatando de hum dia para outro a conversaõ, nos sera facil ao depois faze-la; ao mesmo tempo, que nos vamos pondo em huma especie de necessidade de nunca nos converter.

Quando se trata da Eternidade, devemos esperar cousa alguma, senaõ estribados sobre hum fundamento solido? Deve alguém fundar a sua esperanza, senaõ sobre a mesma palavra de Deos? E com tudo, ainda esperamos contra o que nos diz esta Divina Palavra?

Quanto tempo há, que a graça nos convida, e nos insta para que nos convertamos? E quanto há que nós resistimos á graça?

Quando naõ tivéssemos outro motivo para nõs convertermos agora, mais do que esta mesma segurança, que temos, que Deos nos está offerecendo ao presente a graça, que está prompto para nos receber, e que está na nossa maõ o sermos agora, o que quizeramos ter sido na hora da morte, e o que, se o naõ formos, causará em nós desesperaçãõ nessa hora: seria necessario mais para nos resolver a fazer huma seria, e solida conversaõ? Se hum condemnado tivesse o pensamento,

o tempo, e os meios, que eu tenho de me converter, dilataria hum momento faze-lo? Os condemnados já foraõ o que eu agora sou; e não tenho eu razaõ para temer de vir a ser algum dia o que elles saõ ao presente? Elles differiraõ como eu a sua penitencia, e foraõ condemnados por a terem retardado; e não he para temer que seja eu condemnado como elles, se differir a minha? O pensamento, que elles tinhaõ de se converter antes da sua morte, não os impedio morrerem impenitentes; se eu deixo, e envio a minha conversaçõ como elles para outro tempo, que razaõ tenho de esperar melhor forte?

Não nos agrada, não nos parece bem o converter-nos, ainda que muito bem saibamos, e conheçamos a necessidade, que temos de o fazer. Tememos acaço, ó meu Deos, se começamos já, ser obrigados a amar-vos, e servir-vos muito tempo? Mas, Senhor, que temos nós para responder, quando nos pedires conta de todo o tempo, em que não vos tivermos amado?

He cousa bem para admirar, que se achem pessoas, que remettaõ a sua conversaçõ para a morte; isto he, deixar o mais importante de todos os negocios para hum tempo, em que se achãõ incapazes da menor cousa, por mui pouca applicaçãõ que ella peça; para hum tempo, em que trataríamos de louco, ou ao menos olhariamos como imprudentissimo a qualquer homem, que nos viesse fallar naquella hora em algum negocio: oh! diriaõ, este enfermo, este moribundo está capaz de cuidar em semelhantes cousas? A menor applicaçãõ de espirito o cansa, e desfalece todo, a muita luz o cega, o menor estrondo o faz ainda mais enfermo; não está em estado nem ainda sómente de ouvir fallar: e com tudo para este tempo taõ improprio, ainda para os me-
nores

nores negocios, e de menor consequencia, he que se guarda a empreza mais importante de todas, o negocio da salvaçãõ, o negocio da Eternidade!

He bem estranho, que huma pessoa faça tençãõ, e tenha o designio de se converter algum dia, e que ainda queira dilatar hum só dia a sua conversãõ. Porque formar huma pessoa o designio de se converter algum dia, he conhecer que tem em perigo a sua salvaçãõ, que não ama a Deos, que não o serve como deve, e que talvez tem a infelicidade de estar na sua desgraça: em fim he mostrar, que não quizera morrer no estado, em que se acha.

Por tanto o dilatar a conversãõ he querer viver no perigo, em que todos os dias tantos morrem; he recuzar amar a Deos, e servi-lo como deve ser; he estar contente de perseverar na sua desgraça; he querer viver em hum estado, em que muito bem sabemos não quizeramos morrer, e querer isto depois de o ter considerado bem, depois de ter tido o designio de mudar de vida, mais de huma vez; finalmente he querer perseverar na inimidade de Deos no mesmo tempo, em q̃ elle nos offerece a sua graça, em que nos convida, e nos insta a tornar a entrar na sua amizade.

Hum homem racional, e Christãõ, pôde fazer todas estas reflexoens, e dilatar ainda hum só momento a sua conversãõ?

Ah! meu Salvador, eu sou muito capaz de assim o fazer: estas reflexoens, assim como outras muitas, ser-me-hãõ inuteis, se vós mesmo, Senhor, não me converteres. Fazei-o pois, meu Deos, pela vossa misericordia; fazei que seja hoje o dia da minha conversãõ perfeita; assim como he o dia, em que me fizestes comprehender melhor que nunca, que não a devo dilatar mais:

e tambem o dia, em que estou resolutto bem finalmente, ao que me parece, a converter-me sem demora.

Tremo, eu o confesso, meu Divino Salvador, quando considero no perigo, a que estive exposto até o presente. Ah! meu Deos, e meu Redemptor, que seria feito de mim, se a morte me tivesse assaltado, assim como tem succedido a outros muitos? E que seria de mim ainda agora ao presente, se me fosse necessario apparecer diante de vós para ser julgado?

O desígnio que tenho há tanto tempo de me converter, poderia segurar-me contra os justos, e crueis remorsos da minha consciencia, que me farião sentir bem claramente a desgraça de o não ter já feito? Porém estarei eu menos afflicto daqui a dez annos, se morrer então sem me haver convertido antes, e sem ter feito penitencia?

Sinto, meu doce Salvador, o perigo que há em demorar esta penitencia, e a necessidade urgente, que tenho de a fazer. Atrever-me-hei ainda a arrisear a minha salvação eterna, deixando para outro dia o converter-me? Não, meu Deos, não a dilato mais hum momento; quero converter-me já: espero que me haveis de dar bastante tempo para poder dizer, que por vossa misericordia não esperei a morte para me converter-

SEGUNDA MEDITAÇÃO

Para o mez de Julho.

Do bom uso do tempo.

I. PONTO.

Que precioso he o tempo.

Confidéra, que nada há tão precioso como o tempo : não há hum só momento , que não valha huma Eternidade ; pois que a Eternidade feliz he o fructo das graças , que se dão nesta vida. A felicidade infinita, a gloria ineffavel, de que gozaõ os Bemaventurados , o preço do Sangue do Redemptor , tudo isto não he mais que a recompensa do bom uso do tempo.

O tempo he huma cousa tão preciosa , que todas as honras , e todas as riquezas do mundo não valem o que hum só momento vale : e quando não tivéssemos empregado mais que hum só momento , para adquirir todos os bens do mundo , se não fazemos mais que isto , bem podemos dizer , que diante de Deos , que julga reflectivamente das cousas , he ter perdido o tempo.

Não há condemnado algum , que não estivesse prompto a dar todos os Reinos , e todos os bens do mundo , se fosse senhor delles , para ter hum momento do tempo , que perdeu nas vaidades , e em cousas , que de nada valiaõ , e que nós desperdiçamos , e perdemos da mesma sorte , que elles.

Concebamos bem , se he possível , o que he huma graça , o que vale a posse de hum Deos : o tempo só nos foi dado para crescer todos os instantes em santidade , para merecer com o auxilio da
gra-

graça do Senhor, a morada dos Bemaventurados, a posse de hum Deos; e verdadeiramente cada momento, que empregamos em qualquer cousa, que não seja por amor de Deos, perdemos mais, do que se tivessemos perdido todo o Universo.

Comprehendemos nós ao presente esta importante verdade, ou podemos jámais comprehende-la? Nós, que não poderemos achar hum anno inteiro, empregado todo no serviço do Senhor, que talvez não lhe temos dado hum dia inteiro de hum anno!

Os Santos não poderão no Ceo por toda a Eternidade, com os actos mais perfeitos das maiores virtudes, merecer hum novo grão de gloria, o que eu posso fazer, com hum só acto de amor de Deos a cada instante.

Os réprobos não poderão por toda a Eternidade, com as suas lagrimas, e pesares, soffrendo os mais espantosos tormentos, abrandar, e apaziguar a colera de Deos, e alcançar perda do menor dos seus peccados: o que eu posso fazer a cada momento com hum suspiro, com huma lagrima; posso a cada instante com hum só acto de Contrição perfeita, obter o perda de todos os meus peccados.

A feliz, ou infeliz Eternidade, depende do bom, ou máo uso do tempo. Não podemos obrar, e cuidar de alcançar a nossa salvação, senão nesta vida: e achão-se pessoas, que não sabem o que hão de fazer, que só se occupão em cousas, que nada valem, e que se enfada da sua mesma ociosidade, que buscão passar o tempo, isto he, perder o tempo.

Não sabeis o que haveis de fazer? Ah! nunca offendestes a Deos? Nunca recebestes beneficios d'elle? Não lhe deveis algum agradecimento, alguma homenagem? Toda a Eternidade não parece muito longa aos Santos para o amarem, para o louvarem, para o honrarem, para lhe darem graças da sua felicidade; e hum meio dia, huma hora de tempo,

po, ainda nos há de parecer muito longa para isto? Não sabeis o que haveis de fazer? Ah! por ventura não vos sabeis arrepender dos vossos peccados? Não sabeis ir pedir perdão delles a Jesu Christo, que está sobre os nossos Altares, aonde espera as nossas adorações, e aonde está só, e desamparado de todo o mundo a maior parte do dia?

Não tendes que fazer? Mas observai, que só quando temos mais vagar, e mais tempo para amar, e honrar a Deos, he que nos parece, que não temos que fazer: porque quando estamos occupados nos negocios do mundo, quando passamos os dias inteiros em vaõs divertimentos, quando tratamos de ofender a Deos, e de perder a nossa alma; nunca nos enfadamos, nunca temos tempo bastante.

Consideremos, que só podemos tratar de adquirir a nossa salvação, em quanto temos tempo, e que toda a nossa vida nos foi dada só para esta grande empreza. Com que cuidado não devemos aproveitar este tempo, cujos momentos todos são tão preciosos? E quanto não perdemos, se deixamos perder este tempo?

E por ventura sentimos nós muito esta perda, ou ainda a olhamos como huma perda? Quando se trataõ negocios temporaes, ainda que sejaõ de mui pequena consequencia, em comparaçãõ do da salvação, aproveitaõ-se com muito cuidado todos os momentos; ficamos totalmente inconsolaveis, se deixamos escapar algum. E por mui grande diligencia, por mui continuada assistencia que se empregue nelles, sempre se fica temendo que o tempo falte; porém, quando se cuida da Eternidade, sempre se acha, que há tempo de mais; quando se cuida de ganhar o Ceo, julga-se que sempre haverá tempo, e q̄ todo o tempo será proprio para isso.

Ah! algum tempo virá, em que julgando mais fãmente das cousas, teremos outros sentimentos. Virá

rá algum tempo , em que nós teremos faudades destes excellentes dias , e excellentes horas , que agora gastamos taõ mal , e entaõ todos os nossos arrendimentos serãõ inuteis.

Virá tempo em que dariamos tudo , por ter ainda algum destes preciosos momentos , que agora perdemos , e gastamos taõ prodigamente , e queremos perder muito por nossa vontade ; e nos desesperaremos , vendo , que este tempo passou , e que estes momentos taõ preciosos se perderãõ.

Ah ! Se eu estivelle ao presente , diremos nós depois da nossa morte , como estava em tal , e tal dia da minha vida , quando meditava no bom uso do tempo ! Se tivesse agora a mesma saude , a mesma idade ! Meu Deos , que faria ! Mas infeliz de mim ! Porque razaõ considerando eu entaõ no pensar , que havia de ter algum dia de naõ me ter aproveitado do tempo , naõ me aproveitei , nem daquelle bom pensamento , nem do tempo ?

O tempo he breve , porque elle naõ dura mais que a vida : tenho talvez já passado mais de ametade da minha vida ; e que uso tenho feito deste tempo ? Em que passei este ultimo anno ? Quanto naõ tenho perdido em fazer o que naõ devia fazer , e em deixar de fazer o que devia ! Oh meu Deos ! que conta terei para dar , principalmente das reflexoens que ao presente faço ?

Devo eu esperar alguma misericordia , se naõ fizer daqui por diante melhor uso do tempo , e ainda dilatar mais a minha conversaõ ? Quantos andaõ ao presente com boa saude , que naõ chegarãõ com vida ao fim do anno ? Quantos sabemos nós , que morrerãõ , e que tinhaõ melhor saude que nós , no principio deste anno ? Quem nos certificou , que veremos o fim d'elle ?

Por tanto façamos o bem , em quanto temos tempo para isso: restaõ-nos bem poucos dias de vida,
naõ

naõ dilatemos hum só momento a nossa perfeita Conversaõ.

II. PONTO.

A perda do tempo he irreparavel.

Confidéra, que a perda do tempo he irreparavel, isto he, por mais que se faça, nunca se poderá recuperar hum só momento perdido.

Naõ seria necessario mais, para fazer ver de que importancia he o bom uso do tempo, a pessoas capazes de fazerem reflexoens, e q se querem salvar.

He bem certo, que todos os momentos da nossa vida estaõ contados: ou empregados bem, ou mal, estes preciosos momentos, nunca augmentaremos o seu numero; este numero está determinado, e se vai diminuindo todos os instantes. Há huma hora, que tinhamos mais tempo para viver, e por conseguinte tambem mais tempo para tratar da nossa salvaçãõ; e ainda teremos menos, daqui a huma hora.

Vivamos taõ santamente como S. Paulo, e naõ percamos hum momento do tempo, que nos resta; porque sempre he verdade, que o tempo, que passa naõ tornará jámais, e o que tivermos gasto mal, está perdido sem remedio.

O bom uso do tempo para o futuro póde muy bem tirar-nos do perigo, em que estavamos precipitados, pela perda do tempo passado; porém ninguém póde fazer, com que naõ tenhamos tido essa perda do tempo, e que perdendo tantos dias excellentes, e tantos momentos, naõ tenhamos perdido ao mesmo tempo todas as graças, que Deos tinha unido, e como ligado ao bom uso dessas horas perdidas, e todos os merecimentos, que podiamos adquirir empregando-as como devia ser.

Oh Deos, que perda! contemos, se he possivel,

vel, todos os momentos, que temos empregado mal, depois que temos uso de razão: quantas graças perdidas! Quantos bens perdidos, que nunca jámais poderemos recuperar!

Nós passamos o tempo; isto he o que se diz do tempo, que se perde em passatempos vaõs, e em divertimentos peccaminosos: meu Deos, que indigno he de hum Christaõ este modo de fallar! Nós passamos o tempo: porém este tempo, que passamos, este tempo miseravelmente perdido não tornará jámais, assim como tambem as graças, que podiamos merecer usando bem desse tempo.

Há certos momentos na vida, a que a graça da perdestinação está de algum modo ligada. Ah! que seria de nós, se Deos tivesse unido a algum destes momentos perdidos a graça deciziva! He verdade, que este temor saudavel, que tenho de a ter perdido, he hum signal, ao que me parece, dos mais seguros, e dos mais sensiveis, que tenho, de não ter feito esta perda irreparavel; porém que poderei eu esperar, se não me aproveito agora destes sentimentos, e deste tempo, q̄ ainda o Senhor me dá?

O tempo he tão precioso, e tão breve; e com tudo nós só suspiramos, para o dizer assim, por ver já passado este tempo. Apenas temos chegado a huma estaçãõ do anno, quando já queremos estar chegados a outra. Donde procede esta inquietaçãõ? He por ventura, porque vivemos muito tempo demaziado? He porque nos enfadamos de viver? Não sem duvida: ninguem sente mais este enfado, do que aquelles, que vivem deliciosamente, e que achãõ mais gofsto em viver: a melhor razãõ desta inquietaçãõ voluntaria he, porque se usa mal do tempo: propriamente esta mesma perda, que vemos, e que sentimos, he quem nos faz tão inquietos, e quem perturba todo o nosso repouso. Hum tempo perdido, sempre he muito dilatado; hum futu-

futuro incerto inquieta menos , que o tempo presente mal empregado.

Naõ há nem prazer algum , nem divertimento, que possa livrar-nos desta inquietação : ella nos acompanha em toda a parte , em que perdemos o tempo ; e isto mesmo he , o que naõ experimentaõ os que o gastaõ bem.

Naõ há cousa mais socegada , e mais tranquilla , que huma alma , que naõ perde o tempo , e que o emprega todo em o negocio da sua salvaçaõ. Ella naõ vive naquella molesta , e cruel inquietação ; está sempre contente com o tempo, que tem , porque Deos o está com o uso , que ella faz delle : ella de nenhuma forte se deseja em outra estação do anno ; porque na em que está , se enriquece seguramente. Naõ he necessario mais para huma pessoa viver com alegria , do que gastar bem o seu tempo.

De que preço , e que precioso naõ parece na hora da morte esse tempo , que tem passado , e juntamente de que importancia , e de que consequencia naõ parece estaõ a perda irreparavel , que temos feito deste mesmo tempo ? Maldita ociosidade , quantos thesouros me has feito perder ! Visitas inuteis , divertimentos , e conversações frivolas , e insipidas , oh ! quanto me custais agora ! Oh ! se eu tivera huma hora desse tempo taõ mal empregado ; meu Deos , que bem usaria della ! Poderém eu tive este tempo , eu tive estes dias excellentes , oh ! se eu conhecesse estaõ , como conheço agora , o valor daquelles preciosos momentos ! Mas por ventura naõ o tinha eu meditado ? Naõ conhecia eu mui bem o seu valor ? Por ventura , naõ devo eu esta perda unicamente á minha malicia ? Deste modo julgaremos , e discorreremos na hora da morte. Evitemos pois , em quanto vivemos , huns pesares taõ inuteis , e que nos causarãõ tanta desfeperaçaõ.

Con-

Consideremos agora bem, como temos usado do tempo, que já tem passado; elle passou, e se está perdido, que perda não temos feito, e que meio há de o reparar? Que excellentes dias! Que bellas horas! Que preciosos momentos nestes dias! Se tivéssimos empregado bem todo aquelle tempo, que doce consolação não sentiríamos ao presente! Mas que dôr, que cruel pesar se o temos perdido? E que triste temor só com a lembrança da exacta conta, que havemos de dar delle!

E que devemos nós julgar do tempo, que temos desgraçadamente empregado no jogo, nos espectáculos, e nos divertimentos inuteis, e ainda pecaminosos, e nas assembléas mundanas? Ah! duas terças partes da vida estão perdidas; e ainda talvez o mesmo tempo mais bem empregado, tenha necessidade de penitencia; e que devemos nós ainda esperar, para nos converter de todo?

Aproveitemo-nos ao menos do tempo, que nos resta; a carreira da nossa vida está determinada, e a cada momento nos estamos a visinhando ao seu fim.

Lembre-mo-nos, que virá algum dia, em que já nos não poderemos aproveitar do tempo; porque será seguido da Eternidade: *Et tempus non erit amplius*. Usemos pois bem do tempo, que nos resta, e não percamos daqui por diante hum só momento; *Ergo dum tempus habemus, operemur bonum*.

Se quando nós vamos a essas assembléas mundanas, aonde reinaõ as delicias, e a ociosidade, cuidásemos nos desejos, que os condemnados tem inutilmente de terem huma parte desse mesmo tempo, que alli perdemos; se considerásemos no pesar, que nós mesmos teremos á hora da morte, e talvez por toda a Eternidade, de termos perdido momentos tão amaveis, e tão preciosos; soffreríamos socegadamente, sem alteração, e com prazer, huma tão grande perda? Mas por ventura, por se não
cui-

cuidar nisto, he menos verdade, que tênhô feito esta perda? He menos verdade, que algum dia me causará desesperaçãõ o te-la feito? He menos verdade, que detestarei com horror, mas sem fructo, esses jogos, essas conversaçõens, e vãos entertenimentos, essas assembléas, aonde se perde tanto tempo?

Que favor, meu Deus, que graça, se desseis hum dia a hum infeliz condemnado, ou áquella pessoa, que morre neste momento em peccado! Como não usariaõ bem delle! E não me estais fazendo vós a mim esta graça? Vós ainda me concedeis este dia, talvez ainda este mez, e este anno, e eu fico occioso! E abuso de hum tão grande favor! E perco este tempo! E não me aproveito de huma tão grande vantajem! Porém Senhor, não será assim, não se dirá que estas luzes, estes bons affectos, e sentimentos, estas reflexoens são inuteis. Conheço a singular graça, que me fazeis, quero corresponder a ella, e nada no mundo me fará já perder hum só momento.

TERCEIRA MEDITAÇÃO

Para o mez de Julho.

Dos pesares, q̃ tem hum peccador na morte.

I. PONTO.

Quaes são os pesares, que tem os mundanos por não terem feito o que podiaõ, e deviaõ fazer, quando já não estão em estado de fazerem o que deixaráõ de fazer.

Confidéra, que as dôres do corpo, que padece hum moribundo, não são as que o atormentaõ mais; a sua alma lhe faz ainda padeccer mais cruces penas. A

A Fé viva de huma pessoa que morre, (porque por mui dissoluto, por mui incredulo, que hum tenha sido na sua vida, entã erê verdadeiramente) a vista clara, e distincta das suas obrigaçoens, a lembrança das suas desordens, os tristes resfos de hum tempo, que se vai acabando, as vilinhanças de huma horrivel, e espantosa Eternidade, que quasi está principiando, a implacavel severidade de hum juizo decisivo, e irrevogavel, o desamparo de todos os bens creados; que desaparecem, depois de terem divertido, e entretido por tanto tempo, os vivos, e picantes remorsos de huma consciencia justamente inquieta, finalmente o passado, o presente, o futuro, tudo horroriza, tudo afflige, tudo concorre á entregar huma pobre alma aos mais cruéis, e tyrannos pezares.

Em quanto a vida dura, a Fé da maior parte dos Christãos está meia extincta; crêm, isto he, não seguem erros até chegarem a ser infieis; mas crêm taõ frouxamente, que apenas se pôdem chamar Christãos.

Na morte todas as falsas preoccupaçõens desaparecem: as mais fortes paixõens se extinguem, a Fé se á viva, e faz ver as verdades mais terribes em huma taõ grande luz, que ninguem se atreverá a duvidar dellas.

Conhece-se entã bem sensivelmente o fim, para que estavamos na terra. Só Deos devia ser o objecto do meu amor, e da minha veneraçã, e o Ceo o objecto dos meus desejos. Oh Deos! que dôr, e que cruel afflicçã! Que pesar, por ter totalmente empregado o amor em outra cousa! Que desconsoaçã! conhecer só no fim da carreira, que se há errado o caminho!

Naõ me faltavaõ motivos para servir a Deos; a minha razaõ bem me fazia ver o que devia fazer, achava o meu interesse todo nas minhas obrigaçoens:

que consolação não seria agora para mim, se tivesse passado os meus dias no serviço de hum tão bom Senhor! Ah! quantos convites, quantas urgentes, e efficazes sollicitações! E com quantos favores este tão amavel Senhor tem suavizado os meus trabalhos! E eu não quiz servi-lo! Olhei com o coração insensível ao meu Deos expirando por mim em huma Cruz; todos os seus beneficios não poderaõ vencer a minha insensibilidade: morro agora com a viva impressãõ, que fazem no meu coração, tão crueis reprehensões; e que dôr pôde haver mais viva? Que pesar mais sensível?

Podia haver alguma cousa para mim, que podesse entrar em competencia com hum Deos? Que razão tinha eu para não o amar? Que motivos não tinha para o amar de todo o coração? Que cousa achava eu em o seu serviço, que me enfastiasse? Havia acaso dois Senhores, para deliberar a qual dos dois havia de servir? E quando houvessem dois, a quem devia dar a preferencia? He bem infeliz aquelle, a quem Deos não basta.

A quem devo a vida? Quem morreu por mim? De quem posso eu esperar huma Eternidade feliz, e quem me pôde condemnar aos tormentos eternos? Oh Deos! nada disto ignorava eu, diz hum moribundo, e com tudo escolhi outro Senhor para servir.

He hum artigo de Fé, que o seu jugo he suave, e o seu pezo leve. Quando a minha paixão me faz tudo isto insupportavel, mudou ella a ordem destas cousas? Fez falso este Divino Oraculo?

A minha imaginação formou monstros, os quaes não existião. Nada era mais facil, que desvanecer todas estas quimeras. Eu achei gosto em as nutrir, para ter o pretexto de não servir a hum tão bom Senhor: agora que se desvaneceraõ todos estes fantasmas, e que vejo bem distinctamente, que não eraõ mais, que humas vãs apparencias; Que dôr, que
cruel

cruel pesar, por ter condescendido com estas puras idéas antes, do que com a razaõ, com a palavra do mesmo Deos, com a experiencia de tantas pessoas, e do que com a sua graça!

Pôrem em serviço de quem passei eu os meus dias, servindo ao mundo? No serviço de huma multidão de pessoas ociosas, vãs, allienadas da razaõ, a maior parte dissolutas, quasi todas sem merecimentos. As suas idéas caprichosas forão para mim inviolaveis leis; que attençaõ para não as quebrar! Que violencia me não fazia para não lhes desagradar.

Aquelle moço dissoluto, aquelle homem de reputação perdida, aquella mulher mundana, a fabula de toda huma Cidade, fazia huma parte desse mundo, a quem eu servi com tanto cuidado, q̄ preferi ao meu Deos, e de quem quiz ser escravo. Exaqui o idolo, a quem offereci os meus incensos; exaqui os senhores, a quem quiz agradar: concebei agora a amargura desta dôr, deste pesar! Hum moribundo sente entãõ huma indignação taõ violenta contra si mesmo, que elle não tem peor inimigo.

Eu desprezei inteiramente a minha salvação; consumi nos negocios temporaes todo o meu tempo; aquelles grandes bens, que me custaraõ tantos suores, e pelos quaes sacrifiquei a minha saúde, o meu repouso, e a minha alma, esses bens, digo, não seraõ para mim. Trabalhava para os meus herdeiros, elles já estaõ de posse delles, dispoem de tudo, e em seu nome se pagaraõ já os meus funeraes; e para ajuntar todos estes bens; eu me perdi para sempre.

Oh Deos! que perdição, que loucura? Estava eu em meu juizo? Aonde estava a minha razaõ? Porque furor me tinha feito taõ inimigo de mim mesmo? Os filhos, os herdeiros, para quem

unicamente trabalhei, ficar-me-haõ muito obrigado, por me ter perdido por amor delles? E ainda que ficassem, de que utilidade me seria ao presente o seu agradecimento? Oh! se tivesse eu trabalhado tanto para mim, como trabalhei para elles! E porque o naõ fiz? Lucrava eu muito, em que ficassem elles muito á sua satisfação na terra, indo eu arder nos Infernos? Compreendi bem, que cruel agonia causarãõ estes pezares.

Movido por hum livro de piedade, horrorizado com hum accidente, defenganado pelas reflexoens saudaveis, tinha eu formado o designio da minha conversãõ: quem me impedio o executa-lo? Aquella companhia, aquelle amigo, hum vaõ horror, o respeito humano, isto he, o temor de irritar o depravado genio de hum homem dissoluto, q̃ naõ podia soffrer, que fizesse eu as minhas obrigaçoens, e que fosse virtuoso; exaqui o monstro, que me horrorizou, exaqui o obstaculo invencivel, que me desanimou. Oh! e que triste pesar por ter sido taõ cobarde!

Gustans gustavi paullulum mellis, & ecce morior! Que hum prazer de hum momento, me venha a custar taõ caro! Dizia Jónathas: funesta, e triste doçura, que só gostei de passagem, e muito superficialmente; tu me custas a vida. Naõ tomei mais, que huma gota de mel de passagem, & *ecce morior*, e por isto morro!

Que prazer há, que satisfaça menos? Que doçura mais vã, que a que gostei em os espectaculos profanos, nos jogos, nos entretenimentos muito engraçados, e alegres, e nas assembléas mundanas? Com que amarguras naõ foraõ misturadas todas estas alegrias? Havia em tudo isto alguma cousa, que pudesse nutrir huma boa alma, e occupar hum animo Christaõ? Tudo eraõ afflicçoens, ou dissimuladas, ou disfarçadas com os attractivos, passatem-

pos,

pos, alegrias falsas, e apparentes. *Gustans gustavi paululum mellis.* Ah! não podia haver cousa mais pequena, & *ecce morior*; e he verdadeiramente isto, o que me faz perder huma felicidade eterna, he esta a causa da minha perdição. Hum moribundo sente tudo isto, diz tudo isto, e nestes vivos sentimentos de dôr, e de desesperação expira.

Tinha vergonha de passar por devoto: e por ventura o ser Christão, o ser servo de Deos, fazer a minha obrigação era algum crime?

Eu não cuidava mais que em divertir-me, e passar o tempo: e este tempo assim passado, e perdido desgraçadamente, dispensava-me da conta, que delle havia de dar algum dia?

Gloriava-me, e tinha por honra o ser máo: que maior loucura, do que applaudir-me a mim mesmo, por ter attrevimento de me precipitar rindo-me, o de tomar o veneno sem repugnancia, e sem temor?

Que triste, que terrivel cousa será fazer huma pessoa estas reflexoens em o mesmo momento, que está para expirar; ter diante dos olhos todos os meios tão accommodados, que teve para cuidar na propria salvação; tantas inspiraçoens santas, tantos motivos tão fortes, e efficazes para se converter; a facilidade, e ainda o prazer, que havia em fazer as proprias obrigaçoens; tantos exemplos edificativos: e ver ao mesmo tempo o abuso, que fez de todos estes soccorros, ver com que pertinacia há rezistido ás mais fortes inspiraçoens, e sollicitaçoens da Graça; com que capricho, com que loucura, com que furor recusou o converter-se; e ver, e sentir, que já não há tempo para o fazer, e morrer nestas crueis dôres, e pesares, nestas afflictçoens, nesta raiva!

Honras, que tanto me cegastes; enfeites, e ornatos, que tanto me custastes; prazeres, gostos, que

que tantas vezes me fizestes gemer ; alegrias mudadas seguidas de lagrimas , quantas vezes vos não tenho eu condemnado ? E porque razão não segui então os meus sentimentos !

Eu invejava a paz , e tranquillidade das almas virtuosas , a Graça me convidava , e sollicitava tão vivamente a imita-las : que dôr , que pesar , que desesperação , por não ter correspondido a estas graças !

Exaqui estou chegado ao termo do desprezo , que fiz das leis mais sagradas , da obstinação terrível no mal , das murmuraçoens impias das mais terriveis verdades da Religião ; dei em toda a minha vida huma scena ao publico , exaqui estou despojado de todas as cousas : ó funesta , ó tragica espoliação !

Oh ! se tivesse seguido o exemplo daquella pessoa tão virtuosa , que , mais sábia , e mais prudente , do que eu , não esperou a ultima hora para arrepende-se , e emendar-se ! Oh ! se eu tivesse perseverado no caminho da virtude ! Oh ! se me tivesse convertido naquelle dia ! Ah ! que consolação não teria agora ! Que alegria ! Eu o podia fazer : ah ! e se o tivesse feito ! Porém não o fiz , e assim morro.

Eu tinha por miseraveis aquelles , que devião ser para mim hum objecto de inveja : aquellas pessoas de huma bondade tão exacta , de huma piedade tão exemplar , de huma virtude tão constante. Tinha eu razão de me applaudir destas minhas dissoluções ? Elles eraõ bons , e eu não o queria comprehender : elles eraõ bons , eu o confesso agora : porém ó confissão inutil , confissão terrível , amargo , e esteril pesar !

Ergo erravimus : he esta pois toda a conclusão da minha vida : he preciso pois , que ao menos na morte faça justiça á piedade Christã : a minha confissão há de agora fazer honra á justiça , ainda que seja o pesar , e a desesperação , em que estou , quem ma arranca : oh Deos , que tormento , quando se expira nestas crueis dôres !

Não

Não permittais, meu Divino Redemptor, que depois de eu ter feito estas reflexoens todas, venha algum tempo a experimentar o que medito. Tenho bem razaõ de me arrepender do passado, a minha iniquidade está continuamente diante dos meus olhos; mas ao menos tenho a consolação de saber, que os meus pezares podem ser menos inuteis presentemente. Eu me arrependo, e me peza de vos haver servido taõ mal; a minha perfeita conversão será o fructo da minha penitencia: peço-vos que me deis a graça da perseverança, e que não permittais que os sentimentos, e bons affectos, que agora tenho, me sejaõ motivo de novos pezares.

II. PONTO.

Reflexoens sobre os pezares, que tem hum mundano na hora da morte.

Considera, que nada há mais sensivel, e que mais afflija, do que hum arrependimento inutil, seguido sempre da desesperação; taes são os pezares dos impios, e dos indevotos no momento, em que expiraõ.

Cuidar huma pessoa, que teve huma perfeita liberdade para obrar bem; que soube perfectamente as suas obrigaçoens, e que não as quiz cumprir; que indignação sente contra si mesmo, quando vê que só a si deve a sua desgraça!

Quizera poder attribuir esta desgraça a outro; seria na verdade a afflicção menor, ao que parece: mas de nenhuma sorte se pôde isto fazer. Já se não diz, que foi aquelle companheiro, o natural, ou a idade, que causará tantas defordens; faz-se entãõ huma confissão sincera, que houveraõ bastantes graças para se aproveitar do fan-

fangue do Redemptor; sente-se bem manifestamente, que aquella fraqueza humana, de que se valia como de pretexto para desculpar as proprias quedas, não era mais que a má vontade; em fim cada hum vê naquelle momento, que foi elle mesmo o unico artifice da sua perdição.

Oh Deos! Ver-se huma pessoa naquella hora na ultima desgraça, e ver que esteve na sua mão o poder-se livrar della; cuidar que Jesu Christo tinha dado todo o seu fangue, para nos fazer sumamente felices: comprehendei a vehemencia desta dôr, deste pesar, desta desesperação, desta raiva!

Se ao menos todos aquelles, com quem tinhamos vivido nesta vida, tivessem a mesma sorte, lá parece que achariamos menos amargura na propria desgraça: porém quando vemos que aquellas pessoas, que não tinham menores obstaculos, nem maiores soccorros, que nós, se salvarão, e ao mesmo tempo, que o Inferno vai ser a nossa herança; com que movimentos de cólera, e de indignação não seremos agitados contra nós mesmos!

Quizeramos então nunca ter existido nesta vida; porém podiamos nós ter maior felicidade, que ter sido creados para o Ceo? E porque razão não quizemos chegar a elle? E sabendo, que não havia mais que hum Deos, para que quizemos servir a outro Senhor? Oh, que horrivel tormento causarão estes pensamentos!

E que será se tivéremos previsto todas estas reflexões, em quanto estavamos com saude; se tivermos tremido só com o pensamento de hum estado tão funesto, e lastimoso; e que não obstante todas estas reflexões, e todas estas saudaveis advertencias, venhamos a achar-nos neste estado?

Creemos nós, que teremos algum dia estes mesmos pesares? Certamente somos bem privilegiados, se nos não achamos com alguma razão de

de temer. Porém se tememos, se cremos que algum dia havemos de sentir hum vivo, e desesperado arrependimento de ter vivido, como vivemos, de ter sido, o que somos, e que o havemos de sentir sem fructo, e inutilmente; como podemos dilatar huma hora a nossa conversação?

Teriamos alguma desculpa, se ao menos as mesmas preoccupações, que nutrem o nosso erro, subsistissem naquella hora; se as mesmas paixões, que ao presente cegaõ o nosso entendimento, podessem então fazer o mesmo effeito; porém todos esses nevociros se dissipã, julga-se então justamente, e sem preoccupação das cousas, não quizeramos então ter tantas luzes, nem descobrir tantas verdades; mas ellas se nos apresentam, como contra nossa vontade: cremos, vemos, trememos, e desesperamos, e nisto morremos.

Que impressãõ mais dolorosa, do que a que faz a lembrança dos meios, e do tempo, que tínhamos de evitar huma tão grande desgraça? Bons, e saudaveis pensamentos, discursos Christãos, livros pios, e exemplos de edificação, funestos accidentes, mortes imprevistas, tudo contribuia a fazer-me prevenir o perigo.

Que vantagem, que proveito não podia eu tirar do uso dos Sacramentos? Oh dias excellentes, que não teria eu ganhado, se não vos tivesse querido perder!

Considera-se então o que se podia merecer a cada instante; que excellentes momentos mal empregados! Hum tempo tão precioso, que só me era dado para trabalhar na minha salvação, devia ser empregado, e consumido no jogo, nos espectaculos, condemnados tantas vezes pelo Evangelho, em entretenimentos vãos, e em cousas que nada valem? Ah! E que não tenha eu agora alguma daquellas horas, em que enfadado da
minha

minha ociosidade, só cuidava em passar, e em perder o tempo! Que não tenha eu ainda a mesma faude! Que não esteja na mesma idade, em que estava, quando perdi o tempo! Ah! como usaria ao presente daquelles preciosos momentos! Eu os tive, e eu os perdi. Ah! Como seríamos então promptos em obrar o bem! Mas já não há tempo.

Que differença de affectos em hum homem dissoluto, quando tem Perfeita faude, e quando está na hora da morte sem forças! Elle he o mesmo homem, mas tem elle os mesmos pensamentos, e a mesma fereza? Murmura elle então das verdades terriveis da Religião, com a mesma afronta, e com a mesma impiedade? Olha com compaixão para as pessoas virtuosas? Aplaudde-se a si mesmo, por não ter sido devoto?

Já se ao menos estes crueis pesares fossem uteis para alguma cousa, se destes pesares se fizesse hum verdadeiro arrependimento: mas esta dôr tão viva, e toda natural, que a lembrança dos proprios peccados causa, se faz excessiva com a vista do perigo presente, o fim do tempo, e dos meios de a reparar, se muda em huma verdadeira desesperaçã.

Eu poderia ser hum santo, e sou hum reprobado. Perdi tudo, graças, felicidade eterna, bens, honras, trabalhos da vida; finalmente perdi o meu Deus, e perdi tudo isto só por minha culpa: que amargoso será este pensamento, esta confissã, este pesar! Quanto affligirá elle a hum moribundo! Porém o temor desta cruel dôr, e deste triste pesar, não deve fazer impressã alguma naquelles, que ainda vivem?

Se não me aproveito destas reflexoens, que pesares, que dôres não vou ajuntando para aquella hora? E que amargura terei eu, considerand

então

então em o que eu tinha meditado neste dia de Retiro?

Para que he pois fazer ao presente, o que me causará desesperação have-lo feito! E se hei de ter hum tão grande, e eterno pesar, e huma tão cruel dôr de não ter feito as obrigaçoens de Christão; porque não as hei de fazer agora?

Ainda que huma pessoa se deixe atordir, e cegar quanto quizer; ainda que faça para si hum systema de consciencia muito á sua vontade, e ao seu gosto, e se deixe regular pelas maximas abraçadas no mundo: sempre será necessario indispensavelmente chegar a este fim. Esse mancebo livre, e dissoluto, terá algum dia sentimento mortal, de ter dado huma inteira liberdade aos seus sentidos, de ter seguido as suas paixoens, de ter andado nas intrigas do mundo.

Esse mundano sentirá huma dôr insupportavel de ter tido por regras só a sua ambição; de ter sacrificado tudo aos seus interesses; de se ter entregado como hum escravo, ás perniciosas maximas do mundo.

Essa mulher mundana desesperará algum dia, por ter perdido tão excellentes horas em se enfeitar; por ter estado, e fazer huma parte nos divertimentos; por ter sacrificado á paixão do jogo o seu cuidado domestico, e da sua familia, e ter-se achado em os espectaculos profanos. Em huma palavra, todos aquelles, que tiverem desprezado a sua salvação, terão hum sentimento mortal, huma cruel desesperação, por terem dilatado a sua penitencia.

Não permitais, Senhor, que eu seja deste numero: eu já tenho bastantes razoens para me arrepender, e ter saudades do tempo perdido. Ah! que funesta experiencia não teria eu do que acabo de meditar, se morresse dentro de poucas horas!

Vós

Vós não me dais ainda este tempo, meu doce Jesu, senão para evitar huma tão grande desgraça. Eu não abusarei da vossa infinita misericórdia; acabai a vossa obra, e dai-me a graça, que vos peço com todo o meu coração, de me converteres neste momento.

Bem fei, meu amavel, e Divino Salvador, que muitos se tem condemnado, depois de terem feito na sua vida reflexoens semelhantes, ás que acabo de fazer: porém isto mesmo augmenta a minha confiança, augmentando-se-me o desejo, que tenho, e a resolução, que tomo, de não seguir o seu exemplo, e de aproveitar-me da sua desgraça.

Que! Senhor, estou ainda em estado de prevenir aquelles crueis pesares, de evitar aquella summa desgraça; e ainda porei hum só momento em me deliberar sobre o partido, que hei de tomar? Ah! essas conversações livres, esses companheiros da minhas desordens, essas desgraçadas intrigas, os prazeres, os espectaculos profanos, a vida delicada, não de ser certamente para mim huma fonte fecunda de dôres, de raiva, de arrependimento, de desesperação no fim da minha vida: eu ainda não tenho chegado a esta hora pela misericórdia do Senhor; e duvido hum instante em fazer parar esta desgraçada fonte, reformando os meus costumes?

Ah, meu Deus! eu vos dou infinitas graças, pela que me fazeis; eu não duvido mais, não me ponho já a deliberar; rompo neste momento todas as cadêas, que atéqui me tem preso; renuncio de boa vontade todas as minhas desordens; eu as detesto, e abomino, e me converto já neste mesmo instante.

MEDITAÇÕES

Para o dia de Retiro do mez
de Agosto.

PRIMEIRA MEDITAÇÃO.

*Da falta de sinceridade, que se acha na
vontade, que a maior parte dos
Christãos tem de se salvarem.*

I. PONTO.

*Para huma pessoa querer sinceramente salvar se,
he necessario tomar os meios para isso.*

Confidéra, que ninguem há que não diga, que tem vontade de se salvar; mas há poucos, em quem esta vontade seja sincera. Não há peccador tão endurecido, que não diga algumas vezes, que quer converter-se: não há Religioso tão tibio, e tão relaxado, que não julgue querer de algum modo chegar á Perfeição: não há Christão tão imperfeito, que não fórne algumas vezes o designio de viver huma vida mais regular: porque não há homem tão louco, e tão inimigo de si mesmo, que queira perder-se; e todos sabem, que o mesmo he não se querer converter, que querer-se perder.

Porém quando huma pessoa se contenta só com dizer que se quer salvar, sem tomar os meios para isso; mostra nisto quando muito, que tem aquelle bom pensamento, mas de nenhuma forte a vontade. He